CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

PRIMEIRO VOLUME

FLORES E AMORES

LISBOA

ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 10

1858

INTRODUCÇÃO

Em duas diversas epochas, com dois titulos differentes, annunciei a publicação dos meus versos, e de ambas as vezes deixei o annuncio por mentiroso.

Não me arrependo; ainda me não arrependi até hoje.

De annunciar a publicação, sim; de deixar de publicar, não.

Quando deitei o primeiro pregão, estava ainda nos bancos da Universidade. Incitaram-me a isso applausos e instancias de amigos, talvez cegos pela amizade e de certo tão inexperientes como eu, que

os attendi, ao principio, porque tambem a vaidade de criança me andava seduzindo para lhes dar ouvidos.

Por fortuna, depois, ora com a preguiça ora com a reflexão, resisti a mim e a elles.

D'elles me lembra, entre outras, uma batalha em forma que me deu o meu excellente e particular amigo *A. X. Rodrigues Cordeiro*, em um dos caes do Mondego, com aquelle fogo que a sua organisação accende em todos os affectos generosos. Arrufamo-nos até. Outro meu bom amigo, que tambem estava presente, *Augusto José Gonçalves Lima*, foi quem deitou agua na fervura d'aquelles amigaveis enfados.

Permittam ambos que aqui lhes cite os nomes para desafogo da saudade d'esse tempo, e para solemne tributo de agradecimento.

Mas ainda bem que não publiquei tudo quanto então publicaria! N'essa parte morro impenitente.

Sabem do que me tenho arrependido? É da publicidade que dei nos jornaes a muitos versos de então. Verdade, verdade, a fogueira estava chamando por grande parte d'elles.

Entretanto a indulgencia do publico, que foi grande, os gabos com que, pela imprensa, me ani-

maram pessoas, que já não faziam declinar a competencia por suspeitas, visto que, a esse tempo, ou eram pouco, ou não eram, do meu conhecimento, tudo isto me ia fazendo mandar mais versos para os jornaes, e authorisava novas instancias. O amor-proprio já se sabe que repetia, e com maior força, as suas lisongeiras persuasões.

Não posso deixar de me referir principalmente ao senhor *Antonio Feliciano de Castilho*, que na Revista Universal me coroou por tantas vezes com um favor mais que generoso. Tome para si a culpa que lhe cabe, que não a teve pequena, no segundo annuncio da collecção dos meus versos, alguns annos depois do primeiro.

Metteu-se, porém, a politica de permeio a levarme o tempo, foi-se-lhe ainda reunindo novamente a reflexão, e faltei outra vez á promessa.

Poucas coisas terei que agradecer á politica, mas a parte que n'isso teve, de todo o coração lh'a agradeço. Dos versos que então publicaria, já atirei muitos ao lume.

Aqui tem, pois, o publico como me desculpo dos annuncios a que não satisfiz. É penitenciando-me,

diante d'elle, pela parte em que cedi á vaidade, e applaudindo-me d'aquella em que lhe escapei.

Mas agora? Agora, já que não tive mão em mim que não fosse sempre publicando, mais ou menos, aqui e além; já que tanto cresceu o numero d'esses filhos dispersos, que não posso nem devo enjeitar, muito mais quando no Brasil tiveram a caridade de lhes dar casa em um volume, onde os reuniram, e que me está accusando de pae desnaturado; já que o juizo publico tem continuado tão benevolo, no reino, e até fóra d'elle, não havia outro remedio.

Collegi o que achei nos jornaes e nas minhas gavetas, e em tudo emendei alguma coisa.

Os meus receios são os mesmos; supponho, porém, que os aleijões já não serão tantos nem tão grandes.

Com a divisão que fiz nos tres volumes, quiz separar, até certo ponto, as epochas a que correspondem, embora em todos elles haja composições que, pelo rigor das datas, não lhes pertenciam. Mas são poucas, e, em todo caso, o genero de idéas exigia aquella collocação.

Procurei, quanto pude, que as correcções não al-

terassem as feições caracteristicas. No que, em vez de physionomia, me pareceu deformidade, cortei sem dó; o resto, onde ainda havia bastante que podar, cuidei que era de minha obrigação deixal-o. Intendi que no pequenissimo logar que os meus versos hajam de tomar, se tomarem, nas lettras patrias, fazia mais serviço em assignalar o caminho com as minhas quedas, do que em pôr-me agora, com as minhas idéas de hoje, a querer endireitar de todo corcovas, que já me pareceram bellezas, que pertencem de nascença ao corpo em que estão, e que Deus sabe se por fim não ficariam como aquella gambia de que falla Bocage—tortas para o outro lado.

Tem-se dito que introduzi, ou fiz correr, certa forma nova nas composições lyricas, e até com esta prioridade me argumentavam alguns para eu me não ficar atraz em reunir o que andava pelas folhas politicas e litterarias, receiando que tambem assim ficasse atraz dos mais na historia que se fizesse da nossa poesia moderna.

Não sei se se ha-de fazer tal historia, nem se lá hei-de ou devo entrar, como não sei se fui adiante ou atraz de ninguem.

Mas se fui adiante em alguma coisa; e se n'isso fiz bem; o que me podia dar cuidado, era que o bem se perdesse. Como se não tenha perdido, se com effeito se não devia perder, isso é que importa.

O mais para que serve? Pois eu, que não tenho senão que agradecer e confundir-me pelo constante obsequio dos contemporaneos, pelo logar de honra que, com demasiada deferencia, me teem dado collegas que valem muito mais, havia de andar ahi a correr para apanhar o futuro e metter-lhe na cabeça as minhas presumpções? Deus me livre.

Tomara eu merecer devéras, o que o presente me tem concedido com mais liberalidade que justiça.

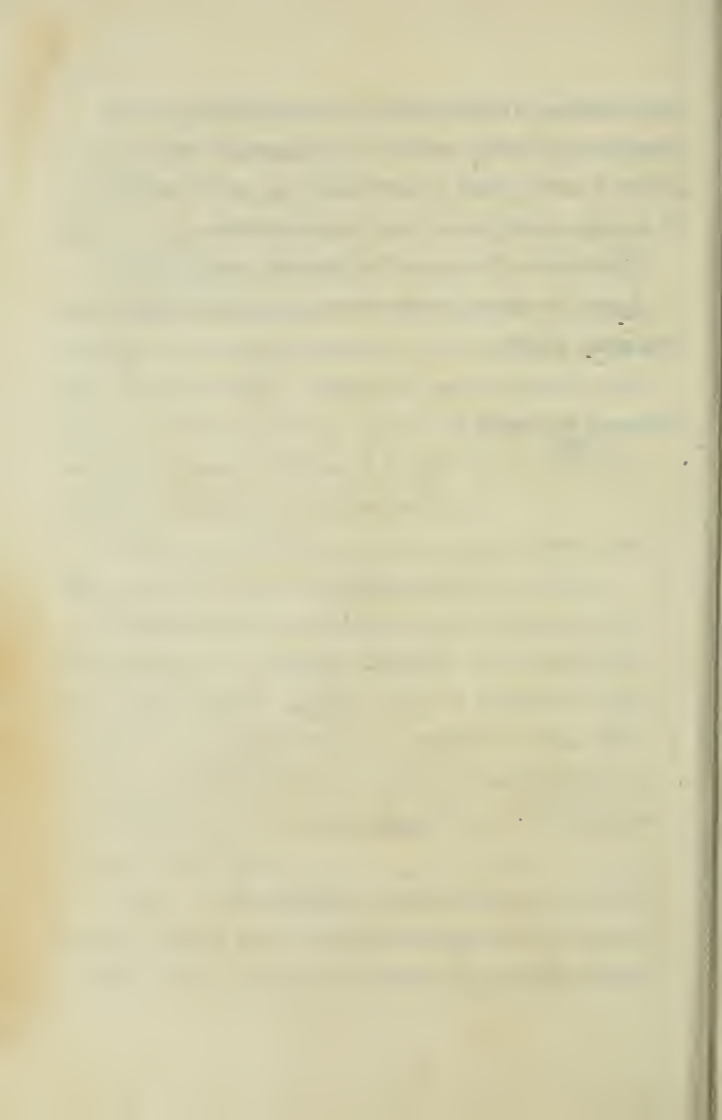
Fallo aqui n'isto para dizer, que algumas fórmas novas que se encontrarão n'este volume e nos seguintes, foram simples ensaios, com que pretendi experimentar, se a nossa lingua se prestava, com naturalidade, e com proveito da poesia, a composições similhantes ás que eu via applaudir e admirar em linguas estranhas.

Posso ter sido infeliz na execução; mas se a tentativa mostrar que a lingua portugueza é docil, para quanto d'ella se exija, não quero mais nada. Outros

farão melhor. O ponto está em ficar sabido, que se póde fazer. Ganham os fóros da linguagem patria, e ganha a poesia, com se enriquecer de maior numero de moldes, onde possa vasar o pensamento.

Tenho dado, franca e singellamente razão de mim.

Agora, os meus pobres versos que vivam ou morram como poderem.

Pedrouços 5 de Setembro
de 1858.

I

INVOCAÇÃO

Archanjo da poesia! Vem e pousa
Na lyra ao trovador. Vibra-lhe as cordas
C'os roseos dedos; põe-lhe os sons divinos
Dessa etherea mansão por onde libras
Nas cambiantes azas d'oiro e prata,
Com ceruleos listões de puro esmalte!
Archanjo! Ao trovador, teus doces risos,
Nas illusões d'amor, banhem seus versos;

Engrinalda-lhe a lyra co'as papoilas
Que nos campos do céu á noite brotam:
Um beijo teu, na fronte, venha dar-lhe
Celeste inspiração aos ardimentos;
Teu halito co'as brisas lhe cicie
Na grenha da floresta amenos carmes,
No perfume da flor canções singelas,
Da rôla no gemer ternas saudades,
Ou, por fisgas de penha alcantilada,
Um rigido cantar, na voz do vento.
Archanjo! Ao trovador ensina, empresta
As mil chaves que tens d'abrir mil cofres
Ou da terra, ou do mar, do céu, do inferno!
Vem, vem, que o trovador, ousado, enjeita
As cançadas ficções da velha Grecia,
Quebra numes d'Ascreu, Musas despreza,
Renega antigas leis, descrê do Olympo,
Deixa Elysios, Parnasos, Hippocrenes,
Bebe do patrio amor nas patrias fontes,
Ama o sol da sua terra, os montes della,
E por Musas te quer, por crença o Eterno,
O mundo por altar, os céus por templo!

II

A JARRA DE FLORES

Porque tens, Julia, esta jarra
Assim defronte de ti?
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

Olha aquella rosa branca,
Fez-se pallida por ver
Que eras mais branca do que ella,
E começa a emmurchecer.

Ao pé, um botão purpureo
Vendo a tua bocca sorrir,
Quiz imital-a, e as folhas
Vão-lhe cahindo, ao abrir.

Estes jasmins que vaidosos
Perfumavam todo o ar,
Do teu halito o perfume
Já os fez envergonhar.

O cravo n'haste inclinado,
Quando soberbo te olhou,
De namorado ou raivoso,
O seio todo rasgou.

Os lyrios, porque espreitaram
Atravez desse teu véu,
Com ciumes d'outros lyrios
Enrolam elles o seu.

A propria saudade agora,
Assim que me viu entrar,
Esmoreceu, porque sabe
Que não n'a tornas a olhar.

Não tenhas, pois, esta jarra
Assim defronte de ti,
Tem dó das pobres florinhas,
Tira esta jarra d'aqui.

III

O MEU THESOURO

Eu achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro!... Achei um peito
De candida innocencia, uma alma virgem,
Alma pura no mundo!

E é um cofre d'amor a minha amada!
E tão linda!... o Senhor na face della
Quiz a prova lançar da Omnipotencia,
Confundindo os impios!

E no seu coração tenho as riquezas,
Que quer meu coração! De mim só vive,
Como eu só della, e dá-me riso ao riso,
E lagrimas ás lagrimas!

É casto myrtho, a cuja sombra correm
Serenos os meus dias, como as aguas
De socegada fonte escorregando
Por vivas esmeraldas.

Oh! achei-o, achei-o, entre ruinas,
O meu rico thesouro! Hei-de guardal-o
Qual guarda o avaro o seu; tem dentro a minha,
Como o delle, a sua alma!

IV

A FESTA DA NATUREZA

Do monte as nuas espaldas
Já se vestem de esmeraldas,
Onde a aurora vem chorar;
Perde o céu antigas iras,
E já se alastra em saphiras,
Que, manso, retrata o mar.

Já do seio da floresta
Se escuta um hymno de festa
Ao erguer, e ao pôr do sol;
É a lyra das ternuras,
Que desfére entre verduras
Trovador o rouxinol.

Pula o cabrito na veiga,
Arrulha a pombinha meiga,
Sae a rosa do embrião;
Arde o peixe no Oceano,
E no bosque o tigre hyrcano
Acordou com coração.

Das balsas nos ninhos novos
A mãe plumosa aos seus ovos
Dá do peito almo calor;
Leva o zagal á zagala
Um malmequer, que lhe falla
As fallas do seu amor.

Remoçado a ruga e ruga
Santo velho as cãs enxuga
Á restea do seu casal,
Nas letras da naturesa
Ora soletra a riquesa,
Ora a pobresa annual.

Das boninas ás violetas
As pintadas borboletas
Andam doidas a saltar;
Que voadoras florinhas!
Dizem, rindo, as creancinhas,
Morrendo pelas caçar.

Na corrente chocalheira
Vae a flor da amendoeira,
Que fresca briza apanhou:
Mas tão travêssa como ella,
Colhe-a n'agua uma donzella
E — Primavera — bradou.

Primavera! Primavera!
Brada o homem, brada a fera,
Vendo-a na terra e no céu;
Tudo e gala, tudo é riso,
Que um risonho paraiso
Nos amostra o erguido véu.

Sê bem vinda, sê bem vinda,
Tu do anno, ó noiva linda,
E mocidade, e prazer;
Traz-me aquellas tardes tuas,
Aquellas noites e luas,
Que fazem o teu poder.

Sê bem vinda, minha amada,
Toda em perfumes banhada,
Toda alegria e frescor:
Quero cingir-te um abraço,
E depois no teu regaço
Adormeça o trovador.

V

INNOCENCIA

Eramos ambos, ella e eu, vagando
No Tejo, em leve barco; e ella ainda
Mal contava trese annos.

Ia alta a noite, não havia lua,
Mas via-se o céu todo pespontado
De brilhantes estrellas.

A viração suave ciciava,
E c'os louros cabellos annellados
Lhe brincava, nos hombros.

Ella, meio deitada, tinha a face
Voltada ao céu, e dir-se-hia espelho
Representando um anjo.

Eu então, a seus pés ajoelhado,
Cantei-lhe ao som d'uma toada branda
Esta canção singela:

Tu és linda como é lindo
O alvorecer da manhã,
Tu és rosa como as rosas
Da primavera louçã.

Tu és pura como é puro
Das estrellas o fulgôr,
Tu és pomba como as pombas
De branca, innocente côr.

Tu és manhã, rosa, e pomba,
Tu és estrella sem véu,
Tu és anjo como os anjos,
Que te namoram do céu.

Amanhece-me na vida,
Vem-me n'alma vicejar,
Ó pomba, arrulha d'amores,
Meu anjo, vem-me guardar!

E a formosa innocente aos sons da lyra
Sorrindo adormeceu!... Ai! quem podéra
Dormir nessa innocencia!

Dorme tu, dorme agora; e se inda um dia
Te ha-de o mundo ensinar a velar mágoas,
Dorme ahi para sempre!

VI

A VIOLETA

Como sósinha, e sem medo
No meio d'este arvoredo
Vieste desabrochar!?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Rôxa florinha, não queres
Como os aureos malmequeres
Ser bem fadada d'amor?
Não sabes, modesta flor,
Que os buscam lindas mulheres,
Que os consulta o trovador?

E a rosa, a rosa tão bella,
Que anda sempre na capella
Da namorada louçã?
E o cravo, irmão da manhã,
Que no seio da donzella
Mata d'invejas a irmã?

Ao altar a desposada
Vai d'alvos botões c'roada,
Que a laranjeira lhe deu:
A perpetua, essa vi eu
Sobre as aras regalada,
Ouvindo os hymnos do céu.

Té ao goivo coube a sorte
De ser consagrado á morte
Com piedosa devoção;
Coube-lhe ouvir a oração,
Que ao soterrado a consorte
Lhe envia do coração.

Só tu, violeta, em segredo
No meio d'este arvoredo
Has-de ignorada murchar?
Quem te ha-de aqui vir amar?
Quem ha-de, se este rochedo
Não vê mais que céu e mar?!

Pobre flor! sempre sosinha!
Nem zagala, nem rainha
Se c'roar da pobre flor!
Não vir se quer um pastor
Dizer-lhe aqui—tu és minha,
Quero dar-te ao meu amor!

Não vêr ninguem noite e dia!
E nesta melancholia
Não ser vista por ninguem!
Florinha, comigo vem,
Quero dar-te a quem daria,
Tudo quanto o mundo tem.

Vem ser amada e amante,
E sobre a neve radiante
D'alvo seio recender;
Vem novo mar alli ver,
Ver novo céu mais brilhante,
Vem começar a viver.

Oh! mas não venhas, violeta!
Tem amor de borboleta,
Aquella a quem te ia dar!
Vale mais aqui murchar,
Sem ter dôr que te acommetta,
Do que viver a chorar.

Vale mais; o céu é lindo,
O mar é grande, é infindo,
E noite e dia são teus;
Não mudam mares nem céus,
E, em tuas folhas caindo,
Vais co'a brisa aos pés de Deus.

VII

Á BEIRA DO MONDEGO

Á beira do Mondego é doce, ó lyra,
Teus sons juntar aos sons das claras aguas,
Que ao pôr do sol mais namoradas gemem,
E comtigo gemer, entre o susurro
Dos inflammados beijos que, na margem,
Andam auras subtís furtando ás flores.
Agora que nas cordas da saudade
Mais triste a parda rôla gemebunda

Canta da viuvez queixosa nenia,
Mais triste o coração co'a triste cante
Lembranças de ventura! Unica estrella
Brilhando em céus de ferro ao desgraçado!

Oh! como era formosa a minha Julia
Lá quando, ao pé de mim, por tarde estiva,
Na verde relva pondo a branca face,
Qual perola engastada entre esmeraldas,
Do pobre trovador amava os versos!
Cantava-lhe canções d'amor extremo,
Canções que eu aprendi nos olhos d'ella,
E a cada verso me ensinava, em paga,
N'um mimoso volver mais versos novos;
Jurava-lhe ternuras, que os meus labios
Iam nos labios seus firmar com beijos;
Pintava-lhe depois, nos meus anhelos,
Da enternecida Julia um terno abraço,
E da pintura em meio me sentia
Por laço de marfim já preso o collo.
Como era bella assim! Par'cia um lyrio
Em candido festão alli pendendo!
Ás vezes, por manhã de primavera,
Junto ás aguas de limpida corrente
Ia Julia assentar-se, eu de joelhos
Um aureo malmequer lhe desfolhava

Em seu alvo regaço, e minha sina
Soletrava, tremendo, em cada folha;
Eis d'uma a outra flor erguia os olhos,
Quando a ultima folha me cahia
D'as mãos, c'um *mal-me-quer* sentido e longo...
Mas seu meigo sorrir, qual meiga brisa
A nuvem dissipava, e a flor do prado
Ficava mentirosa aos pés de Julia.
Á noite, n'um barquinho, em lago puro,
Vogavamos sem tino, e da floresta
Suave rouxinol cantava amores,
Festejava da lua a face argentea
Brilhando em céu d'anil, como brilhava
O retrato de Julia, á flor das aguas;
Embalada no barco a minha amada,
A pouco e pouco, ia deixando, languida,
Que o somno nos seus olhos me apagasse
A luz dos meus, o sol da minha vida,
Mas eu logo, de cego, ia buscando
C'os labios accender o lume extincto!
Ah! que ledo já fui, e tive crença
No amor da mulher! Julguei que a rosa
Em botão virginal não tinha espinhos!
Amei como no mundo amar só póde,
No arrebol da existencia, um peito d'homem!

∞

Amei-lhe a alvura da face,
Amei-lhe seus olhos bellos,
Amei-lhe o nacar dos labios,
E seus formosos cabellos.

Amei-lhe as rosas do pejo,
Amei-lhe a tez de setim,
Amei-lhe o collo de cisne,
Amei-lhe a mão de marfim.

Amei-lhe as perlas da boca,
Amei-lhe o braço de neve,
Amei seu ar elegante,
Amei-lhe a cintura breve.

Amei-lhe os hombros de jaspe,
Amei-lhe o seio divino,
Amei-lhe o andar gracioso,
Amei-lhe o pé pequenino.

Amei seus gestos sem arte,
Amei-lhe os prantos da dor,
Amei-lhe as doces palavras,
Amei seu riso d'amor.

Amei-lhe a linda innocencia,
Amei-lhe a casta isenção,
Amei-lhe os seus pensamentos,
Amei-lhe o seu coração.

Amei o ar que bebia,
Amei o chão que pizava,
Amei-lhe as flores da trança,
Amei a côr que trajava.

Amei-lhe os paes e a amiga,
Amei-lhe a canção singela,
Amei tudo o que ella amava,
Amei tudo o que era della!

∞

Que importou este amor? Meus gratos sonhos
Pouco duraram; acordou-me delles
Um dia essa mulher... e hoje suspiro
Saudades do que fui, do que era Julia!...
Baldado suspirar!... Não mais, silencio;
Valor, meu coração, afoga ao menos
Lá dentro as queixas, que não vão contar-lh'as;
Esse gosto lhe falte; não, não saiba
Que hoje, á tarde, por margens do Mondego
Venho co'a antiga lyra recordar-me

Da passada ventura, inda saudoso!
Seccai-vos, minhas lagrimas, seccai-vos,
Que prantos d'homem não os vale nunca,
No mundo, uma mulher... que os paga... em risos!

VIII

A MADRUGADA

Ei-la trajando verdores,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de liza prata,
Na prata do lizo mar.

Salve, rainha formosa,
Festeja-te o lyrio, a rosa,
Dos jardins a mariposa,
Do trovador a canção;
Festeja-te a pastorinha,
Que nas cores te adivinha
Um pensamento, que tinha,
Que tinha no coração.

D'aldêa o sino te chama,
E o moço, que deixa a cama
Porque vae ver a quem ama
Ao pé da encosta d'alem;
Suspiram-te sempre os montes,
Abraçam-te os horizontes,
Choram-te rios e fontes,
Nas fontes d'amor que teem.

Bemdiz-te o velho, e ensina
Á neta, que é pequenina,
Rezas sanctas da divina
Crença, que tem no Senhor;
Bemdiz-te o armento balando,
Do tumilho o cheiro brando,
E o pegureiro cantando,
Cantando magoas d'amor.

Vem, ó linda madrugada,
Vem de violetas c'roada,
Pelas brizas embalada,
Vem nestes campos folgar;
Folga nos céus e na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

IX

UM BRINCO

Por que folgas, infante, ao pé das ondas,
Quando sobem, fugindo, e quando descem,
Perseguindo-as, louquinho ?!
Já lamberam teus pés, já, despeitosas,
Te cuspiram á face a leve escuma,
E sorris-lhes, applaudindo?
Oh! não brinques assim... ai!... foge... foge...
É já tarde!... involveram-te! banharam-te!...
Foge ás vagas do mundo!

X

A ESTRELLA

Eu não tenho na terra os meus amores,
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

∞

Como brilhas no oriente formosissima
Engastada em azul, perla de fogo!
Solitaria, desdenhas milhões d'astros,
Que, em torno, ao longe, te namoram meigos,

Apurando o fulgor; apurem, ardam,
Tambem ardem de inveja; que me importa?
Teu amante sou eu, tu és só minha.
Prendeu-te ao trovador seu canto altivo,
Prendeu-te a aspiração, que lhe vai d'alma,
Deixando cá da terra os vãos affectos,
Amar o que é do ceu, e dar-te ás chammas
Novas chammas d'amor, em aureo ramo,
No altar do teu Deus fulgindo eternas!
Estrella, és minha amante, a ti meu canto,
A ti meu coração, que a crença accende
D'uma luz perennal, que aviva a tua!

∞

Quando, á noite, mimosa vens sorrindo,
Ao erguer do teu veu, já eu, saudoso,
Com a face na mão, do rio á beira,
Te espero ha muito, por colher-te sofrego
Teu limpido sorriso. Alli trocamos
Doces extremos, confidencias doces.
Fallas-me tu d'amor, d'amor te fallo;
Dás-me os claros diamantes com que toucas
Tua candida fronte, eu dou-te a lyra,
Dou-te as minhas canções, que a briza leva
Nas transparentes azas; vens, ás vezes,
Como atrahida pelos meus requebros,

Já mais perto de mim, mostrar-me a face
Com tremente clarão nas frouxas aguas;
Ás vezes, como em zelos, vais fingir-me
Sob a nuvem, que passa, um breve arrufo,
Logo voltando a afagar-me o rosto
Com mais lúcidos raios; e vagamos
Ambos juntos na terra adormecida
Ou nos campos d'anil, onde tu vives!

∞

Aqui, sou eu que das florinhas conto,
Como tem co'a tua luz côr mais suave,
Mais terna voz o rouxinol no bosque,
A fonte mais encanto em seus suspiros,
Mais saudosa impressão o mar e os campos!
Alli, és tu, que do Senhor me contas
Mais altas maravilhas nesses mundos,
Que lhe fervem aos pés; alli, revelas-me
Os segredos da noite; as magas fontes
D'immortal poesia; os sons suaves
Das angelicas harpas; e me ensinas
Onde, do espaço nos abysmos, dormem,
Esp'rando a voz de Deus, trovões e raios;
Ensinas-me o que os ventos vão dizendo,
O que dizem, passando, os meteoros,
As nuvens, o luar, e cada estrella

No scintillante lume! Oh! não, não houve
Nunca entre amantes nem amor, nem fallas,
Como as fallas e amor destes amores!
Eu te amo, linda estrella, eu te amo, e tenho
Dias melhores, por te ver, nas noites,
Que no sol importuno!... E eil-o... já rompe
Por detrás dos outeiros!... Vem de novo,
Assim que se elle fôr; adeus, não faltes;
Adeus, estrella, o coração me levas!

Eu não tenho na terra os meus amores;
Alma afinada pelos sons da minha
Só existe nos céus, é nivea estrella!

XI

MELANCHOLIA

É mais doce que a alegria,
Mais que do riso a impressão,
É mais doce ao coração
A doce melancholia!
Quasi sempre, ao fim do dia,
Vem minha alma procurar,
E sinto o que não sentia,
E gosto de a ver chegar.

Entra, não sei com que chave,
Mas sabe-me n'alma entrar;
Entra meiga, entra suave,
Sem amargura nem dor,
Fallando sempre d'amor,
Do encanto da soledade,
Do céu á noite, da flor,
Que traz ao peito, a saudade!
E eu sinto nessa hora, então,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

Ás vezes leva-me álem
Onde o mar geme na praia,
Mostra-me o sol que desmaia,
Mostra-me a escuma que vem
Ferver nas pedras redondas,
Mostra-me ondas sobre ondas,
Um barco ao longe a passar,
As estrellas que começam
Pouco a pouco a scintillar;
E quer que os olhos se esqueçam
Alli sem ver, sem olhar;
E eu ponho-os lá esquecidos,
Aqui ou alli volvidos,

E gosto d'assim ficar;
Gosto; e sinto, que a alegria
Não faz tão doce impressão,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

⁂

Ás vezes, faz-me assentar
Junto á fontinha sonora
E c'os prantos que esta chora,
Diz-me que aprenda a chorar;
Diz-me que ha chòro sem magoas,
Que vem d'um longo scismar,
D'um scismar ao pé das aguas,
D'ouvir as aves cantar,
E que d'íntima ternura
Só de scismada ventura,
Nos cahe, sem mesmo o cuidar;
Diz-me que então, acordado,
Se pode um sonho sonhar,
Sonho futuro ou passado,
Visão de longe a acenar;
Um sonho que pouco dura,
Que tem tristeza e doçura,
Que é virgem celeste e pura,
Que desce á terra sem véu,
Que vem c'roada de flores,

Que diz amor aos amores,
Mas vôa depois ao ceu!...
E eu logo a visão lá vejo,
Chóro, e sonho, e scismo então,
Na lembrança ou no desejo,
E gosto dessa impressão,
E sinto no que eu sentia,
Que é mais doce que a alegria,
Que é mais doce ao coração
A doce melancholia.

XII

AS QUATRO EDADES DA MULHER.

(Imitação de Millevoie.

Quatro caixinhas resumem,
Segundo diz a exp'riencia,
Das mulheres, quasi sempre,
As estações da existencia.

A primeira, em tenros annos,
Guarda os doces *rebuçados*,
A segunda, inda mais doces.
As cartas dos namorados.

Guarda depois a terceira
Comprada côr, que pintando.
Vai na face as falsas rosas
Quando as outras vão murchando.

E por fim, quebrado o espelho,
Chegado o tempo da lei,
Toda a ternura se encerra
Na caixinha do *Agnus Dei*.

XIII

O MEU SÃO JOÃO

Já da rainha das noites,
Noite dia a tantas almas,
Já sinto estalar as bombas,
Sinto a grita, sinto as palmas.

Rompe as nuvens o foguete,
E lá nos céus estrugiu,
Brilhou, morreu, e ligeiro,
Volta, desce, alem caíu.

Crepitam rubras fogueiras,
Dança a donzella cantando,
Canta e dança o namorado
Na viola suspirando.

Aqui um rancho apparece
Co'as alcachofras na mão,
Que vem saber na fogueira
Segredos do São João.

Alli gemendo o pinheiro
Co'a labareda abraçada,
Vem a terra, e toda a turba
Solta unisona risada.

E brilham roupas nevadas
Ao baço clarão da lua,
E tudo corre dos lares
Alegre de rua em rua.

Mais d'um somno descuidado
Agora o estrondo quebrou,
Só de velhos; que entre as rugas
Rosa d'amor se murchou.

De velhos, por que de gelo
Cobre a edade o coração:
De velhos, a quem deslembra
A noite de São João.

Tudo o mais anda velado,
Tudo de risos se esmalta,
Tudo alegre ao som dos vivas
Por sobre as fogueiras salta.

Esta é a noite dos segredos,
Noite d'amor e ciumes:
Quantos não nascem, não morrem
Hoje á volta d'esses lumes!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

Este aqui a sorte espreita
Dentro da urna singela,
Sae um nome... geme e diz
Não é este o nome *d'ella*

Aquelle as estrellas conta,
E se a conta não mentiu,
Cada estrella lhe promette,
Outra estrella que elle viu.

Esta da fonte ou do rio
Guarda as aguas salutares,
Onde n'um ovo se escrevem
Ou venturas ou pesares.

Aquella tem seu destino,
Todo fechado nas flores,
Hade ler em cada folha
A historia dos seus amores.

Qual na areia faz a cova,
E lá se enterra o dinheiro,
Que deve sair propheta
Depois do dia terceiro.

Qual no prado, qual na fonte,
Que tem moiras encantadas,
Aguarda da sancta noite
As donosas orvalhadas.

Todos sabem um segredo,
Com que do íntimo seio
Vão arrancar nesta noite
Occulto segredo alheio.

Só eu não tenho uma sina,
Só eu não tenho um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Oh! quem podera nesta hora
Das prophecias d'amor
Ouvir á bella das bellas
A sina do trovador!

A fogueira de seus olhos
Já queimou minh'alma inteira:
As outras fogueiras fallam,
Só não falla esta fogueira!

Reverdece o orvalho as flores,
Hoje crestadas na chamma,
Só meu pranto na flor d'alma
Tão baldado se derrama!

Nem esta noite d'encantos
Me desencanta o futuro,
Cede amor hoje aos mais tristes,
Só não cede ao meu conjuro!

Té os moiros na Moirama
Tem nesta noite um condão,
Só eu não tenho quem leia
Dentro do seu coração!

Retumbam por toda a parte
Os folguedos d'alegria,
Só eu comtigo me abraço,
Mimosa melancholia.

XIV

N'UM ALBUM

Tem mil folhas este livro,
Mil nomes talvez terá;
Mas qual folha, mas qual nome
Ao coração fallará?

Esse é livro que, bem sabes,
Mais que uma folha não tem,
Não deve ter; com mil folhas
Quem n'o quizera?—ninguem.

Tem uma só, nem se póde
Mais que um nome lá gravar;
Não é assim? A um só peito
Um só nome para amar.

Quem vir, pois, esses mil nomes,
Que estas mil folhas terão,
Não lhe pareça registro.
Cabe um só no coração.

XV

O CREPUSCULO

Bem vindo sejas com tua luz suave,
Amoroso crepusculo, bem vindo!
Coração de mulher, qual philomela
É todo amor e canto ao pé da noite.
Do amante a voz, então, acha caminho,
Do ouvido ao coração, mais curto e facil;
Toldam sombras o pejo, as faces podem
Osculadas córar, sem que o triumpho
Lá veja o vencedor escripto em rosas;

Melhor se escuta o frémito dos labios,
Suspirando d'amor, pedindo amores;
Póde o *sim* mais sumido então colher-se!
Fingir que foi acaso a mão tocada.
O rigor feminil, desdens, orgulhos
Vão nas azas da briza do crepusculo!

Bem vindo, pois! Tambem eu te esperava;
Desce aqui, tinge a sala, e deste lado
Põe mais sombra, inda mais, assim;—agora
Attrahe para a janella quem tu sabes,
Que vá ver como é lindo o fim da tarde,
E que nos deixe a nós; abre o pianno
Áquella mão propicia; quem não gosta
D'ouvir tocar nesta hora? Ouçam... não ouvem
Por isso mesmo tudo... ouçam, que é bella
Esta aria da Norma!... Eis o momento
De tudo lhe dizer... ó luz maldita!
Que cedo vieste!...—Não lhe disse nada!

XVI

ELYSA

—Vem sentar-te, donzella, em meus joelhos;
Cinge, cinge-me ao collo o roseo braço;
Poisa a face na minha; ergue os teus olhos;
Que vês tu, innocente?

—Vejo o vôo da pomba;—é teu anhelo:
—Alva nuvem partir-se;—é teu sorriso:
—Vejo o sol que fulgura;—é tua imagem:
—Vejo o céu;—e tua patria.

—Vem sentar-te outra vez nos meus joelhos:
Embebe-me no peito essa candura;
Inclina aos vagos sons o puro ouvido;
Que escutas, innocente?

—Ouço a fonte a carpir-se:—é teu suspiro:
—Da philomela a voz:—és tu que fallas:
—Ouço as harpas do mundo;—são teus hymnos:
—Ouço um anjo;—é tua prece.

—Oh! vem mais uma vez aos meus joelhos;
Casa teu peito ao meu com mais extremo,
Que vaes tudo saber, assim; responde,
Que sentes, innocente?

—A tua mão que me estreita;—é meu carinho:
—Os teus labios nos meus;—é casto beijo:
—Teu peito que me abraza;—é meu affecto...
Fugiste?... És a innocencia.

XVII

O RAMO DA DESPEDIDA

Quiz deixar-te um ramalhete,
Quiz no *adeus* esparzir flores;
Colhi os cravos, as rosas,
Os rôxos, lindos amores.

Colhi cheirosa alfazema,
Alecrim dos namorados,
E juntei-lhe da videira
Dois *abraços* apertados.

O jardim era mui pobre,
Que o *melhor* não tinha, não!
Em vão busquei a *saudade*
Só a achei no coração!

Mas ainda assim este ramo
Já não vai de todo mudo;
Dizem-te muito estas flores,
E este *adeus*... diz mais que tudo!

XVIII

HARMONIAS DA NOITE

Canta teus cantos, brando vento, canta
Adormecendo o val, no fim da tarde;
Tange na harpa sonora da floresta
Harmonias da noite.

Vem, sereno Mondego, filtra agora
Pela areia de prata viços novos
Ás florinhas da margem, desmaiadas
Dos ardores do dia.

Banha-me a accesa fronte, meu salgueiro,
Co'a fresquidão da aragem, que nos ramos
Sabes temp'rar, coando-a pouco a pouco,
Em murmurio suave.

E tu, filha d'amor, candida lyra,
Nesta hora doce, com teus sons mais doces,
Vaga co'o trovador em vago canto,
Vaga por céus e terra.

Amo o tibio clarão do argenteo disco,
Porque a luz do luar não cega os olhos,
Como faz a do sol, porque me deixa,
Nesse lago d'anil, por onde esplende,
Namorar-lhe a belleza.

Amo a languida côr do ethereo espelho,
Onde os amantes, separados, buscam
Encontrar-se c'os olhos scismadores;
Onde crêra talvez grego engenhoso,
Que Venus se mirava.

Amo, quasi pagão, na branca esphera
Da casta Delia envergonhado riso,
E já lá finjo negrejando os bosques,
Onde co'a turba caçadora exerce
Seu culto pudibundo.

Amo as rosas do céu, que se emmurchecem
Quando a lua vaidosa as vai pizando;
Amo as nuvens c'os seios bipartidos,
De respeito alastrando eburnea senda
Á rainha dos astros.

Amo a grenha voando ao meteóro,
Quando pallido foge ante seus passos;
Amo tudo o que a cérca e faz mais linda,
Tudo o que lá lhe rende melhor culto,
Que o dos meus pobres versos.

∞

Noite! Noite! Que mão te ha desdobrado
Das alturas do céu, assim no mundo?
Do templo do Senhor és véu, que os anjos
D'infindos orbes d'oiro recamaram?
És lavrado padrão da Omnipotencia,
Memoria erguida em campos do infinito?
Milhões de sóes que ostentas, serão tochas
Ardendo ante o teu Deus no altar immenso?

Serão letras d'amor, com que lhe escreves
Nessa pagina azul o ignoto nome?
Tuas nuvens que são? São do thuribulo,
Que agitam cherubins aos pés do Eterno,
Queimado incenso a desfazer-se em fumo?
Noite! Noite! Que és tu? Que vens á terra,
Silenciosa, dizer com teus mysterios?

~

Não sei, não sei com que encantos
Falla a noite ao coração,
Mas as horas dos meus cantos
As horas da noite são;
Com ellas na solidão,
Longe o rumor das cidades,
Tomando a lyra na mão,
Afinando-a nas saudades,
Esqueço-me alli então;
Suspiro por entre as flores,
E á luz de ethereos fulgores,
Canto suaves amores,
De noite, de dia não;
Que sem saber com que encantos
Falla a noite ao coração,
Doces horas dos meus cantos
As horas da noite são.

~

Que irá dizendo o Mondego
A sussurrar nesta areia?
Que lhe responde da margem
O sinceiral, que a sombrea?

No seu cristal derretido,
Vejo, co'a luz do luar,
Outro Narcizo, um salgueiro
Um salgueiro a namorar.

Outra Echo, a briza doida,
Que foi por elle enjeitada,
Anda a carpir-se zelosa,
E põe a lympha enrugada.

Cuida que mora lá dentro
Escondida uma rival,
E por dar-lhe inveja espalha
Perfumes, que traz do val.

Raivosa tolda co'as azas
O liso espelho brilhante,
Cospe co'as azas, raivosa,
O Mondego ao seu amante.

O salgueiro então, curvado,
Sacode a fronte singela,
Murmura um ai, mas teimoso
Busca na agua a imagem bella.

E o rio que irá dizendo?
Fallará destes amores,
Ou gemerá lá comsigo,
Dos que elle traz com as flores?

Quem sabe? Talvez só sejam
Antigas mágoas, talvez,
E que inda arqueje na área,
Saudoso da linda Ignez!

∞

Ai! De Ignez inda a fonte, além, soluça,
Inda lhe chora a morte escura della,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado!

Não longe, os cedros, balouçando a coma,
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!

Alli, d'um terno amor ternos momentos
N'aza fugaz do tempo iam fugindo,
N'aquelle engano d'alma, que a fortuna
Não deixa durar muito.

Dos suspiros d'Ignez, inda lembrados,
Os echos, pelo monte, ás horas mortas,
Suspiram brandos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!

∞

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão;
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

É tão doce nestas horas
Poder assim conversar,
Poder do nosso gemido
Egual gemido escutar!

Chamar aquella que é longe,
Chamar aquella que se ama
E o som d'amor e saudade
Não morrer na voz que a chama!

Ver que o monte um nome aprende,
Que depois o ensina á briza,
Que se eu digo—Elysa! o monte
Diz logo tambem—Elysa!

Quero muito á voz saudosa
Dos echos da solidão,
São amigos invisiveis,
Com quem falla o coração.

∞

Mas quem pode formar taes sons no monte?
Será perdido amante a penar mágoas,
Desprezos da que amou, desdens d'ingrata,
Injurias d'um rival, ou será nympha
Que um ingrato enjeitou, e alli chorosa,
Inda louca d'amor, serve aos amores?
Oh! dize-me quem és, voz grata aos tristes?
Silencio!... respondeu... maldicto vento,
Que lhe pude ouvir só—voz grata aos tristes!

∞

Embora, fique embora isso em segredo,
Saiba-o sómente Deus!
Tambem segredos d'alma quantos tenho
Que só sabem os céus!

Nem importam á turba; que diria
Dos meus sonhos d'amor?
Mas são esses, são só toda a ventura
Do pobre trovador.

Cala-te, pois, ó lyra, e tu, o noite,
Apaga o teu luar;
Das trevas no pallor deixa-me um sonho
Com Elysa sonhar.

XIX

ELLA

Florir n'alma ao trovador
Não pode a esp'rança perdida;
Não pode; é morta, é despida
D'aquelle antigo verdor;
Jaz calcada a pobre flor,
Linda flor da minha vida;
Sem perfume, e viço, e côr,
Desfolhada, enegrecida!

Coitada, ficou perdida
A esp'rança do trovador!
E entre as nuvens d'uma vida,
Tão farta de fel e dor,
Vida sem crença no amor,
Triste vida não vivida,
Não pode a esp'rança perdida
Florir n'alma ao trovador.

∞

Mas póde!... Não vês, vestida
De plumas de casto albor,
Essa *avesinha*, descida
D'entre os anjos do Senhor?
Pois na voz enternecida,
Pois no candido frescor,
Pois em seus olhos d'amor,
Pois em tudo, renascida
Trouxe a vida á minha vida
Trouxe a esp'rança ao trovador!

XX

A SAUDADE PERDIDA

Perdeste a minha saudade!
Triste perda! ai, triste flor!
Se a perde assim teu amor
Quem d'ella terá piedade?
Sem ella agora quem hade
Recordar-te o trovador?

Minha saudade! era minha
Não podia ser feliz;
Não lhe valeu seu matiz
Nem o vaso d'onde vinha;
No meu peito, coitadinha,
Porque lançaste a raiz?

Cultivaram seus encantos,
Quando era tenro botão,
Em vez de sol a affeição,
Em vez de brizas meus cantos.
Foi regada com meus prantos,
Foi-lhe terra o coração!

Erguia-se o meu cuidado
Quando inda dorme a manhã,
Por velar que á flor louçã
Não fosse o viço murchado;
Nunca um irmão desvelado
Velou mais nenhuma irmã.

Minha saudade! perdida!
Tão linda, perdida assim!
E tu, meigo cherubim,
Que és vida da minha vida,
Porque a perdeste? esquecida,
Assim te esqueces de mim!

Por te ver foi semeada,
Por te não ver a criei,
Altos fados lhe fadei,
Na hora em que foi cortada,
E contra o peito apertada
Este cantar lhe cantei:

«Florinha de ròxas cores,
«Minha inveja, vais beber
«Morte melhor que o viver
«No seio dos meus amores;
«Oh! quem nascera entre as flores,
«Que lá podesse ir morrer!

Mas nem ella, a innocentinha,
Nem ella assim lá morreu;
Nevada mão a perdeu,
Que já perdido me tinha!
Pobre saudade! eras minha,
Seguiste tudo o que é meu.

E quem sabe aonde iria?
Em que mão hoje estará?
Se calcada jazerá,
Se desfolhada seria?!
Minha flor! ninguem diria
Que tinhas sina tão má!

Oh! quem achasse a saudade!
Quem me tornára essa flor!
Sem ella, meu pobre amor
Ficou em triste orfandade;
Sem ella agora, quem ha-de
Recordar o trovador?

XXI

VISÃO

Era lá entre uns altos cabeços,
Entre sombras d'ameno frescôr;
Onde as auras com brincos travêssos
Vertem doidas seus beijos á flôr.

Era lá onde um val de esmeralda
Barra o Lima com prata a ferver,
Onde, ao longe, do monte na espalda
Finge a rocha um phantastico ser.

Era lá onde em noites de maio,
Quando olhava da lua o clarão,
Dos sentidos n'um doce desmaio
Conversava c'o meu coração.

Nesses sitios em que eu me fugia
Para dentro desta alma, e n'um véu
Bem fechado, bem denso, a harmonia
Escutava das harpas do céu.

E trancado por dentro da mente,
E sósinho comigo, a scismar,
Era longe do mundo descrente,
Como o nauta nos plainos do mar.

Era lá onde em fresca devêsa,
Qual sacrario de mystica flòr,
Minha chamma d'amor tão accesa
Mais accesa pedia um amor.

E pedia-o na voz lacrimosa
Vendo a aurora nos céus despontar,
E pedia-o na lyra saudosa
Alta noite, da noite ao luar.

E pedia-o ás rosas mais bellas
Inda virgens das furias do sul,
Ao docel pespontado de estrellas,
Á montanha vestida d'azul.

E pedia-o c'os braços erguidos,
C'os joelhos na relva do chão,
E pedia-o gemendo uns gemidos
Que na terra gemi sempre em vão.

Mas foi lá que n'um vôo da mente
Nova terra a meus olhos compuz,
Por que incognita mão de repente
Apagou-me dos olhos a luz.

Já não via, era cégo... e já via
C'uma vista que n'alma senti;
Noite uns olhos, nos outros o dia,
Era cégo, era cégo... mas vi!...

E que mundo! que céu recamado
De saphiras e perlas a mil!
E que sol que lá vi reclinado
Em seu berço de prata e d'anil!

Que eternal primavera surria
Com eternas grinaldas na mão!
D'aureas aves que meiga harmonia!
Da harmonia que meiga emoção!

E que rios, que valles, que montes!
Que cidades de claro marfim!
Que cristal derretido nas fontes!
Que palmares por veigas sem fim!

E lá dentro, no fundo, no meio
De marmoreos oiteiros, um mar...
E no mar um barquinho... e no seio
Do barquinho um remeiro a remar...

E levou-me no barco o remeiro,
E levou-me tão longe!... e parou...
C'uma vara de prata, certeiro,
Praia a dentro o barquinho encalhou...

E na margem, que absorto contemplo
Tapetada de estranho matiz,
O remeiro apontando-me um templo
Disse—«bardo, entra alli, sê feliz.»

Eu fiquei-me c'os olhos pregados
Nas arcadas do templo sem par...
Ouço uns sons... vejo uns remos alçados...
Ia ao largo o remeiro a remar...

Olhos longos ao mar, e seguindo
O barquinho um momento fiquei...
Para o templo depois fui subindo
Fui subindo, subindo... e entrei...

Oh! entrei... e que vi!... por mil annos,
Resumidos n'uma hora, vivi!...
Não duraram meus gratos enganos,
Que não sei por que modo... eis-me aqui!

XXII

NO ALBUM D'UMA ROSA

Linda rosa, ha no mundo um só vaso,
Que não quebra, ha um só, e mais não;
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

Se não queres teus viços murchados,
Olha bem a que vaso te dás,
Poucos ha por tal modo talhados,
Que resistam ao tempo... verás.

Não te illudam as vividas côres,
Nem relevos, nem graça gentil,
Entre risos escondem-se dores,
Ha um só que não mente entre mil.

Vaso d'oiro, que os olhos namora,
D'alabastro, de prata, ou marfim,
É talvez onde a rosa descora,
Onde triste, e em breve dá fim.

Oh! nem sempre apparencias formosas
São reaes neste mundo; o peor
Muitas vezes é bello; ás rosas
Simples vaso é talvez o melhor.

E são todos, oh! são quebradiços,
Toma conta na escolha, não val
Por um dia, que adorem teus viços,
Ter saudades em vão do rosal.

Olha pois, linda rosa, que um vaso
Que não quebra ha um só, e mais não;
Quebra todos um simples acaso,
Só não quebra um leal coração.

XXIII

UM ANJO NA TERRA

Quando andava a primavera
Á terra dizendo adeus,
Quando já voava aos céus
Com mil rosas, que lhe dera,
Do regaço, onde as quizera
Com sofrega mão guardar,
Deixou caír descuidosa
Do inverno á porta uma rosa,
Que elle foi logo apanhar.

Vivia a flor entre neves
Tristinha por só se ver,
Mas tal foi seu recender,
Levado nas azas breves
Do azul bando d'auras leves
Lá dos anjos á mansão,
Que um delles, dôido por vêl-a
Da rosa fez uma estrella
De transparente clarão.

Pôz na estrella Deus a vista,
E tão alva lhe luziu,
Tão pura, tão linda a viu,
Que fez d'ella uma conquista
Com que um anjo mais na lista
Dos seus anjos escreveu:
Mal o escreve, e a conta cerra,
Sentindo a viuvez da terra,
Mandou-lhe esse anjo do céu.

Bateu as azas tão bellas,
Azas brancas de setim,
Voou, voou, e por fim,
Dizendo adeus ás estrellas,
Veio poisar longe dellas,
Onde o Eterno lhe mandou...
Do céu ha pouco chegado,

Podera ter escutado
O trovador que o cantou?

Não pode, bem sei, meus cantos
São pobre feudo, são flor
Sem viço, triste, sem cor,
E regada com meus prantos;
Não tem os doces encantos
Que escutou no reino seu;
Mas se os anjos não cantasse
Quem cantara?... não mandasse
Deus á terra anjos do céu.

XXIV

AS QUATRO CORDAS DA LYRA

Tem quatro cordas a lyra
Com quatro sons, e mais não;
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

A primeira, a melhor corda
Afinei-a para os céus,
Do abysmo sentado á borda
Olho afoito os males seus,
Por que a lyra me recorda,
Por que a lyra me diz—Deus.

A segunda só me falla
Da minha terra natal,
É corda que não estala
Entre as paixões, é leal;
Patria, patria é o som qu'exhala,
Minha patria, Portugal.

Tem a terceira branduras,
Tem perfumes como a flor,
É a corda das ternuras
De mancebo e trovador,
Tem mágoas, mas tem venturas;
Esta corda diz—amor.

Resta a quarta, que afinada
Agora melhor a quiz,
É corda *por ti* provada,
Que das outras não desdiz,
Corda d'affectos temp'rada,
Amisade—é o som que diz.

E as quatro cordas n'um hymno,
N'um só hymno hei-de casar,
Se em quanto ousado as afino,
Mão da morte as não quebrar,
Que das quatro o som divino
N'uma só voz diz—amar.

Hei-de amar, cantar na lyra
Quatro affectos, e mais não,
Embora mais lhe desfira
D'algum bardo a incerta mão,
Que da minha outros não tira,
Nem tem mais o coração.

XXV

NO DESALENTO UM DESEJO

A vida é sonho mentido,
O amor uma illusão,
A mulher tigre fingido,
A amizade uma traição;
Tornou-se o saber vaidade,
Tyrannia a liberdade,
Um capricho cada lei;
Faz, desfaz o intr'esse a guerra,
De sangue se alaga a terra,
Geme o povo, geme o rei.

Fez-se hypocrita a virtude,
Ás trevas chamou-se luz,
Mascarado o vicio rude
Foi sentar-se aos pés da cruz:
Hoje a honra é só palavra,
A mão que as sentenças lavra,
Mão de Judas, se vendeu;
A lança, esteio do throno,
Vérga nas mãos de seu dono,
Vérga áquelle que mais deu.

Dos bardos o fertil ocio
Prostituiu-se tambem!
Esquecem o sacerdocio
Que na terra um bardo tem:
Incensam paixões na lyra,
Vestem de gala a mentira,
Misturam doçura e fel,
Servos d'alheio aceno
Espremem negro veneno
Entre palavras de mel.

Que triste o mundo não vejo!
Que triste vista! mas é;
Ai quem me dera um desejo
Do tempo em que havia fé!
Quizera... não sei dizel-o,

Nem sabe a penna escrevel-o,
Que *ha muito* que o não *senti*...
Quizera, se *tu* quizesses,
Que um novo mundo me desses,
Novo mundo achar em *ti!*

XXVI

DONZELLA, OLHA A ROSA.

Um dia, candida rosa
Vi despontar entre as flores,
    Linda flor;
Nem outra vi mais formosa,
Nem mais fadada d'amores,
    Para amor.

Na fragil hastea curvada,
Ouvia a seus pés o rio
Suspirar,
Tinha a alva fronte c'roada
D'alvas perlas que o rocio
Lhe foi dar.

Embalada pela aragem,
Que em torno della gemia
Brandos ais,
Perla a perla sobre a imagem
A c'roa então lhe cahia,
Nos cristaes.

E a rosa, sem c'roa ao ver-se,
Tristinha, ao sol se queimara
Em botão;
Folha a folha a desprender-se,
Em breve toda ficara
Pelo chão.

Ai, donzella, como a rosa
Se despontaste entre as flores,
Linda flor;
Se és entre todas formosa,
E mais fadada d'amores,
Para amor;

Não te deixes pela aragem
Dos brandos ais enganada
    Balouçar;
Como a rosa, tua imagem,
Não queiras, não, desfolhada
    Lá ficar.

C'roou-te Deus de innocencia,
Assim florindo viçosa
    Sem rival;
Possa eterna florescencia
Conservar-te eterna rosa
    No rosal.

Possa amor amar-te pura,
Cercar-te sempre na vida
    Sem a dor;
Que innocente formosura
Merece, se é comprehendida,
    Tal amor!

XXVII

QUE DIZEM?

Uns olhos, olhos que fallam,
Que d'alma as fibras abalam,
Como eu os vi, ninguem viu;
São negros, negros, tão puros
Luzindo, apesar de escuros,
Qual nunca um astro luziu.

Que fallam, que fallam, sei-o,
Sei-o muito, exp'rimentei-o
Dentro do meu coração;
Cada olhar era um volume,
De que as letras eram lume,
Eram brazas de vulcão.

Eu soletrei-as, eu li-as,
E na memoria esculpi-as
Uma por uma; que fiz?
Soube apenas que fallavam,
Que luziam, que queimavam,
Mas cada olhar o que diz?

Olham, fallam esses olhos,
Cortam d'um golpe os abrolhos
Da vida, n'um só olhar;
Fallam, fallam, mas que dizem?
Fallam d'amor, ou maldizem
Quem d'amor lhes quer fallar?

E lindos, lindos são elles,
Quaes nunca o pincel d'Apelles
Soube pintar, não pintou;
Não tinha tão negras cores,
Nem tintas com taes fulgores,
Onde as achar? não achou,

São lindos, quaes nunca teve
Sonhada virgem de neve
Em sonhos de trovador;
Nem as filhas de Mafoma,
Nem filhas de Grecia, ou Roma,
Nem um anjo do Senhor!

Lindos, lindos, transparentes
Como o cristal das torrentes,
Como o véu d'um cherubim;
Transparentes, mas escuros
Como a noite, mas tão puros
Como o céu... vi-os assim.

Vi, mas que importa? fallavam,
Eram, lindos, e brilhavam
C'um meigo brilho só seu;
Fallavam, mas que diziam?
Brilhavam, por que luziam?
Por que luz o astro no céu?

Fallam, fallam n'um lampejo;
Mas entendem meu desejo,
Respondem ao meu olhar?
Ou fallam só, como falla
Onda insensivel, que estalla
N'um penedo á beira-mar?

Fallam só por que é seu fado,
Como o d'um céu estrellado
É brilhar na criação?
Ou fallam por que se accendem,
Por que os meus olhos entendem,
E respondem sim, ou não?

Se elles não fallam sem tino,
Como innocente menino
Sem pensamento nem fim,
Quando c'os meus os persigo,
Respondem ao que eu lhes digo,
Dizem não, ou dizem sim?

XXVIII

NÃO VALE A PENA, VALE A PENA

Vou, por tua escolha, escrever
Aqui, na primeira folha,
Mas faze melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, se não acertaste,
Donzella, se te enganaste,
Tens o remedio na mão,
A desgraça foi pequena,
Dizes só—*não vale a pena*,
E rasgas a folha então.

No outro livro assim não é;
Uma pref'rencia illudida
Acompanha toda a vida,
Leva raizes no pé;
E se fôr no livro aquella
Primeira pagina bella
Mais raizes levará,
Por que a innocencia serena
Confia que *vale a pena*
E pena sempre terá.

Depois, tu deves pensar,
Que em certa folha indo errada,
Por mais que a queiras rasgada
Ninguem t'a pode rasgar;
Debalde então se procura
N'outra pagina a ventura,
Que as outras são folhas vans;
Uma ha só no livro amena,
Ou então *não vale a pena*,
Se tem mais folhas irmans.

Deixa, pois, que ao escrever
Aqui na primeira folha
Te lembre melhor escolha
No livro do teu viver;
Aqui, donzella formosa,

Pode uma *fingida rosa*
Pagar bem ao trovador,
Mas lá não; tudo condemna
Falsa rosa, e *vale a pena*
Sómente a rosa d'amor.

A falsa tem para mim
Falsidade lisongeira
Que, se fosse verdadeira,
Emmurchecia por fim;
Mas da outra a qualidade
Deve ser, sem falsidade
Conservar viço immortal;
Rosa que o tempo envenena,
É flor que *não vale a pena*,
É verdadeira no mal.

E se a falsa valor tem
Por ter andado comtigo,
Em dal-a não houve p'rigo,
Não póde achar-lh'o ninguem;
Vem do peito, mas embora.
Foi só do ramo de fóra,
Não é flor do coração;
Essa sim, d'amor na arena
Repara que *vale a pena*
Ao dal-a escolher a mão.

XXIX

A SÁIA NOVA

—Sáia nova còr de rosa,
Rosa!
Algum cirio á terra vem!
Hem?!

—Não, senhor.—E teu marido?
—Ido
Agora seis mezes ha:
—Ah!

—Anda embarcado lá fóra.
—Ora!
E tu então?—Eu, assim...
—Sim...

—Na vida por cá lidando,
Ando.
—Mas vida que não faz dó.
—Oh!

—Vida de moiro; a Maria...
Ria?
Do que eu faço, é quem dá fé.
—É?!

—Pergunte.—Mas antes d'hontem...
Hontem,
C'o Zé Nunes vi-te aqui?
—Hi!

Encontrei-o, vindo ao rio,
Rio,
Lá com elle alguma vez.
—Vês?!

E um estudante outro dia,
Ia,
A olhar-te tão maganão?...
—Não;

Diz-me sempre «vou comsigo?»
Sigo,
E olho a vêr, se vem tambem...
—Bem!

—Mas nada, não me persegue,
Segue
O destino em que já vai.
—Ai!!

—Só uma vez, por descuido,
Cuido
Que elle um beijo me furtou,
Ou...

Ou foram tres... eu sorri-me,
Ri-me,
São coisas sem má tenção.
—São

E aquelle tal ricalhouço?
Ouço
Que á quinta dos Olivaes
Vais?...

—Á quinta d'André Caniço?
Isso
É tambem sem mal nenhum.
—Hum!

XXX

A CAPELLA DO ERMO

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá,
Dois fantasmas saem della,
Dois amantes mortos já;
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

Era a Condessa e Roberto,
Vi-os á luz do luar,
Ai! vi-os, vi-os bem perto,
Andavam a conversar,
Vi-os, ouvi-os fallar,
Era a Condessa e Roberto.

Que fez o Conde em matal-os?
Nem co' a morte os separou!
Á cauda dos seus cavallos
Foi debalde que os atou;
Se o amor lá lhes ficou,
Que fez o Conde em matal-os?

São mais felizes agora!
Que os ouça como eu ouvi,
Da sepultura cá fóra
Passeando por alli;
Se o Conde visse o que eu vi!...
São mais felizes agora!

Ambos de branco vestidos,
A Condessa erguendo o véu,
Parando agora, esquecidos,
Cuidei que olhavam o céu;
São dois anjos, disse eu,
Ambos de branco vestidos.

Uma por uma as estrellas
Apostavam de contar,
Mas por cada uma d'ellas
Um beijo lhes via dar,
Vae, Conde, vae-lhe apagar
Uma por uma as estrellas!

Depois na relva assentados
Ouvi-os cantar e rir,
Em doce enlevo abraçados,
Vi-os deitar-se a dormir;
E mais beijos a pedir,
Depois na relva assentados!

Que importa o mundo e o Conde?
Diziam, não tem poder;
Se amor na vida se esconde,
Na morte é flor a crescer;
Se a morte assim é viver,
Que importa o mundo e o Conde?

Nem na capella tem medo!
Que apagam do altar a luz,
E vão-se á cova em segredo
Sempre a beijar-se... Jesus!
Amor que nem vê a cruz,
Nem na capella tem medo!

Não vás do ermo á capella,
Ninguem de noite lá vá;
Dois phantasmas saem d'ella,
Dois amantes mortos já;
Jesus! que medo! vê lá,
Não vás do ermo á capella.

XXXI

EMFIM!

Ah! emfim, emfim és minha!
Emfim agora sou teu!
Trocou-se por este céu
A vida que d'antes tinha.
O coração, qual florinha,
Já quasi sêcca a pender,
E que viçosa amanhece,
O coração, reverdece,
Ama, e amar é viver.

Ah! emfim, esses desejos,
Esse longo imaginar,
Morreu emfim n'este mar,
N'este infinito de beijos!
Sumiram-se aquelles peijos,
Que nos impunha a razão,
Sumiu-se todo o passado,
E já comtigo abraçado
Sinto novo coração.

Bem novo, que o que eu tivera
O mundo tanto o gastou,
Que do pouco que deixou
Que daria quem o déra?
Mas este sim! Renascera
D'entre as ruinas melhor,
Como depois da fogueira
Se ergue queimada palmeira
Cheia de viço e verdor.

Eil-o, é teu, é teu, gosemos,
Tenho-te, pois, junto a mim;
Aqui, minha, minha emfim
Vivamos ambos, amemos
Um no outro, respiremos

Em beijos o ar vital,
Misturem-se as nossas almas,
Quaes duas casadas palmas
Sobre africano areal.

A vida assim, o futuro
Sempre assim, como hoje é
Este presente! Tem fé,
Que eu a tenho, e vou seguro
N'este amor tão vivo e puro,
Que sorvo nos labios teus;
Emfim vivemos; vivamos;
E assim um dia subamos
A ajoelhar aos pés de Deus!

XXXII

FLOR QUE NÃO MORRE

Foi a *nuvem* pela *deusa*,
Foi apenas illusão;
Vós a esp'rança não perdestes,
Mancebos, dizeil-o em vão.

Esp'rar, esp'rar é do homem
Condição de eterna lei,
E é n'esse aspirar infindo
Que da criação elle é rei.

Vê sempre intangivel, sempre,
Longiquo, incerto fanal,
E no perpetuo desejo
Sente o destino immortal.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Poetas, negail-o em vão;
Rasgai a *nuvem*, que a *deusa*
Lá vive no coração.

Esp'rar nas faxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
Á beira da cova, esp'rar.

Esp'rar no riso e no pranto,
Da sorte em vario matiz;
Espera ventura o triste,
Mais ventura o que é feliz.

Nnnca farto, os olhos crava
Do porvir no escuro véu,
Vive de esp'rança em esp'rança,
E a Fé aponta-lhe o céu!

Morre um affecto, outro nasce,
Passa um desejo, outro vem,
Depois d'um sonho, outro sonho,
De tantos que a vida tem.

E em cada estado um intento,
Cada edade uma affeição,
E a *nuvem* fugindo sempre,
E a *deusa* no coração.

Oh! bem haja a mão que a imagem
D'essa *deusa* ahi gravou!
Eil-a; que o filho do Sena
Bem vedes que a retratou.

Donzella d'olhos celestes.
Scismando á borda do mar,
Triste, nas trémulas ondas
Quer o céu interrogar.

A alma vaga-lhe incerta
Buscando um mundo melhor,
Invejando a extranhos entes
Azas de puro fulgor.

E ás vagas fugitivas
Debruçando o collo seu,
Parece que viu, e que a chama
Lá dentro um anjo do céu!

Bem haja o filho do Sena,
Amigos, a *deusa* ahi está,
Vêdes a esp'rança, ajoelhemos,
Não ha negal-a, não ha.

Esp'rar, esp'rar, eis a vida,
Eis a feliz condição,
Que é n'esse aspirar infindo
O homem rei da criação.

Esp'rar nas fàxas do berço;
Depois, das paixões no mar;
Esp'rar na edade madura;
Á beira da cova, esp'rar.

XXXIII

NÃO CHORES

—Que tens? porque choras?
—Que tenho? não vês?
—Bem vejo, descoras,
E na palidez
Das faces te escorre
Em bagas, e corre
Co'a limpida flôr,
Dos olhos a dôr:
—Dos olhos? do peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor.

—Receios! quem ama
Como amas, e eu,
Quem sente esta chamma
Qual raio do céu
Fulgir dentro d'alma,
Cingil-a co' a palma
D'eterno verdôr,
Tem prantos, tem dôr,
E sente no peito,
Da duvida effeito,
Receios d'amor?!

—E sente, que eu sinto:
E ama, pois não?
Bem vês que não minto,
Oh! dá-me essa mão...
Não sentes cá dentro,
Do peito no centro
Minha alma a ferver?...
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama,
Porque arde, e na chamma
Não cança d'arder.

—Mas choras?—e choro,
Não hei-de eu chorar?
—Descoras?—descoro;

—Porque?—por te amar;
Mais amo, mais temo,
Mais fino é o extremo,
Mais treme .. a ferver!
—Sim, sim, que bater!
—Pois bate por que ama,
Receia... e na chamma
Não cança d'arder.

—Não cança, bem vejo,
Não cança bem sei;
Mas paga-te um beijo...
Com elle eu paguei.
—Pagaste! quem paga
O mar que me alaga
D'um crú duvidar?
Pagaste! este amar
De terna loucura,
Só louca ternura
M'o póde pagar.

—Pois bem, serei louca...
—Tão dòida por mim,
Quanto eu na voz rouca
T'o peço?—pois sim,
Oh! sim... mas não chores,
Nem mais te descores

Com teu duvidar.
—Que se eu não chorar?...
—Com terna loucura
A louca ternura
Te hei-de eu pagar.

XXXIV

JURAMENTO

Oh! não te enfades... um beijo,
O primeiro, é de enfadar?
É crime um longo desejo
N'um curto beijo matar?

Não ralhes assim comigo...
Bocca tão linda a ralhar!
Toma outro beijo, e consigo
Tão linda bocca tapar.

Mais te enfadas?... que tormento!
Juro pois de me emendar;
Firme um beijo o juramento
De mais beijos não te dar.

-<※>-

XXXV

A PASTORINHA

Pastorinha, tu que fazes,
Cá tão longe do logar,
Todo um dia, em quanto trazes
No monte o gado a pastar?
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Fecha-te o mundo esta selva,
Nem d'elle os sons aqui vem,
E tu sentada na relva
Tantas horas sem ninguem!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Na roca tens companheira,
Mas n'estes dias que são,
Se bem fias, fiandeira,
Vai-se a estriga, ou cança a mão!
Que fazes tu, pastorinha,
Que fazes assim sosinha?

Malmequeres desfolhados
Tens no regaço, e aos pés;
São já folhas de cuidados,
Ou desejos que mal vês?
Dize, é n'isto, pastorinha,
Que lidas por cá sósinha?

Se tu conversas co' as flores
Se scismas, a olhar sem ver,
Pastora sonhas pastores,
Amando sem no saber;
Dize, dize, pastorinha,
Tu lidas n'isto sosinha.

Ai! pastora, tu córaste,
E vejo no teu rubor
Que, se o teu gado guardaste,
Não te guardaste d'amor;
Guarde-te Deus, pastorinha,
Não andes assim sosinha.

XXXVI

OS SONHOS

Alta noite, em sonho amigo.
Costumo muito comtigo,
Costumo muito sonhar;
Mas quando de mais me exalto,
Logo acordo em sobresalto,
E eis-me poeta a velar.

Chamo então o meu criado,
Que vem todo estremunhado
Trazer-me tinta e papel;
Faço versos, e que versos!
De muitos gostos diversos,
Excepto do meu Manuel.

Esta noite, assim que ponho
O olho, grito-lhe—sonho!
Vem cá depressa acudir;
Veiu, e diz-me—eu estava
Tambem sonhando, sonhava
Que me deixava dormir.

XXXVII

AMOR E MORTE

I

Que vultos vão pela serra
Ás horas do fim do dia?!
Que tropear de cavallos
Aqui o vento trazia!

No caminho do mosteiro,
Que no alto da serra havia,
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

Ás sanctas freiras agora
Ninguem a vêl-as iria,
Que nem depois do sol posto
Hão-de abrir a portaria.

E nos vultos, se vão homens,
Mulher com elles lá ia;
Alvas roupas lhe alvejavam
Quando o cavallo corria.

Eil-os que chegam á serra
Já noite, que mal se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

Quem vai agora ao mosteiro
Que no alto da serra havia?
Por taes horas cavalgada,
Que póde ser? Que seria?

A porta abriu-se e no adro
A luz de dentro luzia;
Fallam pouco, mas nas fallas
São pessoas de valia.

Que se o não foram, a porta,
De certo, já não se abria,
Nem vinha logo a porteira
Com luzes á portaria.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Abraça um vulto outro vulto,
Depois um entrar se via.

Ai! Jesus! maus pensamentos!
Valha-me a Virgem Maria!...
Mas isto assim, no mosteiro,
Qoe póde ser? Que seria?

No caminho cá por baixo,
Onde mais se distinguia,
Dos vultos que iam passando,
Mulher nenhuma já ia.

Freira tornada ao mosteiro,
Oh! ninguem o pensaria;
Noviça por estas horas,
Tambem ninguem o diria.

E de trás da serra a lua
Já pouco a pouco se erguia,
E o tropear dos cavallos
Agora ao longe se ouvia.

Que cavalgada esta fôra,
Quem n'isto não scismaria?!
Sancto mosteiro da serra!
Que póde ser? Que seria?

II

Da villa nos nobres paços,
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

E n'esses paços vivia,
Vivia nobre Senhor;
Nem a villa o tem tão nobre,
Nem o reino o tem melhor.

Viuvo, a unica filha
Era-lhe o unico amor,
Tambem mais linda donzella
Não ha n'aquelle arredor.

Dona Dulce tinha uns olhos,
Tão negros e de tal côr,
Que quem os seus n'elles punha
Não podia c'o fulgor.

Tinha tão fartos cabellos;
Um rosto de tanto alvor;
Tinha tão airoso corpo,
Hastea formosa da flor;

Tinha tal mão e tal braço;
Tinha em tudo tal frescor;
Tinha na voz tal doçura;
Que era um anjo do Senhor!

Se taes olhos tardariam
A saber fallar d'amor!
Que o digam serões dos paços,
E os passeios ao sol pôr!

Que o diga quem tão de longe
Queimado n'aquelle ardor,
Todos os dias lá vinha,
Fizesse frio, ou calor.

Dize-o, dize-o, D. Fernando,
Cavalleiro e trovador,
Se aos pés lhe punhas as trovas,
Mais teu provado valor.

Depois dirás se queimavam,
Se tem gosto ou se tem dor,
Os olhos de D. Dulce,
Os olhos de negra côr.

E da villa os nobres paços,
Quem lá passar ou lá fôr,
De dia vê-os de festa,
Á noite festa maior.

Por que o pae de D. Dulce,
Que já não tem outro amôr,
Leu-lhe o amor d'ella nos olhos,
Leu-lh'o na face em rubor;

E noite e dia com festas,
Por que a escolha é de louvor,
Festeja-lhe a escolha, e espera
Festa de mais esplendor.

Que Dom Fernando, como elle,
É tambem nobre Senhor;
Nem ninguem nunca um ginete
Montára com mais primor.

Nas justas com firme lança
É bravo mantenedor,
Nas caçadas monteando,
Não ha melhor caçador.

E franco de gesto e fallas,
E dos annos no verdor,
E alto, gentil, robusto,
Cavalleiro, e trovador!

Por isso, nos nobres paços.
Quem lá passar, ou lá fôr,
De dia, vê-os de festa,
Á noite, festa maior.

III

Mas no mosteiro da serra
De dia o sino tocava,
Á noite tocava o sino,
E o còro todo resava.

Entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas rezas,
E dia e noite chorava.

Ás horas todas do côro
A triste nunca faltava,
E quando as outras sahiam,
Inda sosinha ficava.

Sosinha, e da Santa Virgem
Anciosa aos pés se sentava,
Mãos cruzadas, olhos fitos,
Como que á Virgem fallava.

E no frémito dos labios,
Onde a oração ciciava,
Par'cia que d'alma vinha,
Mas que a alma lhe cortava.

Tão triste, tão triste sempre!
Ou quando ia ou voltava,
O mesmo pezo lá dentro,
O mesmo pezo levava

Que se a oração que fazia
Intima dor consolava,
Ou inda era presa ao mundo,
Ou inda a f'rida sangrava.

Na cella, manhãs inteiras
Á mão a face encostava,
E vendo o mar lá ao longe
De longe c'o mar scismava.

Da janella ora o seguia,
Nas ondas que levantava,
Ora nos rôlos de escuma,
Que na praia desdobrava.

E ninguem sabe se aos mares
A liberdade invejava,
Se d'elles ás tempestades
As d'alma lhes comparava.

Ai! nas suas, sem bonança,
A vida lhe naufragava;
Os olhos vão-lhe encovando,
A face já desbotava.

Magras mãos e magro peito,
De dia a dia, mirrhava;
Bella ainda, mas a febre,
Quem lhe tocasse, queimava.

Solitaria, e sempre as magoas,
Que eram quem na acompanhava;
Mágoas velava de dia,
De noite mágoas velava.

Pela grade vinha a lua,
No chão a grade estampava,
E ella, d'ao pé do leito,
Alli os olhos pregava.

Soluçando, ou como estatua,
Que ás vezes nem respirava;
Até que nascia a aurora,
Até que o sino acordava!

Em cada tarde somente,
Quando o sol já desmaiava,
Sempre á mesma hora a rodeira
Ao locutorio a chamava.

Um cavalleiro, já velho,
Com ella então conversava,
Mas com mais prantos que fallas,
E era ella que o confortava.

E vinha depois o sino,
Que logo ao còro chamava;
Cá fora o velho ia triste,
Lá dentro o côro resava.

E entre as freiras, mais sumida,
Uma que mais se curvava,
Tremia-lhe a voz nas resas,
E dia e noite chorava.

IV

Por fóra e dentro, nos paços
Da villa, a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

Os pagens todos, de gala,
Nos eirados a passar,
Donzellas e cavalleiros,
Do arredor, a chegar

Os festões pelas janellas
Branco e verde, a balouçar,
As charamellas festivas,
De espaço a espaço, a tocar.

E dos paços a capella
Aberta de par em par,
E ramalhetes e luzes,
E prata e ouro no altar.

E um padre alli revestido,
E vozes dentro a cantar;
E o povo que já lá vinha
Ver Dona Dulce casar.

E Dona Dulce mais linda,
Mais que nunca de encantar,
Entre o pae e D. Fernando
Já na capella a entrar.

E donas, donzellas, pagens,
Tudo atrás a acompanhar,
E a turba aos vivas, contente,
Em ondas por lá chegar.

E logo o padre a casal-os...
E logo a turba a afastar,
Um velho que á redea solta
Chegava a bom galopar!...

Rompe afoito, faz caminho,
Vae-se direito ao altar;
Eil-o ao pae de Dona Dulce,
Co'a mão no hombro a tocar.

Eil-o a face a Dom Fernando
Co'a mesma mão a apontar,
E Dom Fernando, que o olha,
Enfiado a descórar!

E o velho grita—«Assassino!
«Foste-me a filha matar;
«Venho-te á vóda co'as novas
«Da que tu juraste amar.

«Da que depois cá trocaste,
«Sem lhe ver o seu penar,
«Da que eu levei ao mosteiro,
«Onde quiz ir acabar.

«Da que eu mesmo agora, morta
«Lá vi á cova levar;
«E das mãos frias e atadas
«Fui este ramo tirar.

«Ramo que ainda aqui falta
«Entre os ramos desse altar,
«Flor de morte que te venha
«Esta festa perfumar.

«Flor que possas dar á noiva
«Por mais bella te ficar,
«Flor que a um pae cá lhe lembre
«A dor de um pae a chorar.

«Flor que vingue o que o velho
«Não pode, não, já vingar,
«Flor que seja remorso,
«Funda raiz a deitar.

«Flor, de noite e de dia,
«Sempre a morta a recordar,
«Sempre a dizer-te—*assassino*,
«Sempre vingança a bradar.

«Flor, que assim, qual amaste,
«O amor te veja pagar,
«Flor... ó filha!...» E o pranto
Veiu-lhe a falla cortar!

E tudo de roda ainda,
E tudo ainda a pasmar,
E Dona Dulce inda ímmovel,
E o pae ainda a escutar;

E Dom Fernando inda os olhos
Sem do chão os levantar,
E nas mãos a flor, que o velho
Lá lhe deixára ficar;

E já o velho na estrada
Galopa a bom galopar,
Em quanto se sente, ao longe,
Na serra o sino a dobrar!

Mas depois, por fora e dentro,
No paço a festa a brilhar,
E mais brilhante que nunca,
E nunca tanto folgar!

V

Tanto folgar dia e noite!
Tantos dias que já são!
Findavam dias e mezes,
Mas as festas essas não.

Ai! sempre nellas teus olhos,
Dona Dulce, que farão?
Por festas sempre, assim negros,
Nessas festas que dirão?

Olhos de dona ou donzella
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres?... D. Fernando,
Os teus olhos onde estão?

Olhos de pae, se os tens cegos,
Mais cegos inda serão;
Os delle andam já tão tristes,
Que em vez de olhar, chorarão.

Mas Dona Dulce nas festas
Traz de festa o coração,
Tral-o festivo nas galas,
Tral-o no rosto loução.

Nas danças, no riso alegre,
Na mais alegre canção,
No ramalhete de flores
Com que anda ás vezes na mão.

Nos jogos, e nos segredos
Dos jogos, que lindos são,
Segredos que não se dizem,
Porque a graça perderão.

Segredos que manda o jogo,
Quando mandar se dirão,
E talvez que d'alguns mesmo
Nem tudo se diga então!

E nisso folga, e nas festas
Traz de festa o coração;
Dona Dulce, esses teus olhos,
Nessas festas que farão?

Tantos mancebos de roda,
Tantas trovas que ahi vão,
E o trovador Dom Fernando
Sem nellas tomar a mão!

As trovas que dantes tinha,
Mudas agora serão?
Ou mudaste, e são já folhas
De rosa soltas no chão?

Tantos olhos a mirar-te!
Deus sabe que mirarão:
Tantos olhos que tu miras!
Deus sabe quem mira em vão.

Dona Dulce, esses teus olhos
Negros assim, como são,
Por estes jogos e festas,
Esses olhos que farão?

Olhos de dona ou donzella,
O mesmo brilho, terão;
Mas tão livres? Dom Fernando,
Os teus olhos onde estão?

VI

Mas no mosteiro da serra
De novo o sino dobrou,
Fazia um anno contado,
D'outro dobre que tocou.

Fazia um anno á mesma hora,
Dona Branca se finou,
Fazia um anno que a filha
Na cova o velho deixou.

Fazia um anno que o pranto
Na face della seccou,
Fazia um anno que o velho
De dia a dia chorou.

Fazia um anno que louco
Serra abaixo galopou,
Fazia um anno, que o ramo
Nas mãos á voda levou.

Agora em dia de exequias
Negra eça levantou;
De roda brandões accesos
C'os amigos que levou.

De roda côro de padres
O *de profundis* cantou,
Côro de freiras, e orgão
O canto lhe acompanhou.

Eis de repente na Egreja
Um velho correndo entrou,
E ao velho, que alli chorava,
Tambem chorando, abraçou.

«Vingado, lhe diz, vingado,
«Qual nunca ninguem ficou,
«Essas cans, a tua, ao menos,
«Só orfans della, as deixou!

«A minha... a minha...» (e a face
Do nobre senhor córou)
«A minha... dize-o... não posso...»
E o outro ao peito o chegou.

Ambos assim abraçados,
O pranto se misturou;
Filha! Filha! — ambos diziam,
E o sino ainda dobrou.

O sino só; tudo á volta,
Já tudo o mais se callou;
E a Egreja ficou deserta,
E em breve a noite chegou.

Cada qual da eça ao lado,
Cada qual ajoelhou,
E as resas que elles resavam,
Ninguem assim as resou.

Mas quando um diz—Dona Branca,
Nas preces que murmurou,
Sente-se um leve gemido,
Que ao pé da campa soou;

Quando o outro diz—Dona Dulce,
O nome lhe acompanhou
Rouco som de desespero,
Que lá da campa estallou.

Olharam... viram na campa,
Um vulto que se curvou,
Viram-lhe um ramo de flôres,
Viram que a pedra beijou.

E logo silencio e trevas,
Nem vulto nem som ficou;
Só na torre, compassado,
O sino ainda dobrou.

VII

Na villa os paços desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

Tanta festa ninguem sabe,
Que fim, por fim, levaria;
Viu-se ao cabo d'uma festa
Em tristezas a alegria.

Viram-se pagens correndo
Nos caminhos á porfia,
Viu-se o pae, viu-se o marido,
Que mais que todos corria.

Alguns disseram baixinho,
Que, se um pagem não mentia,
Dona Dulce... mas quem sabe?
Pois ella assim fugiria?!

Ninguem, ninguem lá na villa,
Ninguem nada mais sabia,
Marido e pae se voltaram,
A ella ninguem a via.

Mas se voltaram, partiram
Outra vez no mesmo dia,
E nunca mais até agora,
Mais noticias não havia.

E os paços sempre desertos,
Quem lá passava, ou lá ia,
Via-os de noite fechados,
Via-os fechados de dia.

No mosteiro, é que as exequias
O velho sempre fazia;
Mais um anno... e sobre a campa
Da pobre filha gemia.

Mais um anno, hora por hora,
E ás horas do fim do dia,
Mulher descalça, chorando,
Por serra acima subia.

Cabellos soltos, e as vestes
Rasgadas todas trazia,
Sustem-na ao andar um velho,
Que ella mal andar podia.

Eil-os que chegam á serra,
Já noite, que não se via,
E do mosteiro a sineta
Logo apressada tangia.

« Em que estado cá tornaste! »
Contam que o velho dizia;
E a porta abriu-se, e no adro
A luz de dentro luzia.

Fallam pouco, mas parece
Que alguem lá se despedia,
Depois a porta fechou-se,
E nem rumor se sentia.

Ai! Jesus! maus pensamentos!...
Valha-me a Virgem Maria!
Mas isto assim no mosteiro
Que póde ser? Que seria?

Cá por fóra, em pouco tempo,
Sómente uma voz corria,
Que naquellas sanctas freiras
Mais sancta agora uma havia.

Era vida para morte,
A vida que ella fazia,
Que das asp'ras penitencias
Pasmava quem nas ouvia.

Jejuns, cilicios, coitada,
Dormindo na terra fria,
Rasgava as carnes, e o sangue
C'o dos olhos lhe corria.

Ninguem lhe falla, nem sabe
D'onde ao mosteiro viria,
Mas do dia em que ella veiu,
Ser de mortes se diria;

Pois indo a abrir a porteira
De manhã a portaria,
Viu abraçados e mortos
Dois velhos... Virgem Maria!

Mas lá das festas da villa
Mais nada, ninguem sabia;
De noite os paços fechados,
Fechados tambem de dia.

Só as velhas, se fallavam
Nos festejos d'algum dia,
Fallavam logo na serra,
Mais n'um vulto que gemia;

Que andava á roda da Egreja
Ás horas do fim do dia,
E que nas mãos sobre o peito
Um ramo sempre trazia.

XXXVIII

FLOR D'AMIZADE

Pedir viço á penedia,
Ao ramo sêco uma flor,
Pedir ao triste alegria,
Ao gelo pedir calor,
Pedir luz á treva escura,
E trevas á manhã pura,
E constancia á formosura,
Não é d'homem de razão;

Mais do que isto se descobre,
Que não é pedido nobre
Ao trovador, que é tão pobre,
Pedir mais que o coração.

O coração, se lh'o queres,
Com ambas as mãos t'o dá;
Não lh'o entendem as mulheres,
Só da amizade será;
E não lhe peças mais nada!
Se por ser tão mal fadada
Fôr a offerta desprezada,
Despreza o dono tambem;
Mas olha que mal despreza
O que engeita esta pobreza,
Pois dá mais do que a riqueza,
Quem dá tudo quanto tem.

XXXIX

O PROMETTIDO É DEVIDO

Tens a palavra empenhada,
Linda rosa, meu amor;
Agora, seja o que for,
Não te faças deslembrada.
Ao pé de mim assentada,
Quando essa queixa te fiz,
Que foi que então respondeste?
Que foi que tu prometteste?
Vê se a memoria t'o diz.

Não brinques c'o sentimento,
Tem dó do meu coração:
N'um riso não murches, não,
A flor, que no pensamento
Ousou vicejar então!

∞

Foi promessa, foi, Maria;
Recorda o que eu te dizia,
E o que disseste tambem:
Eramos ambos na sala,
Sósinhos, sem mais ninguem,
Ambos baixo conversando,
Ambos d'amor a fallar,
Mas ambos, de quando em quando,
Com cuidado, a disfarçar,
Erguendo a voz de repente
N'uma palavra indiff'rente,
Para outra sala enganar.
Eu, duvidoso, teimava,
Por que amor faz duvidar,
Quasi então te injuriava,
Mas era só por te amar,
Por que mais então te amava:
Não te lembras, dize, não,
O que tu disseste então,

Anjo do meu coração?
Não te lembras?—C'um sorriso,
Dos que só no paraiso
Os anjos sabem sorrir,
Teus olhos aos meus volvidos,
N'esse olhar tão confundidos,
Que, no doce confundir,
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste então, Maria?
Agora, seja o que fôr,
Não fique a esp'rança baldada;
Linda rosa, meu amor,
Tens a palavra empenhada!

Pois que disseste? Olha bem;
Respondeste ao meu desejo:
Não n'o cuidaste, bem vejo,
Nem n'o ousava eu tambem;
Mas foi promessa d'um beijo,
Por mais que o queiras negar.
Eu na duvida a teimar,
E tu meiga a responder-me:
«Não hei-de agora offender-me,
«Tudo teu me agrada a mim;
«Da tua bocca...—dizias

Da minha bocca, não rias,
« Tudo, tudo, hei-de acceitar,
« Que tudo é bom, tudo quero.
Pois, dize, não foi assim?
Agora, Maria, espero,
Que tu não has-de faltar;
Não me has-de agora negar
Da promessa o cumprimento,
Por que tu n'esse momento
Déste a palavra em penhor;
Oh! não n'a deixes baldada,
Não n'a deixes empenhada,
Linda rosa, meu amor!

∞

Dize, pois, dize depressa,
Tu has-de cumprir por fim;
Dize, cumpres a promessa?
Que respondes? Não ou sim?
Tudo, foi o que disseste,
E se tudo prometteste
Da minha bocca acceitar,
Deixa-te a bocca beijar:
Deixas?... Bem vês, n'esse tudo
Entra um beijo, has-de negar?
Mas vens-me a bocca tapar

Com tua mão?... pois serei mudo,
Prometto, *então*, não fallar
Por muito tempo em mais nada.
Deixa, pois, que o promettido
Tu bem sabes que é devido;
Deixas? deixa, ó rosa, ó flor,
Da minha alma namorada,
Deixa, meu anjo d'amor,
Não fique a esp'rança baldada!

XL

AS ALCACHOFRAS

Amor, dúvidas não soffras,
Que o remedio tens na mão;
Queima, queima as alcachofras,
Que ellas tudo te dirão.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Por que has-de esp'ranças suaves
Ou perder ou ter em vão?
As alcachofras são chaves
De escondido coração.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Queima, queima a fogo lento
Em louvor de São João;
Põe-nas depois ao relento,
Que é assim que fallarão.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Na janella ou no telhado
Deixa-as ficar como estão,
E antes do sol ser nado
Vai consultal-as então.
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Não sei que vão as estrellas
Dizer-lhes com seu clarão,
Quem sabe se será dellas
Que os segredos saberão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Não sei, se vindo sedentas
Das fogueiras, beberão
Estas orvalhadas bentas,
Que lhes ponham tal condão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Quaes são, quaes são as florídas?
As tisnadas quantas são?
Quantas esp'ranças perdidas?
Quantas firmes ficarão?
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Ai! como esta é tisnada!
Mais negra do que um tição!
Malfadado, ou malfadada,
Que negros fados te dão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Esta agora mal aberta,
Traz d'amor pouca expressão;
Frouxa palavra ou incerta...!
Antes perder a illusão!
Dizei, feiticeiras
Das sanctas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Oh! esta sim, que é florída,
Esta viu-a São João;
Floreja vida na vida,
Amores, que vivos são.
Dizei, feiticeiras
Das santas fogueiras,
Fallai, chocalheiras,
É sim, ou é não?

Mas eu, Elysa, não creio,
No que alcachofras dirão,
Nos teus olhos é que eu leio
O que vai no coração:
São mais feiticeiros,
São mais verdadeiros,
São mais chocalheiros
Do sim e do não.

XLI

UMA ILLUSÃO

I

Passou... desfez-se... como sonho rapido!
Engano lisongeiro, emfim, rasgou-se
No desengano da verdade amarga!
Esquiva luz brilhou, atravessando
As trevas de meus dias, por mostrar-me
O horror da escuridão!... Lá vai... sumiu-se!...
Cá ficamos nós sós, no ermo da vida,
Meu desgraçado coração...! Que importa?

O mundo é feito assim! Quantos sorrisos
Viste á sorte até hoje? Quantos viram
Os felizes da terra? É lei do alto!
As lagrimas ao homem foram dadas
Para contar por ellas cada passo,
Na distancia que vai do berço á campa!
Devia ser. Adelgaçou-se o vulto
Da risonha ficção... e, após, um sòpro
Os restos dissipou...! Porque tão breve
No ardente imaginar me recendeste,
Mimosa flor de mentirosa esp'rança?!

II

Ai! flor, como eras formosa!
Tenho saudades!—Que mal
Ha já n'isto, se eras rosa,
Que desfolhou no rosal?!
Tambem é crime a saudade?
Tambem a razão persuade
A tolher a liberdade
N'isto mesmo ao coração?
Do que foi, do que não era,
Do que eu sonhei, da chimera,
Cuidei que, ao menos, podéra
Ter cá saudades... pois não?

Foi, bem sei, foi luz de estrella
Nas ondas a scintillar,
Veiu nuvem desfazel-a,
E ficou sem luz o mar;
Mais ainda: foi sómente
Delirio d'accesa mente,
Que uma sombra, de repente,
Mal desenha e vê correr;
Mas se essa visão foi linda,
Se, embora falsa, é já finda,
Não posso adoral-a ainda,
Ter pena de a já não ver?

Criei tudo! Fiz a imagem
D'um ser sem elle existir;
Fingi-lhe vida e linguagem
D'um já supposto sentir!
Namorado da pintura,
Juntei loucura a loucura,
E aos pés da aerea figura
Puz d'alma o riso e a dor;
Sem ver, sem ouvir, julgava,
Que era vivo o que eu pintava,
Que era ella que fallava,
Quando eu lhe dizia—amor.

Como com azas no templo
Os anjos pintados vi,
Com este anjo aquelle exemplo,
Enthusiasmado, segui;
Quiz-lhe azas... mas por dal-as
Ao meu anjo, por pintal-as,
Mal sabe onde fui buscal-as,
Onde as azas lhe estudei!
Da poesia essa aguia altiva,
Tomei-a nas mãos, captiva,
E, penna a penna, em dôr viva,
As azas nuas deixei!

Mais bella então me par'cia,
Mais fadada para amor;
N'aquellas azas, dizia,
Ha de levar-me onde for.
Vagaremos sem destino,
Dois sons casados n'um hymno,
Vivendo um viver divino,
N'um mundo... todo ideal;
Ambos livres lá seremos,
Lá, de encantados extremos,
Trocando as almas, teremos
Mil sonhos d'amor... sem mal!

Engano, engano! N'essa hora
Em que eu mais a acreditei,
Quando dos labios, agora,
Não sei que flor lhe invejei;
Quando o sangue me escaldava,
Quando a razão me deixava,
Quando mais me arrebatava,
Foi então... tudo passou!
Cahiu-me a venda que eu tinha,
Era só illusão minha,
E por ter azas, sósinha,
Batendo as azas... voou!

III

Desappar'ceu veloz no ethereo espaço
Como pomba fugida...! E eu já nem tenho
Força sequer para enganar-me, ao menos,
Co'a illusão da illusão! Não acho n'alma,
Com que fingir nas horas scismadoras
Um simulacro vão da falsa imagem!
Levou-mo tudo... a phantasia... os sonhos...
Que nem posso sonhar... e só me deixa
Os espinhos da rosa, o dom funesto
De recordar-me sempre desse engano!
Não... oh! não... esquecia as rouxas flores,

Que da mão descuidada lhe caíram
Antes do vôo erguer, e que eu no seio,
Beijando-as, recolhi! Duas violetas,
Esmola do acaso... Embora! guardo-as;
Que teem na triste côr, a côr que veste
Meu pobre coração... e foram d'ella!

XLII

A BOA PORTA!

Atrás de cachopa bella,
Corria, doido por ella,
Nobre fidalgo, a dizer:
—Por teus olhos tão formosos,
Trago ha muito os meus chorosos,
Chorosos por te não vêr.

D'onde és? Não fujas, espéra,
Que eu palacio, e quintas déra,
E joias mil, que mil são,
E mais, se mais me pedias,
Fidalgas e fidalguias,
Tudo por teu coração.

Oh! diz-me d'elle o caminho,
Diz-me a que porta, sósinho,
Á noite, o meu hei-de pôr?...
—Quer lá ir? Pois olhe, veja,
Porta e caminho da Egreja,
Vê-se d'aqui, meu Senhor.

XLIII

A CAMELIA

Que flor, que trazes tão bella!
Mais formosa não ha, não!
É tão fina a alvura d'ella,
Que os olhos chegam a vêl-a,
Tendo tu a flor na mão!

Como o brilho jaspeado
Lhe resplandece, e sorri
N'este viço aveludado!...
E eu... perdôa, pasmado,
Vendo a flor... ao pé de ti!

Oh! mas nada de ciume,
Que o que tem para agradar,
Na belleza se resume;
Repara, não tem perfume,
Só póde aos olhos fallar.

E assim tambem a donzella
Que só belleza tiver;
Se a virtude falta n'ella,
Falta o perfume, é só bella,
Não para amar, para ver.

XLIV

BEM HAJAS!

Salvaste-me inda a tempo!... Ia perder-me!
Cego, louco, do encanto fascinado,
Resvalavam-me já de sobre as bordas
Do temeroso abysmo os pés mal firmes;
Sentia já baldado o ultimo esforço,
Inclinando-me atrás, abrindo os braços,
Na fugida razão fugido centro,
Por instincto a buscar; já me impellia
De fatal attracção a lei severa;.

Ia todo a cair... quando risonha,
Debruçando-te um pouco, me estendeste
Do *teu alamo* um ramo, onde apegar-me!
Oh! bem hajas, mulher, foi inda a tempo!
Salvaste-me da queda; achei soccorro,
Na propria mão que á queda me levava,
D'onde me veiu o mal, veiu o remedio,
Embora amargo, embora; esse teu ramo
Da arvore da inconstancia suspendeu-me
Já nos ares do abysmo!... ai, Deus t'o pague;
Fizeste o que a razão fazer devia!

Mas não sabes o amor, com que eu te amava!
Hei-de agora dizer-t'o, e ri, se queres;
Que eu já rio tambem;
Se deixo vêr-te o coração, que enjeitas,
É por que d'esse amor, que elle antes tinha,
Já hoje nada tem.

Na vaidosa inconstancia atraiçoaste
Uma alma nobre, que, já morta ha muito,
Reviveu para ti;
D'homem-sepulchro levantaste vida,
Mas se outra vez lhe entregas frias cinzas,
Não se erguem mais d'alli!

Não, caprichosa, não, que, sempre ao lado
Do morto affecto, cada vez mais vivo,
O orgulho me ficou;
O orgulho, a minha força, arvore eterna,
Ou do bem ou do mal, que em pé, soberba,
Nunca o raio a tombou.

Floresce entre ruinas, e, por fructo,
Pendurando o despreso em cada ramo,
É de toda a estação;
Da desgraça ou ventura nunca o sôpro
Pôde o tronco vergar-lhe... á mão que o tenta
Cospe os fructos então!

∞

Oh! mas amei-te, é verdade,
Amei-te com louco amor;
Como o preso a liberdade,
Como a abelha a tenra flor;
Vivia só da doçura
De beber essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura;
Vivia d'um riso teu;
Vêr-te sempre, noite, e dia,
Era a idéa que eu seguia,
E tudo o mais me esquecia,
Que nem já tinha outro céu.

Uma palavra bastava
Da tua bocca... era feliz;
Trazias-me esta alma escrava,
Escrava a teus pés a fiz;
Se roçava os teus vestidos,
Os affectos accendidos,
Ainda mais que os sentidos,
Queimavam-me o coração;
E dera as glorias do estudo,
Lyra, um throno, o mundo, tudo,
Por esse instante, em que mudo
Te apertei um dia a mão.

Quando depois, mais ditoso,
Em doce beijo colhi
Roseo botão melindroso,
Que nos teus labios sorri;
Quando os olhos fascinados,
Os meus nos teus affogados,
Não se fartavam, coitados,
D'esse encanto devorar...
Ai! então... ímpio, mas terno,
Disse—inveje-me o Eterno,
E abra agora do inferno
As portas de par a par.

Amei-te muito, e tu eras
Formosa com esse amor,
Eras linda das chimeras
Que em ti sabia compor;
Esse affecto engrandecia,
Co'as galas da phantasia,
C'os arrojos da poesia,
Quanto havia no teu ser;
Se appar'ceste, entre as mais bellas,
Rainha de todas ellas,
Sol que apagava as estrellas,
Do meu amor foi poder.

E eu quizera mais thesouros
Inda então para te dar,
Nem já prezava os meus louros,
Senão só por te agradar;
Gosava por ti sómente,
Só por ti é que eu, contente,
Alto erguia os sons e a mente,
Cantando como eu cantei;
Consagrava-te calado,
Muitas vezes ao teu lado,
Esse applauso desejado,
Que eu só por ti desejei!

Que amor aquelle! maldisse
Ter começado a existir,
Sem que de ti existisse,
Sem te ver n'alma florir;
Quizera contar os dias,
Só depois que me sorrias,
Só depois que tu dizias
Que eras minha, e minha só;
Ah! se eu podesse, n'essa hora,
O meu passado não fôra,
Só por que ao longe, lá fóra,
Nem lhe visse erguido o pó!

Mas de ti foi que a existencia,
Voltando á crença infantil,
Sentiu vir-lhe a florescencia,
Que traz ás plantas Abril;
Foste, ao menos, primavera
Ao triste arbusto, que eu era,
E das flores que tivera,
Só viste as folhas no chão;
As que eu te dei, tinham côres
Virgens, novas; eram flores,
Que espontaneas, e melhores,
Brotavam do coração.

Como eu te amei, só se ama,
Em toda a vida uma vez;
Era uma febre, uma chamma,
E era tambem timidez;
Se eras triste, entristecia,
Com teu sorriso sorria,
Só por teus olhos eu via,
Pensava com teu pensar;
Comtigo, á noite, sonhava,
De dia, se só me achava,
Horas inteiras levava
Em ti sómente a scismar!

Se olhava o mundo, no mundo
Não via senão a ti,
Aqui lyrio pudibundo,
Astro dos astros alli;
Eras na perla dos mares.
No perfume dos pomares,
Nas estatuas dos altares,
Na meiga lua sem véu;
Via em tudo a tua imagem,
Figura d'alva roupagem,
Solta nas azas da aragem,
Enchendo a terra e o céu.

Vergados, qual brando vime,
O meu dever e o porvir,
Nem já virtude nem crime
Eu sabia distinguir;
Amar-te, amar-te esquecido,
Amar-te louco e perdido,
N'esse amor estremecido,
Resumia o meu viver;
Mas ai de mim!... que loucura!
Enganou-me essa luz pura,
Que nos teus olhos fulgura:
Julguei-te anjo... eras mulher!

Mulher, que quizeste sómente ao teu carro,
Por simples capricho, atar-me e passar;
Mulher que contavas, qual vaso de barro,
Trazer-me de rastos, e ver-me quebrar!

Mas não, que, acordado do sonho formoso,
Córando da infamia d'um brinco ser só,
Quebrei as cadeias, ergui-me orgulhoso,
E olhando o teu carro... não vi senão pó!

Pois como? pensaste, que a fronte, onde o Eterno
Do lume divino reflexos foi pôr,
Aos pés te devia rolar n'esse inferno,
C'uma alma trahida, sem força na dôr?!

Faria da fronte, do peito, d'esta alma
Degraus ao teu throno, tapete aos teus pés,
Mas não sendo escravo, que tem só por palma
Servir-te aos triumphos... é muito, bem vês.

Mas não para ornar-te nas faceis conquistas,
No facil mercado do teu coração;
Mas não para dares a mil essas vistas,
Que eu minhas julgava, só minhas, então.

No theatro, no baile, no campo e cidade,
Anciando cortejos, não farta jámais,
A todos mentindo, quem, nobre, inda ha-de
Na turba involver-se de tantos rivaes?

Se desces tão baixo, como hei-de seguir-te?
Se tu te despresas, que hei-de eu respeitar?
Se, sendo a primeira, tu vais confundir-te
No vulgo das salas, que te hei-de eu amar?

Um peito vazio? Sorrisos cançados?
Palavras de todos? Venturas de cem?
Diadema sem brilho? Florões já quebrados?
Não quero: e, em breve, ninguem quer tambem

Ousavas fallar-me do teu sacrificio,
Virtude immolada, por mim, só por mim?!
Mentiste; a fraqueza differe do vicio,
E vais d'elle perto, se corres assim.

Mas corre, se queres; eu não, que eu buscava
Amar, ser amado, vaidades sem ter;
E tu sem amares, a ti te bastava
Aos olhos do mundo pref'rida par'cer.

Vai, pois, que se eu, cego, não pude ver logo,
Que tu não podias c'o meu nobre amor,
Devi-te a ti mesma, depois, no teu jogo,
Que o pobre captivo se erguesse a senhor.

∞

Bem hajas!... Era um louco atrás d'um sonho,
D'uma sombra impalpavel;—esquecia
Que a mulher é mulher, e que fadado
O poeta a soffrer só foi na terra!

A phantasia vã conheço agora,
Mas devia prevêl-a; entrei no mundo
Trazendo n'alma vaso d'innocencia,
De crenças cheio, d'illusões florído,
E vi depois o mundo andar-lhe á volta
Atirando com lôdo, e, ao cabo, um dia,
O vaso espedaçar!... Se inda nos restos
Me ficara escondida, em triste germen,
Uma rosa d'amor, que só bastara
Todo o universo a perfumar suave,
Ai... devia saber que a rosa vinha
Destinada a florir só dentro d'alma,
E lá dentro morrer!... ousou cá fóra
Debruçar-se, mostrando ignotas côres,
E o sol, que em raios lhe deu n'hastea a vida,
Desbotou-a, e passou sem comprehendel-a!
Mas foi melhor assim, bem hajas; posso
Sem remorsos viver:—ia levado
Na torrente caudal do enthusiasmo
A despenhar-me cego; repellia
Da fiel consciencia o grito agudo,
Que debalde me andou pungindo o seio:
Buscava escusas; inventava causas;
Torcia e sophismava as leis mais sanctas:
Era um reprobo quasi... eis tu vieste
Desvendar-me, e, por entre bravas ondas,
Por entre selva de eriçadas syrtes,

Á praia conduzir-me, onde repoiso
Do naufragio fatal, emfim, já salvo!

Não esp'ravas talvez, que assim do peito
Arrancasse este amor;
Tão profundo e sincero, creste-o feito
Para viver da dor;
E a dor matou-o, que, na dor, o insulto
Deshonrava-lhe a vida... e jaz sepulto!

Uns homens ha, que, na paixão ardente,
Immolam tudo seu,
Menos a propria estima; e, felizmente,
D'esses homens sou eu:
Sou, que de tudo o que no mundo prézo,
Prézo mais não mer'cer o meu desprezo.

XLV

ENTRE FERRO NASCE OURO

Tange os folles á fornalha,
Ferreiro, tange-lh'os bem;
Se o ferro vermelho vem,
Alça o malho, malha, malha;
E vá puxado do ar
Com duas voltas primeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Torna a pôr o ferro em braza,
Venha o malho a retenir;
Torna a ir e torna a vir,
Arda em centelhas a casa;
Malha, e súa a bom suar,
Faz d'agua e ferro dinheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Lidas, lidas, e, já rôxo,
Já negro como um carvão,
Muita lida e pouco pão
Tiras d'ahi, velho e côxo;
Mas toca, toca a lidar,
Que é só teu braço o rendeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A filha, ao menos, coitado,
A filha que te ficou,
Ha-de alvejar, alvejou,
Em tanto carvão queimado;
Anda, pois, vai aviar
A ferramenta ao canteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A forja e bigorna em fogo,
Do inferno lembranças dá,
Tambem o céu lembrará
A filha, nos olhos, logo;
Malha, volta, has-de formar
Cabeça a esse ponteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Mas cautella, que não sejam
Dois infernos, por teu mal,
Ás vezes mais infernal,
Uns olhos, fogo chammejam;
Vê se acabas de calçar
A enxó do carpinteiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Vulcano, raios aos molhos
Ia forjando por si,
Não t'os vá a filha a ti
Forjando talvez nos olhos;
Rijo, mais, desenganar,
Dá-me esses golpes certeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Do tal amigo tens sina
Na arte e perna, e basta bem,
Que te não forjem tambem
Uma Venus da menina;
Agora mais de vagar;
Que o ferro está mais tenreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Tu cá dentro c'o trabalho,
A filha á porta a coser,
Deus sabe se te has-de ver
Entre a bigorna e o malho;
Vamos, malha, sem parar,
Brando, brando, mas ligeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Olha bem que são mulheres,
Um militar lá entrou,
Tens Marte em casa, não dou,
Que não faça pé d'alferes;
Malha, malha, por temp'rar
A espada d'esse guerreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Admiro que tu nem cara
Lhe faças, como quem és!
Ficas peior que dos pés,
Se a cabeça manquejara;
Malha, mas sem cá deixar
Ir pela malha o frecheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

A um vizinho valeste
N'um descuido menos máu,
Em casa espeto de páu
Não digam que tu tiveste;
Malha, mas has-de malhar
Sendo pae e sendo obreiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Não forjes c'os olhos cegos,
Que outros olhos cega amor;
Pregos pede esse Senhor,
Não t'a pregue elle c'os pregos;
Malha, mas sem se tornar
Malleavel o braceiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Veja Deus o teu forjar.

Ah! tu ris?... então se eu êrro,
O militar é que errou;
Em ferro frio malhou,
Leva só pregos, e *ferro!*
Á filha soubeste dar,
Na virtude, bom olheiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

Tens Deus por ti;—antes pobre,
Que rico sem honra ter,
Honra e trabalho hão-de ser
Teus pergaminhos de nobre;
Malha, que te ha-de ajudar,
Quem na Cruz te fez herdeiro;
Tim, plim, tim, plan; ai! ferreiro,
Tens Deus por ti a forjar.

XLVI

OS CRAVOS

Tanto cravo, donzella, que é isto?
Sem colher, sem levar outra flor?
É teu ramo d'amores registo,
Ou mil copias, mas só d'um amor?

Se por tantos, donzella, repartes,
O que a um só, se bastara, não sei,
Põe no engano, ao menos, taes artes,
Que se esqueçam, do que eu me lembrei.

Vendo um cravo sómente ao teu peito,
Cada qual para si tomará,
Que a vaidade, por dentro, de geito,
Em teu proprio favor fallará.

Se, porém, nos mil cravos me dizes,
Que repetes a mesma affeição,
Ou que colhes nos varios matizes
Uma imagem feição por feição;

Eu direi, são de mais, não quizera
Nem c'os zelos poder duvidar,
Nem saber que o amor só podera
Por pedaços assim retratar.

Tanto cravo, donzella, eu insisto,
É de mais, seja lá como fôr;
Se com tres já pregaram a Christo,
A seus filhos não faças peior!

XLVII

NÃO É SINGULAR

Não tens razão, meu amigo;
Fui ao baile, e mal cheguei,
Conforme o ajuste comtigo,
De sala em sala a busquei;
Vi-a, e fiz-me sentinella,
Que, do vão d'uma janella,
Ou, se dançava, atrás d'ella,
Eu nunca mais a larguei.

Vi bem tudo; e agora attesto,
Que és tu que não tens razão;
Singular?!... Nada; protesto;
Palavra d'honra que não.
Singular, só porque dança
Para ouvir, na contradança,
Segredos, que teem esp'rança
D'algum aperto de mão?!

Singular, porque é da moda
Nos vestidos de dançar
Sobejar sempre na roda,
Sempre no corpo faltar?!
Singular, e condemnal-a,
Porque os olhos, com que falla,
Andam sempre pela sala
Outros olhos a encontrar?!

Singular, porque se salta
Na walsa, tal graça tem,
Que fica a sáia mais alta,
Do que tu dizes que é bem?!
Porque anda alli abraçada,
Como em festão pendurada,
E co'a cabeça poisada
Nos hombros d'elles tambem?!

Nada, não, amigo, insisto,
Não tens razão; ora, qual?
Não digas mais que tudo isto
É singular; não ha tal;
Singular?! Eu comparei-a,
Aqui, além, estudei-a,
E posso dizer-te, achei-a,
Achei-a sempre em plural

XLVIII

ANJO, VI-TE!

Anjo, vi-te!... Ergueu-se o véu,
Que te escondia!
Vi-te, aurora do meu céu,
Que ao céu pedia!
Vi-te, e da vida no mar
Vi nas aguas florejar,
E minha alma repassar,
Nova poesia!

Teus olhos formosos vi,
    Fulgindo escuros;
Queimavam, mas eu bebi
    Seus raios puros;
E na doce embriaguez
Ando perdido, talvez,
N'estes passos que tu vês
    Tão mal seguros.

Vi tua face descahir
    No braço liso;
Vi teus labios entre abrir
    N'um teu sorriso;
E ao ver-te a ardencia da côr,
Ao ver sorrir essa flor,
Vi, n'um desejo d'amor,
    O Paraizo!

De teus cabellos pender
    Vi aura leve,
E a violeta a recender
    Invejas teve;
Vi roseo branco botão
Córar de tua insenção,
Quando ao peito o poz tua mão
    Tão linda e breve!

Vi-te, e amei-te... mas não ha
Um crime n'isto...
Por te amar?! Então será
Por te ter visto!
Não, não póde ser tambem,
Que os olhos culpa não tem,
Se a luz do sol cá lhes vem
Dizer—existo.

Anjo, vi-te!... Agora o véu,
Que te escondia,
Não me esconde aquelle céu,
Que em sonhos via.
Hei-de viver de te amar,
E tu da vida no mar
Has-de-me sempre inspirar,
Nova poesia.

XLIX

ELHA POR ELHA

Mais florído que um palmito,
Rosado, pimpão, bonito,
Vinha o senhor Manuel,
Noiva ao lado, o peito em braza,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro,
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guar-te, nem pejo,
Á noiva furta-lhe um beijo,
E o beijo fêl-a córar.

O pobre esfregava um olho,
E carregava o sobrolho,
Como quem diz—não gostei;
Diz-lhe o fidalgo—da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei

Correram dias, e um dia
Vinha, com toda a alegria,
Da egreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha,
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, se não quando,
Já mesmo a casa chegando,
Sente-se um beijo estalar...
—Olá, Manuel, endoidece?
—Não, senhor; se lhe parece...
Venho-lhe a renda pagar.

L

FLOR POR FRUCTO

Não tenho joias de preço,
Nem tu lhes deras apreço,
Como prenda festival,
Se, em vez de affecto, só ouro,
Se, em vez do peito, um thesouro
Te trouxesse em teu natal.

As mãos vazias de offertas
Vem mais seguras e abertas
Apertar a amiga mão,
E o grato fervor do pobre
Não é talvez menos nobre,
Tendo inteira a obrigação.

Diminúa-a quem lhe pésa,
Que, quem, como eu, tanto a préza,
Quer conservar-lhe o valor!
Dou-te só desejos vivos,
Porque os ramos mais festivos
Não trazem fructo, mas flor.

Essa, sim, e branca e pura,
Com todo o viço e frescura,
Recendente e virginal,
Essa sim, a flor d'esta alma,
Venho off'recer-t'a por palma
No dia do teu natal.

LI

O TRAVESSEIRO

Elysa, o teu travesseiro,
Teu confidente primeiro,
Que lindo que deve ser!
Ai! quem me dera saber
O que elle sabe em segredo,
O que lhe dizes, sem medo
De que elle o venha a dizer!

Quizera ouvir-te as conversas,
As confidencias diversas,
Que lhe fazes ao deitar;
Quizera alli escutar,
O que diz ao teu ouvido,
E o pensamento despido,
Que lhe dás ao acordar!

Da tua alma as alegrias,
As esp'ranças de teus dias,
Receios, a propria dor,
Quando dos olhos á flor,
Como orvalho em lyrio bello,
Vem teu pranto, e em teu cabello
Cahe com tremulo fulgor!

Que coisas o travesseiro,
Talvez então conselheiro,
Que coisas te não dirá!?
Se mais fôfo se fará
Por vaidade e por lisonja?!
Cofre ao riso, ao pranto esponja,
Mais doce te par'cerá!

Mas branco, branco de neve,
Por dentro de pluma leve,
Alto á vista, brando á mão,

Com rendas na guarnição,
Co'a cambraia em fittas preza,
Se não tem outra belleza,
Não te prendas d'essa, não.

Elysa, o teu travesseiro,
Para ser bom conselheiro,
Taes galas escusa bem;
Elysa, as galas que tem
Podem não ser de innocencia,
Busca ter na consciencia
Um melhor do que ninguem.

LII

SITIT ET UNDA[1]

Vem, vem; olha a lua,
Que já, toda nua,
Nas aguas fluctua
Com doce pallor.

Vem, vem; branda aragem
Despiu-lhe a roupagem,
E beija-lhe a imagem
Das aguas á flor.

Despida, como ella,
Mais pura, mais bella.
Vem tu, ó donzella,
Matar o calor.

Tambem já sem pejos,
Fartando desejos,
Verás quantos beijos,
E quantos, d'amor!

Vem, vem, d'essa fragua,
Sem susto, sem magua,
Atira-te á agua,
Verás que frescôr.

Verás que te cinge,
C'uns braços que finge;
Verás que te tinge,
Depois em rubor.

Verás que te emballa,
Te eleva, te falla,
E perlas de gala
Te chove, em louvor.

Verás que percebe,
Se doida se embebe
De ti, que em ti bebe
Da vida o ardor.

Vem, vem, que te ancêa,
Soluça e serpea,
De rastos na area
Por dar-lhe fulgor.

Vem, vem, que te ama,
Te espera, te chama,
Fervendo na rama,
Que aos pés te foi pôr.

E sabe, coitada,
Que se é comparada,
Lhe fica humilhada
A limpida côr!

E sabe que o rastro
Da luz do seu astro,
No teu alabastro
Se imprime melhor!

E sabe que aos bellos
Teus finos cabellos,
A briza, por vêl-os,
Se prende ao redor!

E sabe que á vargem,
Ás flores do almargem,
Não vai mais, á margem,
Buscar-lhes o odôr!

E sabe que, embora
Curvado até agora,
Se o ramo a namora,
Namora-te o alvor!

E sabe que, ou graves,
Festivas, suaves,
Ou tristes, nas aves
Não tem mais cantor!

E sabe que ao rogo
Se cedes, vê logo
Que a sécca o meu fogo,
Que é já queimador!

Oh! sabe, e murmura,
E os pés te procura,
E da formosura
Te pede o sabor!

Tão sofrega o pede,
Que até te concede
Que ter a agua sede
Se possa suppor!

LIII

O RETRATO

Bem vejo: fiel, exacto,
Faz a gloria do pintor;
Mas não quero esse retrato,
Por que eu tenho outro melhor.
Vejo aqui teus olhos bellos,
Tua bocca, teus cabellos,
Teu collo, teu braço e mão,
Vejo, mas vejo que em tudo,
Por mais que as tintas lhe estudo,
Ha sempre a mesma expressão.

De ti longe, quero ver-te
Como estando ao pé de ti,
Quero as mil graças colher-te,
Não uma só, como aqui;
Sei d'este gesto o attractivo,
Falta, porém, successivo
O ferver do teu crisol;
Tu, seguindo o pensamento,
Pões, de momento a momento,
Um novo raio no sol.

Quero ver-te ora a belleza
Da tua bocca a sorrir,
Ora a suave tristeza
Nos teus olhos reflectir;
Aqui, meiga em teus agrados;
Alli, n'uns brandos enfados,
Mais formosa que ninguem;
Agora, exprimindo anhelos,
Logo, raivosa com zelos,
Depois, chorosa tambem.

Quero ver-te irada, affavel,
Grata, ingrata, em riso, em dôr,
Qual és na luz variavel
De teu constante fulgor;
Quero-te ao pianno; á janella

Fitando á noite uma estrella;
No baile; a ler; a resar;
Sentada; em pé; encostada;
D'esta côr, d'aquella ornada;
Ora ouvindo; ora a fallar!

Tal te quero; e retratar-te
Não sabe ninguem assim;
Já vês o que póde a arte,
Isto é pouco para mim.
Por lembrar-me?—não preciso,
Pódes tirar-me o juizo,
Mas a memoria, essa, não;
Não quero, pois, o retrato;
Tenho melhor, mais exacto,
Tenho-o no meu coração.

LIV

FLORES DE LUZ

Sumiu-se o sol no horizonte,
E do monte
As sombras caindo vem;
Já toldam de todo a selva,
Ja na relva,
Lentas, desdobram tambem.

A distante branca aldêa
    Mal branquêa,
Que a luz lhe foge co'a còr;
E préga a préga a cortina,
    Na campina,
Vae levando flor a flor.

O rio na arêa lisa
    Se deslisa,
Livre das rugas do sul;
Mas já nas aguas de prata
    Não retrata
Do céu o límpido azul.

Ave, que já se não alça,
    Pela balsa
Fugitiva se escondeu;
Do dia o som multiforme
    Calla e dorme,
E agora só falla o céu.

Por este silencio amigo,
    Vem comigo,
Amor, que amor te conduz;
Vem, que, se gostas de flores,
    As melhores
São estas flores de luz.

Á beira d'agua sentados,
Sem cuidados,
Temos o céu por jardim;
Teu braço meu corpo enlace,
Poisa a face
No meu hombro agora, assim.

Olha esta rosada estrella,
Que é tão bella
C'o as chammas a florejar!...
Quando viste mais formosa
Uma rosa
No teu jardim vicejar?

N'aquella que alli descubro
Como rubro
Lhe scintilla o fogo a arder!
Quem taes cravos póde dar-te
Como *Marte*,
Acceso assim, por te ver?

Cuidou talvez que eras *Venus*,
Por que menos
Do que tu brilhando está,
Teus olhos vencem seu lume,
E o ciume
Pallida agora a fez lá!

Aqui *Jupiter* a frente
Traz luzente
Co'a regia c'roa a fulgir;
E se outr'ora em chuva d'ouro,
Cisne ou touro,
Sabia, amante, cá vir:

Agora em doces desmaios,
Quebra os raios
N'estas aguas como vês,
E com tremulos fulgores
Vem, d'amores
Perdido, cair-te aos pés.

Gosa d'estas flores, que amam,
Que derramam
Fogos de vario matiz;
Das terreas flores, por bellas,
Que flor d'ellas
O que estas dizem te diz?

Compara lyrios, ranunculos,
Aos carbunculos
Que te namoram além;
Compara todas, que ainda
Na mais linda
Não vês a côr que estas teem.

Se das outras te toucaste,
Se gosaste
Recendente, grato odor,
Se por symbolos te dizem,
Te predizem
Esp'ranças, saudade, amor;

De muitas d'estas, *Apollo*
No teu collo
Perlas de luz te choveu,
E, saudoso, te sospira
N'essa *Lyra*,
Que vês suspensa no ceu!

Aquellas tecem-te *C'rôa*,
Esta vôa
Por mais perto te mirar;
Outras em *Barca* se ageitam
E te espreitam
O *Norte*, por te levar!

E a luz de todas não lança
Mais esp'rança?
Mais scismadora impressão?
Mais puro amor não te accende?
Não te prende
Mais suave o coração?

E não lhe ouviste a harmonia,
Que sahia
De entre as espheras, a fluz?
Oh! estas sim, que são flores
Para amores;
Oh! estas flores dão luz!

E luz tal que o mundo, ao vêl-as,
Só por ellas
Crêra em Deus, mostrando os céus,
Se essa luz de que é composto
O teu rosto
Melhor não mostrasse Deus!

Mas, tão breve, a noite de hoje,
Como foge!
Tão linda noite d'Abril!
A aurora, na immensa plaga,
Já lhe apaga
As flores a mil e mil.

Que importa? As que ella trouxera
Primavera
Uma vez no anno as dá;
As de luz, se ora escurecem,
Reverdecem,
Cada noite outra vez lá.

Vai, pois, e o dia se coite, *
    Por que a noite
Com ellas te traga aqui;
Volta, que as vês renascidas,
    Mais florídas,
E eu vejo todas em ti!

* Se apresse.

LV

O ESPELHO

Quebra, quebra esse vidro; é conselho
Que um amigo sincero te dá;
Que procuras saber no espelho?
Ou que cuidas que o espelho dirá?

Se amorosa, modesta, singella,
Só por mim o vais tu consultar,
Nos meus olhos verás como és bella,
Nos meus olhos te pódes mirar.

Se o conservas, remedio d'enganos,
Por limpal-o inda um dia sem do,
Vale mais do que taes desenganos
Ter o espelho de dentro sem pó.

Esse sim; mas o outro, a verdade
Raras vezes costuma dizer.
Ou, se a diz, logo a sabe a vaidade,
Mesmo aos velhos, com arte esconder.

Já uma velha, bem feia, na rua
Um pedaço de espelho apanhou.
Viu-se, e ao ver a verdade tão nua,
Larga o vidro, e, andando, rosnou:

«Não podias ser bom, nem cá fóra
«Te deitavam se fosses melhor;
«É sabido, em espelhos d'agora,
«Ninguem póde seus olhos já pôr.

LVI

O ADEUS DO RECRUTA

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, não,
Por andar longe, coitado!
    Ai, amor,
    O tambor
    Que já berra;
    Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
    Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu, Maria
Na aldêa, tu, que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia?!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus,
Que nem sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra,
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Pergunta, bem perguntado,
Se te eu quero bem ou não,

Ás pedras do teu balcão,
Ás telhas do teu telhado!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Fui pobre folha caída
Que na cheia amor levou,
E n'um remanso deixou
Á tua porta detida.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus, minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Ao sol dizia, no monte,
Que não tornasse a nascer,
Que vinha o sol cá fazer
Tendo-te eu alli defronte?!

Ai, amor,
O tambor,
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Á noite, quando fiavas,
Dizia, ao ver-te fiar:
Fosse eu linho! por te dar
Os beijos que tu lhe davas!
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora ás costas a farda,
Agora esquerda volver,
Agora, marchar, e ter
Só por amante a espingarda!
Ai, amor,
O tambor

Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Agora sangue e batalha,
Matar ou morrer por lá,
E o corpo á valla me irá
Sem ter, ao menos mortalha.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

Mas se eu voltar, que te veja
Logo de longe acenar,
E vai, depois, vai-me esp'rar,
Mais um padre, ao pé da Egreja.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,

Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

E se na guerra, Maria,
Uma balla me dér fim,
Reza cá, reza por mim,
Reza uma vez cada dia.
Ai, amor,
O tambor
Que já berra;
Ran, tan, plan,
Adeus minha terra,
Ran, tan, plan,
Eu vou para a guerra.

LVII

O BASTIDOR

Gósto, Elysa, de assim ver-te
Assentada ao bastidor,
Que a ociosidade perverte,
E cança mais, e peior;
Borda, imita a linda flor,
Mistura os fios na tella,
Que se a obra te sae bella,
Bella te faz o lavor.

Bella sim, que te conserva
Das bellezas a melhor,
Tua innocencia preserva,
Guarda n'alma a casta flor;
E, guardada, em quanto a còr
Vais d'outra flor matizando,
O teu anjo vai bordando
Tambem n'outro bastidor.

Borda-te os dias serenos
Sem terem fios da dor,
Fal-os correr mais pequenos,
E sempre c'o mesmo alvor;
Porque os dias com lavor
São como o poço batido,
Que é um espelho polido,
E tem n'agua outro sabor.

Elysa, Elysa, o trabalho
Se é castigo, é d'amor,
Na agulha, na penna ou malho,
Dá bens, e honra, e vigor,
Guarda, Elysa, a casta flor,
E por que o vicio a não mude
De sentinella á virtude
Põe sempre o teu bastidor.

LVIII

A FLOR DA LARANJEIRA

Bella, candida flor da laranjeira,
Quem te não ama a graciosa fórma,
A pura e nivea côr, a suavidade
De teu perfume embalsamando os ares;
E a meiga inspiração d'amores castos,
Que em ti bebem os olhos, quando, á tarde,

Te contemplam, depois da fresca réga,
Com mais alvas estrellas esmaltando
O verde escuro das lustrosas folhas
De tua gentil arvore, que pende
Carregada de ti, e, ao mesmo tempo,
Dos aureos fructos que de ti nasceram?!
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Quem não sente alegria ao ver sorrir-te
De longe no pomar; quem não respira
Melhor então as matutinas auras;
Quem não scisma comtigo em mago enlevo
De esp'rança ou de saudade, quem já póde
Por noite de luar sentir-te ou ver-te,
Sem da janella conversar comtigo
Em intimos segredos, que se dizem,
Ás vezes, n'um suspiro involuntario?
Quem te não ama no pomar, na jarra,
Na grinalda, no altar, de dia, á noite,
Quer botão, quer aberta, em tudo, e sempre?
Quem no mundo, que peito te não ama,
Bella, candida flor da laranjeira?!

Eu por mim quero-te d'alma,
Quero-te muito, alva flor,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor;
Da innocencia tens a côr,
Da virtude a singelleza;
No aroma e na belleza
Levantas a idéa aos céus;
E, levando o amor que encerra,
No thuribulo da terra
És incenso para Deus!

Quero-te quando fechada
Ainda em tenro botão,
Quando já desabrochada,
E quando solta no chão;
Fallas sempre ao coração,
Na graça, no odor, no corte,
Na tua vida, na tua morte,
Nos fructos lindos, que vem,
Côr de esp'rança, do teu seio,
Depois, dos olhos recreio,
Na dourada côr que tem.

Tu prendes-me o pensamento
Á modestia do teu ser,
Que em ti alto nascimento

Não t'a faz nunca perder;
Quando te vejo descer
A alastrar em torno a relva,
Comparo o orgulho da selva,
Quando o machado a tombou,
Faz-lhe o int'resse sepultura,
De ti a memoria pura
Ornando a terra ficou.

Quero-te muito, florinha,
Que longe do céu natal
Tu para seres mais minha
Amas o meu Portugal;
És na c'rôa virginal
A gloria da desposada,
És sempre a flor invejada,
És sempre a bem vinda flor;
Quero-te, pois, muito d'alma,
Como a donzella que a palma
Em ti vê do seu amor.

Oh! quantas horas de remanso doce
No descuido da vida, ou afogando
Tambem cuidados d'ella, me hei ficado
A meditar, d'um laranjal á sombra,

Co'a vista preza á flor! Oh! quantas vezes
Lhe perguntei por Deus e pelos homens,
Adorando o Senhor nas obras suas,
Ou gemendo, com estes, das miserias
Cá da mesquinha terra! Em tuas folhas,
Branca flor, ia lendo, como em livro
Singello e verdadeiro! Venham, venham
Das cidades aqui, ao prado, ao monte,
Á clareira do bosque, ao valle, ao rio,
Em ti, ou n'outra flor, na propria hervinha,
Venham felizes, desgraçados, todos,
Todos os lá do mundo pòr os olhos,
E avisos buscar, lições, conforto,
Aspirações do céu, e desenganos!

Porque ha-de a terra, o mar, o céu, o mundo
Fallar tão alto, e tão pouco ouvir-se?!
Não sei por que incessante não folhêa
O homem n'este livro, aberto sempre!
Uma flor, uma folha, um só insecto,
Que montão de pasmosas maravilhas,
Que fundos pensamentos não desperta!
N'este hymno universal, em que entram côres,
E perfumes, e sons, e fórmas varias,
E movimento e vida, e toda a obra

Da immensa creação, a voz do homem
Deve ser a primeira a erguer louvores,
E sua vista a colher, em quanto o cerca,
As lições que Deus poz;—aprenda em tudo
A temer ou amar, e crer no Eterno!

∞

E eu, Senhor, aprendo; e como a abelha
Tambem quero da flor encher meus favos;
Nem a lyra, e a voz, e a mente viva
Da tua imagem, ó Deus! onde sopraste
Fulgurante centelha do teu lume,
Ha-de menos saber que o louro insecto
No occulto lavor do mel, que extrahe
Em seus incertos, inconstantes vôos!
Louvo-te, pois, Senhor, e creio e amo,
Amando a linda flor, e, ao vêl-a, penso
Nas vaidades da terra, nas esp'ranças,
Tantas vezes mentidas, nos amores,
Em que um peito não ha que, cedo ou tarde,
Na dor, na saciedade, ou nos desejos,
Não se sinta vazio e lacerado;
Porque a alma, librando-se nas azas
D'essa essencia immortal que lhe tu déste,
Mais altas regiões suspira sempre!

∞

Ai! vaidades! ai! quantas, florinha,
Tens tu visto, levada ao festim?!
E a donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

Tantas graças, que crê que te exorna!
Tão formosa, que nem te invejou!...
Mas o tempo, que foge e não torna,
D'essas graças depois que deixou?

Viste-a bella uma hora, reinava;
Tinha aos pés mais de mil corações;
Nem os via... no espelho adorava
Uma a uma suas lindas feições.

Mais rasgados, mais negros, mais bellos,
Nenhuns olhos, suppõe que não ha;
Nem mais finos, lustrosos cabellos
Outra flor como tu vira já.

O rosado alvo rosto, no escuro
Da moldura c'roada por ti,
Diz-lhe que é como estrella em céu puro,
Quando n'agua se mira e sorri.

O seu collo de garça, inclinado,
Como a haste que o lyrio sustem,

Cuida vêl-o de si namorado,
Ou que espreita outros mimos que tem.

Olha as perlas que os labios descobrem,
Olha o braço de neve, olha a mão,
Olha o pé, que metade lhe encobrem
Finas sedas, roçando no chão!

Mas taes graças e tantas, florinha,
Onde foram, depois do festim?
A donzella do baile rainha,
Onde está? Que foi d'ella por fim?

∞

Onde?... Onde vai tudo... No sepulchro!
Volteava alegre alli uma hora antes
Na loucura da walsa; espanejava
Bem alto as saias, descobrindo rendas,
Rendas e mais ainda; quiz-se noiva
Por diamantes, e ouro, e luxo, e pompas,
Por fazer-se invejada, e co'as invejas
Matar vinte rivaes; co'a planta altiva
Arredou corações, que em puro fogo
Se lhe foram render, onde escolhesse;
Não escolheu um só, escolheu todos,
Mas por escravos vís atrás do carro
Da vaidade, em triumpho; e foi vender-se

Sem pejo e sem amor!... Vereis agora,
Cuidava então, vereis como sou bella,
Entre o fausto a brilhar, mais que nenhuma;
Vereis que vida levo deslumbrante,
Que joias, que caprichos, que prazeres,
Que de incenso perenne em meus altares,
Que dias de ventura, quantas noites
Ostentando a belleza, e em torno d'ella
Os hymnos de louvor!... Oh! como é doce
Viver, viver assim, contar as victimas
Que farão cada hora os meus encantos,
E que me hão-de adorar inda os desprezos!...
Insensata! sómente não contaste
Quantos passos irão do baile á campa!

∞

Inda a fronte em suor lhe gotejava
Logo depois da dança; arfava ainda
Sob as gallas o peito; inda fulgiam
Nos braços e no collo os diamantes;
Inda da branca flor da laranjeira
Tinha a viçosa c'rôa preza ás tranças;
E no vasto pateo d'um palacio d'ouro
Rodavam cem carroças, porque o baile
Apenas acabara;—eil-a que subito
Nos felpudos tapetes matizados

Cae de chofre, sem côr, sem movimento,
Morta, morta de todo, como f'rida
De repentino raio, e a fronte roça
Os pés do leito nupcial... viuvo!
Nem viu murchar a flor, colhida ha pouco
Para o feliz noivado! Foi capella
Da noiva do sepulchro... e os aureos sonhos
Lá vão esvaecidos como sombra,
Fugitiva ante a luz!... Comigo, ao menos
Dá teus prantos, ó flor, á bella extincta,
Que ninguem mais lh'os deu... o proprio esposo,
Tão vaidoso como ella, só mercára
Um adorno de mais n'essa belleza;
Buscou outro depois; e sob a lousa,
Ninguem mais fallou d'ella, por que a pedra
Tem outra inda por cima—o esquecimento!

Nem epitaphio! derradeiro arranco,
Ultimo abraço da vaidade a si!
Que inda de dentro do sepulchro branco
Falla do pó que se estremára alli!

Nem isso teve! E se a donzella em vida
Lição tomasse da ignorada flor,
Bella e modesta, da missão cumprida
Deixara um echo, e talvez d'amor!

Veria o pouco de que ter vaidades,
E só por isso brilharia mais;
Cercal-a-hiam, como a ti, saudades,
Quando do ramo desprendida caes.

Porque tu guardas no teu seio o pranto,
Da roxa aurora que por ti chorou,
Porque tu amas, carinhosa, o canto,
Que em suas aves para ti cantou;

Porque tu d'outros, não de ti cuidaste,
No odor, no fructo, e sem uma alma ter,
De quem tu vinhas, debruçada n'haste,
Soubeste sempre, sem fallar, dizer;

Porque contente borbulhaste um dia,
E recendeste para a terra e céus;
Porque dos bens que de ti dentro havia,
Dás todos cá, e tu vais dar-te a Deus!

Por isso á tarde sobre as folhas soltas
Andam saudades, adejando a mil,
E nos suspiros, que t'as põem revoltas,
Suspira tudo que te torne abril.

Mas foi só essa a victima c'roada
Por ti para o sepulchro? Não!... tu deves
Ter extenso registro das que viras,
Como na rez do sacrificio antigo,
Ser-lhe na fronte a flor signal de morte!
No caminho do altar vai esta agora...
E que tristeza lhe contrasta, languida,
A risonha grinalda e as brancas vestes!
Pallido o rosto; os labios desbotados;
Quasi em desleixo nos eburneos hombros
Louros anneis que os beijam; sobre o peito,
Comprimindo o arquejar a mão convulsa;
A figura gentil curvada ao peso
Do destino que leva, como ramo
Que um lençol debruçou á beira d'agua;
E os olhos, côr do céu, ao céu erguidos
De quando em quando, e abaixados logo!...
Quem na dissera a noiva no seu dia?
Quem não crera antes ver n'aquella triste
Viuva ou orfã, que saudosa leva
Suas magoas á Cruz do cemiterio?!

∞

Noiva! Noiva! E tem paes!... Alli, ao lado,
Vão com ella, e sem ver que a matam!... Cegos!
Matal-a assim, tão moça!... Nem esp'rarem
Que o tempo, co'a razão mais fria e grave,

Désse força á virtude!... E a boa filha
Lá vai, lá vai submissa.—Os paes um dia
Responderão a Deus.—Rica nascera;
Esse foi o seu mal, que, procurada
Por quem honras trazia e grandes rôlos,
De velho pergaminho, que narrava
Acções illustres sim, mas todas d'outros,
Todas de mortos já, calou-se o affecto,
O dever paternal, no enthusiasmo
Dos fumos d'ambição, e nem pergunta,
Se hoje o neto aos avós honrava as cinzas!

Descuidosa a donzella, andava alegre,
Sem saber do noivado, doudejando
Por sombras do jardim. Agora corre
Atrás das borboletas; corre logo
Por apanhar a amiga na carreira;
Junta aqui ramalhetes, com que enfeite
Sancta imagem da Virgem; tece c'roas
Ás estatuas do tanque; além, na horta,
Colhendo a flor da laranjeira, fica
A scismar nas esp'ranças com que á noite
Adormece feliz!... Já dentro d'alma
Tinha gravado um nome!... E quantos sonhos
Que encantados castellos! mas... desfeitos
C'uma palavra só!... Vem cá, és noiva!

Trazes a flor na mão, adivinhaste;
Noiva, noiva!—E de quem?... Sentiu lá dentro
O pobre coração que rebentava,
Porque o nome era outro... e Deus bem sabe,
Se este era digno d'ella!—Mais estatua,
Que as que ha pouco adornou, viu-se adornada,
E lá vai ao altar a triste noiva!

Que de invejas a acompanham!
Quantas lhe gabam a flor!
Quantos desejos, que estranham
Que leve perdida a côr!
Á festa, á festa, donzellas,
Vède a bella entre as mais bellas,
Como é ditosa! Pois não?
Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Leva um véu sobre as espaldas,
Que melhor não se bordou,
Leva um collar de esmeraldas,
Que melhor 'ninguem levou;
Leva-as nas mãos e nos braços;
Leva diamantes em laços;
Como é ditosa! Pois não?

Vêde-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

Á festa, á festa, invejai-a,
Ide egual sorte chamar,
C'um alfinete na saia,
Se lh'o podeis ir pregar;
Á festa, á festa, que ainda
Não se viu noiva mais linda,
Nem mais ditosa! Pois não?
Vède-lhe as joias e rendas,
Que leva as mais ricas prendas;
Só não leva o coração.

∝>∘

O coração! Coitada!...—Em poucos mezes,
Ide vós que a invejaveis, ide vêl-a!...
Conheceis-lhe as feições? É esta acaso?...
Se já na flor um dia reparastes,
Quando algum verme occulto a róe no seio,
Que desmaia, definha, perde o viço,
Poisa, abatida, a fronte na folhagem,
Vai enrolando as pétalas mimosas
Pouco a pouco, e por fim, já despegadas,
Caem todas no chão, e a flor é morta,
Vistes a imagem da infeliz donzella,

Quando tambem por dentro, occulto e fundo,
Desventurado amor lhe róe a vida!

∞

Eil-a!... que o corpo soerguendo apenas,
Cruzando as mãos no descarnado peito,
Véla por noites, e sósinha, em vasto,
Frigido leito!

Sómente a febre lh'o aquecera, e ri-se,
Com esse riso que comprime os dentes;
Sómente, não; que lhe deslisam logo
Lagrimas quentes!

Por entre os véus do deslaçado pranto,
E á fina touca levantando os folhos,
Crava na luz, que já vacilla exhausta,
Avidos olhos!

Como que a segue no clarão incerto,
Como que a accusa, se mais luz derrama,
Como que apréssa o extinguir á debil,
Trémula chamma!

Se eram desejos evocando a hora,
Que tarda tanto ao que a dôr já cança,

Ahi vem... e agora com a Cruz te abraça,
Unica esp'rança!

∞

Fechou-se emfim sobre ella aquella porta,
Que só no extremo dia, á voz tremenda
Do anjo do Senhor, ha-de arrombar-se!...
Ao pôr do sol os paes vão-lhe na campa
Chorar, chorar, debaixo do cypreste;
Regar as rôxas flores, que, espontaneas,
Lhe nasceram á volta; arrepender-se,
Tarde já, mas sinceros, e pedil-a
Debalde aos echos, que apiedados gemem,
Respondendo ao gemer dos desditosos!
Oh! por que n'essa flor que lhe lá vistes
Na mão, aquelle dia, estas tristezas
Não soubestes prever?!—De todo secca,
Ireis achal-a ainda, e talvez quente,
Ao pé do travesseiro!... Ressequiu-se
Longe do ar, da seiva, dos amores,
Que lhe vinham de Deus, e mais colheu-a
Bem carinhosa mão!—Adivinhava,
Como cuidastes, sim, mas era a morte,
Por que a flor díz—amor—não captiveiro!

∞

Sempre pura e fiel, deu á virtude,
Ao céu, aos paes, a si, o que a si mesma
Deve toda a mulher;—ao sacrificio
Foi, mas soube morrer!—Outras... o mundo
Diz que sabem viver!... e vivem, vivem
Ahi nas boccas d'elle!... Mas que o diga
O mundo d'hoje, o mundo corrompido,
Vivirá a virtude mais do que elle!
A sua essencia não mortal, divina,
Perfuma, como a flor, a propria terra,
Mau grado a corrupção, e depois sobe
A recender eterna aos pés do Eterno!

Sempre!... Sempre!... E tu ri, ó mundo d'hoje,
Que inda um pranto de sangue ha-de escavar-te,
Com já tardias lagrimas, as faces!
Ri, ri, vaidoso seculo!... Que valem
Contos de dôr alheia, e dôr de dentro,
Dôr em que tu não crês? Que valem flores
De pobre laranjeira ao pé dos louros,
Que te enramam a fronte?... Mas, ó seculo,
Apregôas-te grande, o pregão deitas
Da terra aos quatro ventos, e és grande
No orgulho só da propria apotheose,
N'esse enlevo pueril com que te esqueces
A contemplar tuas obras!... Que tens feito?

Á materia prendeste as vistas do homem,
Á materia sómente!... A alma, que importa?
Viver, viver a vida grossa e bruta,
Vida só para o corpo; forçar tudo
A servir inda mesmo os vãos caprichos
Do physico existir, por mais audazes;
Fazer da creação submissa escrava
De sensual prazer; serras e bosques,
O metal, o carvão, a pedra, os fructos,
O fogo, a terra, o mar, o ambiente, os astros,
Producções naturaes, inventos, machinas,
Os animaes, os homens, as mulheres,
Aqui a intelligencia, alli a força;
E, n'um tráfego immenso, activo, rapido,
Contar tudo por cifras insensiveis,
Que se enfileiram doceis para a somma
Do goso mat'rial... eis a loucura,
Com que insultas o céu, e rís do espirito,
Engrinaldando de fingidas flores,
Sem o viço da esp'rança, e sem perfume,
A victima da morte ao pé da campa!

∞

Mas nós os que a conta,
Contando melhor,
Tambem nos faz monta
A virtude e a dôr,

Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que ás flores,
Que o mundo fingiu,
Preferimos, co'as dores,
As que a alma floriu,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós os que crêmos
Na alma e em Deus,
Que os olhos erguemos
Da terra p'ra os céus,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

Mas nós, que entre a gloria
Do mundo, entre a luz,
Ainda a memoria
Guardamos da Cruz,
Finada tão bella
Rezemos por ella.

∞

E tu, mimosa flor da laranjeira,
Só musa me has-de ser d'estas tristezas?

Tu, a flor festival, has-de fallar-me
De sepulchros sómente?—Deixa, deixa
Isso aos pallidos goivos, ás perpetuas,
Mais ás ròxas saudades.—Pois na terra
C'rôas sempre desgraças? Não. Fadada
Foste antes a c'roar doce ventura.
Amor, o casto amor, o que não punge
C'os remorsos depois, o que procura
Socio d'alma na dôr e nos prazeres,
Socio fiel que fica, e que acompanha,
Em tranquillo suave sentimento,
Quando o tempo a fogueira abrasadora
Da vehemente paixão melhor transforma
Na branda luz duravel d'esse affecto,
Que, em vez de nos queimar, nos allumia;
Amor, aquelle amor, qùe os anjos podem
Ver do céu sem tapar co'as mãos o rosto,
Amor puro, sem ter de que se peje
Ante os homens e Deus, esse, comtigo
Vai sempre engrinaldar-se, és tu sua palma;
E contente e feliz, como no mundo
O homem póde ser, assim o viste!

∞

Bem me lembra inda a festa d'essa aldêa,
Que além, ao pé do rio, entre salgueiros,
D'aqui vejo alvejar, como zagalla

Meio despida já, sentada á beira
Das aguas, onde vai banhar-se á tarde.
Bem me lembra inda a festa. A aldêa toda
Trajava as vivas chammejantes côres
De seus dias festivos. As cachopas,
Muitas vi, de sapatos coxeando,
Ou com elles na mão, cegarem tudo
Com grandes arrecadas, cordões d'ouro,
Cruzes e corações; os homens iam,
De véstia nova e cinta e carapuça,
Innocentes orelhas degolando
D'altivo colleirinho ao duro fio;
Até velhos e velhas não faltavam
No geral regosijo; inda estou vendo
Como boa velhinha, recordada
De seus passados tempos, mais gaiteira
Que as proprias moças, meneava o corpo
De cima dos tamancos, e c'os dedos
Alçados dava trincos, desejosa
Da dança que se armava no terreiro.
Os foguetes estridulos subiam
De quando em quando, por levar ás nuvens
A alegria da terra; nesta, as bombas
Estouravam rasteiras; os rapazes,
Com gritos jubilosos, atrás d'ellas
Corriam, empurravam-se, caíam
Apinhados no chão, a disputarem

A desejada guita; pelas ruas,
D'aqui d'alli saindo, iam passando
Para a festa as violas, encostadas
Ao peito de pimpões, trinando amores.
Era um domingo, e a aldêa festejava
Da sua melhor moça o casamento.

∞

Mais bonita não a havia
Nem mais bem quista tambem;
Uns olhos que ella volvia,
Palavras que ella dizia,
Não resistia ninguem.

Trigueirinha, mas formosa,
Como bem poucas o são,
Não tinha invejas á rosa,
Nem branca mais invejosa
Lhe podéra pôr senão.

Uns modos de tal carinho,
Que eram mesmo de encantar;
O corpo tão bem feitinho,
Que da fonte no caminho
Lh'o estavam sempre a gabar.

De tantos gabos ouvira
Uns que diziam melhor,

Sem saber o que sentira,
Nem já do sentido os tira,
Nem sente senão amor.

Tambem outro seareiro
Não ha por lá mais gentil;
Tal é trigueira, é trigueiro,
Mas tal primeira, primeiro
Na sua aldêa entre mil.

Iguaes em tudo; na edade,
No bom nome, nos bons paes,
No trabalho unica herdade,
Nos gostos da mocidade,
Em tudo ambos iguaes.

Ella, a melhor fiandeira
Nos serões ao pé do lar,
Tambem não tinha parceira
Como alegre cantadeira
N'uma escamiza ao luar.

Elle, que, por vida sua,
Era o melhor tocador,
Tambem c'uns bois á charrua,
Fosse por sol ou por lua,
Ninguem ao pé se ia pòr.

Era de vêl-os na fonte
Tão namorados então,
Ella, dizendo-lhe — conte,
Elle arredado, defronte,
Riscando c'o pau no chão.

E que contos, ou que contas
De tanto amor iam lá!
Ai! amor, no que tu contas,
Mal sabes que não descontas,
O que o tempo conta cá.

Mas aqui o amor não teve,
No amor que descontar;
Tal fado maus fados leve,
Que este amor, feliz, em breve,
Eil-o á Egreja a caminhar.

∞

O dia, era de maio um lindo dia,
N'este tão puro céu, n'esta suave
Transparencia do ar, n'esta opulenta,
E cristalina luz da nossa terra;
Os outeiros, em torno, verdejavam;
Manso, no sinceiral e nas arêas,
Se espriguiçava o rio susurrando;
Traziam já nas azas doces brizas

O perfume das flores; e nas arvores,
De ramo em ramo, os passaros contentes
Fadavam-n'as d'esp'rança, e ninhos novos;
Tudo dizia amor, e festa, e vida!
Um momento houve só, que branca nuvem
Toldou de todo o sol... deixal-a, foi-se;
Se ninguem deu por isso, os noivos menos.

∞

Cachopas, salta ao terreiro,
Salta, salta a bom saltar,
Quem vir os noivos primeiro,
Ha-de primeiro casar;
Cachopas, vamos, de roda,
Toca a dançar-lhes na voda,
Toca a cantar-lhes com fé;
Canta, canta, dança, dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé.

Lá veem os noivos,—affasta;
Deixai-os bem ver, assim;
Esta festa é d'outra casta,
Estes noivos, isto sim;
Vamos; na cara, nos peitos,
Chovam-lhes já os confeitos,

Já que tão contentes vão;
Não levam joias, nem rendas,
Levam a melhor das prendas,
Levam o seu coarção.

Da terra senhora nobre,
Nobre d'avós e d'acções,
Da nobreza a quem o pobre
Põe á porta outros brazões,
Tinha a cachopa morena
Tomado desde pequena,
E viu-a em casa crescer;
Madrinha do baptizado,
Hoje, fazendo o noivado,
Madrinha tambem quiz ser.

Deu-lhe cordão e arrecadas,
Deu-lhe um cerrado no val,
Deu-lhe crescidas soldadas,
Deu-lhe todo o enxoval;
E se não quiz n'essa gala
Qual na cidade enfeital-a,
Pondo-lhe c'roa nem véu,
Poz-lhe da flor feiticeira
Um ramo de laranjeira
No desabado chapéu.

Assim vai linda, e vai rica;
Nem muita riqueza quer,
Quem com pouco alegre fica,
Quem no pouco a sabe ter;
Vai linda na singelleza,
Na mais natural belleza
Do seu trajar d'aldeã;
Sáia curta, debruada,
Roupinhas, meia bordada,
Capa azul, com fita irmã.

Nem fidalga, nem rainha
Podéra agora invejar;
Disse-lh'o a boa madrinha,
Foi-lh'o o noivo confirmar;
Dizem-lh'o, vendo-a de roda,
As cachopas, que na voda
Tem por si a mesma fé;
Vamos, pois; á dança, á dança,
Que a viola não descança
A fazer pular o pé.

∞

Oh! ficou bem calcado em todo o dia
O terreiro da Egreja, mais o pateo
Da casa da madrinha, que, no largo
Tambem da aldêa, erguia a fronte alta

Entre todas as mais, como pinheiro
Entre moitas humildes; e o sobrado
Quasi que veiu abaixo sob o peso
Da enthusiasmada dança, que durara
Até por noite velha.—O guapo noivo
Nunca melhor tangeu n'uma viola,
Que detrás d'ella o coração captivo
Ás cordas lhe ensinava sons mais doces;
Da noiva o canto poz lá tudo a um canto,
Porque jámais cantou com tanto gosto:
Mas n'aquelle folgar folgavam todos;
Girava a roda, sapateando a espaços;
Retinia a cantiga, ardiam faces
Que eram mesmo papoulas; fuzilavam
Olhos d'elles e d'ellas, como chammas
De relampago á noite; os pobres peitos
Arfavam-lhe, apresssados; as mãos prezas
Esmagavam-se alli em rijo affecto;
Os remoques ferviam c'os risinhos;
E, por fim, já cançados, ás paredes
Da casa se encostavam, luzidios
De prazer e suor, deixando muitos
A voda apalavrada, á sombra d'esta!

Tempo, que tanto corres, porque corres
Maïs veloz aos felizes? Porque levas

Nas azas tão ligeiro as poucas horas
De terrena ventura? Porque sempre
Os momentos d'amor tão breves fazes,
Que, mal do homem a mão se estende, e roça
Despontados botões com que lhe acena
Ridente murta além, não colhe logo,
Ao pé, se não saudades, orvalhadas
Das lagrimas da dòr? Porque, tão velho,
Não canças de fugir? Nem te demoras
Se quer a ouvir segredos, que não sabes
De namoradas almas, se as deixasses
Demorar-se tambem? Porque sómente
Tens vagarosos pés com que te arrastas
Na vida aos desgraçados, aos que pedem
Que lhes ceifes co'a foice, emfim, as magoas?!

Dia, dia de maio! Inda co'a noite
Que pequeno que foste!... Toda a aldêa
Depois te suspirava. Este, no campo,
Cabisbaixo lavrando; esta no monte,
Sachando o milho nado; aquelle, ao cimo
Da encosta, no pinhal, fazendo lenha;
Aquella no tear, urdindo agora,
Já tramando depois, depois tecendo,
Com monotono som, a branca têa;
E todos a scismar como correram

Fugitivas as horas, quantas cousas
Ficaram por dizer; e... Deus o sabe,
Quantas penas tambem que já penavam!

∞

Os noivos não; pois que penas
Tinham elles que penar?
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Que vida, que vida aquella!
Quem na podéra gosar!
Se a viverem sempre bella,
Ella d'elle e elle d'ella
Sem pezar!

Por que não? Ao anno findo,
Como a fortuna sem par
Lhes fosse sempre sorrindo,
Deu-lhes Deus um filho lindo;
Que mais dar?

Amor, saude, alegria,
E no honrado trabalhar
Farta mesa cada dia,
Mais que o filho poderia
La faltar?

Tendo alli perto a casinha,
Em que viviam os paes,
Vêl-os sempre; e a madrinha
Tendo tambem por vizinha,
Falta mais?

Não falta mais, não tem penas
Ambos elles que penar,
Felizes horas serenas,
Nem viam se eram pequenas
Para amar.

Póde então n'este mundo, póde o homem
Ser contente e feliz?... Como no mundo
O homem póde ser.—Dois breves annos
Tinham passado apenas, e com elles
A ventura tambem! Na pobre aldêa
Entrou assoladora a fatal cholera,
A cholera tremenda, a que transforma
Em desertos cidades populosas;
Que varre para a tumba a eito, a eito
Casas, ruas inteiras; que derriba
Aqui o pae, o irmão; alli amigos;
Este junto do altar, aquelle á meza;
O que vem, o que vae; adultos, velhos;
A criança, a mulher; ao pé do leito

Do moribundo o padre que o conforta;
O medico ao sahir: os que já levam
Ao cemiterio os mortos; tudo tudo;
Caminhando inflexivel, implacavel,
Entre prantos e lucto, e fundas vallas
De cadaveres mil, a cada hora.
Como um anjo terrivel de exterminio,
Que na espada de fogo, em letras negras,
Trouxesse escripto—*maldicção aos homens!*
Entrou n'aldêa a cholera, e n'um dia,
N'um só, essa aldeã, antes ditosa,
Filha, perdeu os paes; esposa, o esposo;
E, carinhosa mãe, o tenro filho!

Ai! nuvem, branca nuvem, que nas vòdas
Tão vivo sol toldaste, annunciavas
O funebre sudario! Tu dizias
Ás venturas da terra, que não faltam
Nuvens ao melhor sol, como tristezas,
Ou tarde ou cedo—quasi sempre cedo!—
Ás alegrias d'alma!... As alegrias!
Um vento sepulchral espedaçou-as,
Não deixou senão pó!... E geme agora
A desgraçada mãe; a filha orphan,
A viuva sósinha!... Se lhe resta
Protectora inda a mão, tão boa e nobre,

Que a tomou criancinha, mão nenhuma,
Nem essa, póde balsamo levar-lhe
Ao lacerado peito!... Geme, geme,
No ramo do cypreste, triste rôla,
Que das dôres a dôr é essa tua,
Essa saudade dos que mais não volvem,
Dos que com tanto amor na vida amámos,
E nos deixam depois vida sem vida,
Em que o goso são lagrimas, e a esp'rança
De os vêr só nos vem tambem da morte!

∞

E, por fim, cá trouxeste mais tristezas,
Bella, candida flor da laranjeira!
Oh! mas não vem de ti, vem só do mundo,
Vem d'este barro quebradiço ao sôpro,
Que lhe desce de cima; vem dos homens,
Que, até os mais felizes, se lhes vissem
Os corações bem nús... se lhes sondassem
Os desejos bem fundo... lá se achara
Constante aspiração, que nunca deixa
Na terra contentar; vem d'essa sempre
Ephemera ventura; e de não vermos,
De não vermos que a dôr é só caminho,
Por onde, aos céus subindo, vai c'roar-se
De flores a virtude, e d'essas flores
Immarcessiveis, fúlgidas, eternas,

Como não és, não podes ser tu nunca,
Porque és da terra, por melhor que sejas,
Bella, candida flor da laranjeira!

∞

Não pódes; mas pódes, c'roando singella
A fronte da noiva, levada ao altar,
Não ser-lhe remorso, fazel-a mais bella,
E sempre lembrar-lhe depois sem corar.

Não pódes; mas póde, por mais que se mude
A sorte mudavel que os homens cá teem,
Nas proprias dôres, saber a virtude
Deixar-nos, qual deixas, perfumes tambem.

Não pódes; mas podem, aquellas na terra,
Que tu já c'roaste, mas Deus inda não,
Saber que te curvas aos ventos em guerra,
E doceis curvar-se de Deus sob a mão.

Não pódes; mas podem, de ti aprendendo,
Sorrir entre espinhos, louvar quem lh'os deu,
Que assim, desditosas, já menos o sendo,
São anjos na terra, são anjos no céu!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS

SEGUNDO VOLUME

RELIGIÃO E PATRIA

CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS

SEGUNDO VOLUME

RELIGIÃO E PATRIA

LISBOA

ESCRIPTORIO DO EDITOR — RUA DOS FANQUEIROS, 40.

1859

ADVERTENCIA

N'este volume ha composições, que, pelos assumptos que celebram, pelos affectos que exprimem, ou pelos factos a que alludem, serão de differente sabor para as differentes opiniões politicas. Nada mais natural.

Mas se por isso as quizerem julgar, se decidirem só, por que lhes agrada ou desagrada o objecto dos versos, ou a idéa a que se referem, digo francamente, a amigos e adversarios, que não procedem com justiça.

Ao poeta pergunta-se *como* cantou, não se pergunta *o que* cantou. Sujeita-se á critica a parte litteraria, deixa-se liberrima a outra. Liberrima, entendamo-nos; não fallo no que toca á moral, por que então tambem não approvo que a poesia sirva de trombeta para animar nenhuma casta de ruins paixões.

Esse peccado, porém, cuido que o não commetti nos meus versos politicos. O mais que fiz foi ser cortezão da desgraça, que não é culpa muito contagiosa.

Estas razões espero que valham para os espiritos desassombrados; se não valerem, confesso que não as tenho melhores. Só se se pertendesse que a convicção e o pensamento fossem livres em todos, excepto no poeta. Mas isso!... Antes fazer prosa rasa toda a vida.

Ainda aqui advertirei, além do que já disse no primeiro volume, que tiveram de entrar n'este, pela materia e não pela épocha, algumas de minhas primeiras composições.

O que o amor-proprio me aconselhava a respeito de muitas, em todos os tres volumes, já tambem no anterior o declarei;—quem m'o tolheu foi a publicidade, quer pela imprensa quer pelas copias.

Se podesse, ficavam na manada dos engeitados,

segundo a expressão de um poeta nosso. É ás vezes uma pena que a imprensa e a escripta tenham tão boa memoria!

No fim deste volume vão uns versos com que directamente, ha alguns annos, me honrou o meu amigo *F. Gomes d'Amorim*, e a paraphrase que se dignou fazer a outros meus.

A resposta que dou aos primeiros, e o terem sido paraphraseados os segundos, são circumstancias que exigiam isto; mas se quizerem lançar-m'o á conta de vaidade, lancem que não me escandaliso nada. Por que não hei-de estimar as distincções de um bello talento, e á amisade de um bello caracter?

Os que não entenderem estas cousas, que passem adiante; não leiam nem um nem outro.

Campo Grande 20 d'Abril
de 1859.

I

DEUS

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Quero cantar o meu Deus,
Aquelle por quem respiro;
Quero nas azas do canto
Mandar ao céu um suspiro!...

Foi Elle quem me creou,
Abrindo o seio do nada;
É Elle quem me sustenta
Na terra fertilisada.

Á Sua voz giram mundos
Immensos, no immenso espaço,
Tudo nasce, vive, e morre
Pelo poder do seu braço.

Á sua voz trovões rugem,
Erguem-se os ventos e o mar,
Ou andam brandos favonios
As rosas a bafejar.

Desponta o cedro e a relva,
Rebenta o rio e a fontinha,
Vôa a aguia, ou sobre um ramo
Descanta humilde avesinha.

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Ó Tu que habitas na mansão etherea,
Do não ser e do ser ou vida ou morte,
Fonte de mundos, eternal substancia,
Incriada e sem fim, salve tres vezes!

E eu, atomosinho cá da terra
Nas trevas do meu nada emmaranhado,
A Ti levanto a voz profana e debil?!
A Ti, que és o meu Deus?! Ah! De joelhos,
E no calcado pó a face pondo,
Eu te peço perdão!... Mas quem me inflamma?
Quem do íntimo seio palpitante,
Do seio, onde sopraste essa centelha
De Teu lume divino, o pensamento,
Faz taes sons acordar de fibra em fibra?
Quem meu estro singelo em fogo accende,
De mystico fervor ungindo as cordas
Sob a tremula mão do joven bardo?
És Tu, é tudo Teu!... Dá-me acolhida
Aos sons que vem de Ti; dá-me um sorriso,
Uma vista de dó ao leve incenso,
Que d'alma no thurib'lo me pozeste!
Mysterioso é Teu véu, suprema essencia,
Á mente do mortal! Rompe-lhe as sombras
C'um relampago só da luz celeste;
Desabrocha no cardo a flor mimosa,

Que do vasto areal onde ha nascido
Lhe doure a solidão, lhe fade esp'ranças!

∝

Deus! Deus!—Toldada idéa és Tu ao homem,
Que em tudo quanto vê, Te vê, sem ver-Te,
Sem comprehender-Te nunca!

Oh! Não sei quem Tu és!?... Mas sei que existes!
Verdade eterna, que escreveste n'alma
Com Teu dedo divino!

Se c'os labios o atheu ousa negar-Te,
Sente, confessa em si Tua existencia,
E, a seu pesar, no acaso!

Oh! não sei quem Tu és!... Mas eu Te adoro,
Que Tu és bom, és sabio, omnipotente!
E creador do universo!

A voz do mundo todo é Teu pregoeiro,
Que uma arêa sequer não ha na terra,
Que não desvende os cegos;

Que aos homens, muda, lhes não brade sempre:
«O Eterno adorai; sou obra d'Elle,
«Adorai o Eterno!

Em toda a parte estás, ó Ser dos seres,
E tudo Te proclama desde a hervinha
Té aos cedros do Libano!

No fundo das cavernas tens um ecco,
De sobre os montes Te annuncía outro,
Saindo dos rochedos!

A brisa dos jardins susurra em lyrios
«Jehova! Jehova!» A fonte e o bosque
Respondem ao Teu nome!

Que são da linda rosa as rubras côres?
Os gorgeios que são da philomela?
Louvor do Omnipotente!

Tens um hymno suavissimo no mundo
Em cada pedra, e tronco, e monte, e rio...
Por toda a parte—Hosanna!

São Teus olhos divinos esses astros,
Que recamam Teus céus, onde lá vives,
Mergulhado em gloria!

A aurora é Teu sorrir, nos labios santos
Perpetuo fulge distillando aromas,
Colhidos por mãos d'anjos!

É tua face formosa o sol brilhante,
O orbe é teu palacio, e Tu não cabes
Em milhões d'universos!

E tu fazes tremer c'um só aceno
A terra, os céus, a immensidade, o inferno,
E tudo isto te adora!

Bate a folha ao tufão, rangem calabres,
De raios prenhes se desfazem nuvens,
Baqueam monumentos;

Alevanta o pinheiro a fronte esguia,
A rosa desabrocha, o mar escuma,
Acastellado em montes;

Cahe Palmyra no pó, cahe Grecia e Roma,
A corrente do Nilo alaga o Egypto,
E o baixel corta as ondas;

Em borbotões de fogo arde o Vesuvio,
Verga o polo com gelo... e tudo, ó Deus,
E tudo é Teu imperio!

∞

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Do nebel religioso
Eu quero a corda sagrada,
Quero nas azas d'um anjo
Ir á celeste morada.

Desejo ver do meu Deus
A face brilhante e pura,
O throno de cherubins,
A mystica formosura!

Nuvemzinha transparente,
Ligeira brisa dos céus,
Dizei-me, o Eterno quem é?
Dizei, quem é o meu Deus?

Elevai-me sobre as pennas,
Ó cantores da floresta,
Esse segredo ensinai-me
De deixar a terra infesta!

Ao menos, ide contar
N'essa aerea região,
Que minha alma em Deus se aninha,
Que em Deus tenho o coração!

Ensinai-me os vossos carmes
Bem cheios de melodia,
Irei comvosco saudar
A precursora do dia.

Esse cantar tem mysterio,
Todo fechado n'um véu,
Esse cantar é divino,
Retumba sempre no céu.

É como as joias da aurora
Nas tranças da primavera,
É como um ai de mancebo,
Que íntima corda tempéra.

É como a doce cadencia
Da fontinha do rochedo,
É como os olhos de virgem
Mirando a lua em segredo.

É como tudo o que é bello
D'uma suave belleza,
D'uma doçura saudosa,
D'uma feliz singeleza.

Por isso, dos vossos carmes
Ensinai os sons aos meus,
Que tambem são, como os vossos,
Cantados só para Deus!

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Aprende-o na harpa das selvas,
Do rio no murmurar,
Nos arreboes da alvorada
Vendo os lyrios borbulhar.

E no sorrir da donzella,
E no beijo maternal,
E no abraço de irmãos,
E no amor filial.

Aprende-o bem no suspiro
Dos labios da penitencia,
E na formosa candura
Das orações da innocencia.

Aprende-o nas meigas vozes,
Que a voz da belleza tem,
Vai colhel-as ao sol posto
Que inda mais meigas lhe vem.

Prende nas cordas os sons
Do cantico do universo,
Vai nas paginas do mundo
Beber doçuras do verso.

Desata ao sol fulgurante
Sequer um raio dos seus,
Um pensamento infinito
Pede emprestado nos céus!

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor!

Homem! Tu que és na terra a maravilha,
Resumo do poder, que um Deus ostenta,
Das obras suas a melhor, mais bella,
Homem!... E és, és tu, que ousado soltas
Blasphemia horrivel, que nem feras brutas
Ousariam soltar, se voz tivessem!
Tu só, que mais deveste ao Rei dos entes,
Tu só, de ingrato, Lhe refusas feudo!
Existe, a teu pezar, impio, que n'alma
Tens o fel das paixões fervendo sempre!
São ellas e só ellas, que desmentem
O que os lumes do céu, da terra o verme,
O volatil, a hervinha, o peixe e a fera,
Todo o ser e o não ser ao mundo assoalham!
Homem! Volve ao passado uma só vista...
Deus, Deus e sempre Deus!... De quem Te fallam
Tintas, marmores, bronzes de Pompeia?
De Persepolis porticos, alcaçares,
Columnas, coruchéus, ruas, palacios?...
Olha os reinos antigos de Iduméa,
Jerusalem, Damasco, e Samaria!
Olha a soberba Syria!... Eil-os por terra
De Ninive os baluartes; templos vastos
De Balbeck e Sion; frotas de Tyro;
De Babylonia os muros; e os emporios
De Sidon e d'Arad!... Olha, do Euphrates
Nas margens, o chaldeu reinar, sumir-se!...

Olha, á beira do Tigre, o ferro assyrio,
E o persa, que venceu quanto ha do Indo
Ás ondas d'esse mar Mediterraneo!...
De quem tudo isso é obra, dize, ó homem?
De quem te fallam gerações d'outr'ora,
E tudo o que passou, apenas vivo
Em mysterios d'um mundo encanecido?
De quem fallam? De Deus! Sómente d'Elle!

<<>>

Quando estala o trovão ou freme a terra,
Nos eixos abalada á voz potente,
Porque tremes então de apavorado?
Não desmaia a virtude entre a procella,
Brilham mais que os do raio os seus fulgores,
Mais formosa se amostra, qual bonina
Que o peso da agua debruçou na margem!
Quem tem crimes descora, e porque O teme,
Não quer que exista um Deus, quer esmagal-O
No torpe lodaçal dos proprios vicios!...
Mas comtigo lá tens faminto abutre,
A consciencia lá tens para escavar-te
C'o punhal do remorso a alma de bronze!
Ah! Nem te hão-de valer trevas da campa.
Onde buscas o nada como asylo,
Consolação extrema e louca esp'rança

Do remorso e do crime!... A sepultura
É porto d'outra vida; não roe tudo
O verme do sepulchro! Não! Não morres,
Não has-de morrer todo, em que te peze!

⁂

Deus! E este só nome encerra um mundo,
Encerra a eternidade, os céus, o espaço!
Deus! E eu Te adoro, ó grande, ó Tudo!
Meu desejo a Ti sobe fervoroso,
Sobe cheio d'amor, sulcando nuvens,
A colher-Te um sorrir no seio d'anjos!
Se eu podera seguil-o! Elle não volta,
Nem eu voltara mais! Ó Deus, escuta-me;
Eleva-me, Senhor, sobre a poeira,
Sobre o dorso d'uma aguia, ou sobre a folha,
Que á selva foge, abandonada aos ventos!
Eu quero ver-Te o gesto sacrosanto,
Quero ver-Te e morrer... que digo? Quero
Morrer para Te ver!... Vem arrancar-me
Esta vida fallaz, grilhão pezado,
Que prende á terra vil meus pulsos tenros?
Oh! Podesse minha alma inda hoje alegre
Transpor o espaço e abraçar-se a um ramo
Das palmeiras de luz da varzea santa!
Quem ha que me arrebate onde eu não veja,

O mundo enganador em que hei nascido?
Senhor, porque não ouves minha prece?
São de rijo diamante os teus ouvidos?
Não pode um cherubim, apiedado,
Vir travar-me da mão, abrindo a senda,
Qual Tobias passou por sobre as urzes
Do solo do peccado, e conduzir-me
Á celeste Sion, ante o Teu throno?
Não ha-de um ecco achar a minha lyra?
Estes sons innocentes, como pombas,
Não poderão librar as leves azas
Ante os sacros umbraes, e nas cornijas
Do templo eterno reboar um dia?
O cantico do bardo não lhe póde
Alcançar do seu Deus uma só bençam?
Senhor, porque me foges? Que Te hei feito?
Tu tens de ferro o céu? Tu não me escutas?
As vozes do mortal por serem debeis
Desprezadas serão? Não tens uma aura,
Uma nuvem sequer que lá t'as leve?...
Mas afino de novo as rudes cordas,
No louvor do meu Deus hei-de tangel-as!...

Minha lyra, eu quero um hymno,
Um hymno todo d'amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor.

Quero harmonias da aurora,
Quero o sol do meio dia,
Quero os suspiros da tarde
E da noite a melodia.

Eu quero os fructos do outomno,
E da primavera as flores,
Eu quero os gelos do inverno,
Quero do estio os calores.

Da infancia quero a innocencia,
Da juventude o amor,
Preces da edade madura,
Dos velhos quero o fervor.

Quero do céu as estrellas,
E as bravas ondas do mar,
Da terra amenos vergeis,
Das selvas o murmurar.

Hei-de compor o meu hymno
D'uma candida belleza,
Dar-lhe quanto ha de formoso
Nos cofres da natureza.

Um hymno de sons bem doces,
Um hymno todo de amor,
Um hymno do coração,
Um hymno para o Senhor.

Mas debalde me afadigo!...
Banhe-se a lyra de pranto!...
Humano bardo só póde
Extrahir-lhe um frouxo canto!

Não mais, ó lyra; calai-vos
Debeis sons, por serdes meus;
De Deus o hymno sagrado
É sómente o mesmo Deus!

II

PORTUGAL

I

Quem és tu, pobre velho? Por que choras
    Assentado á beira-mar?
Por que levas assim magoadas horas
    Co'as ondas a suspirar?

Que roto manto é esse que te cobre?
    Que livro o que tens na mão?
É tua, já te ornou a fronte nobre
    A c'roa que tens no chão?

De que era essa Cruz? Porque essa espada
Tens partida sob os pés?
Que bandeira é que ahi tens enrolada?
Responde, ó velho, quem és?

Tão grave e bello o venerando aspecto!
Nos olhos tão pura luz!
D'uma alma grande esse tão grande affecto,
Que em tua face reluz!

Das rugas através, inda da gloria
O rasto, que lá deixou;
Mas tu tão triste, como heroe da historia,
Que a fortuna abandonou!

Longo, robusto o braço, ora caído,
E em cada gesto dos teus
Inda memoria de o trazer erguido,
Sem temer senão a Deus!

Quem és, dize, que Hercules prostrado?
Que guerreiro? Que senhor?
Que monarcha do throno derribado,
Vencido, de vencedor?

II

Quem sou... quem fui? Toda a terra
Que o diga, que o aprendeu;
Diga-o na paz e na guerra,
Diga-o ella, que não eu!
Quem fui, que o digam cem povos,
Que o digam os climas novos
Por onde primeiro andei;
Que o digam christãos e mouros,
Que o digam tropheos e louros,
Que eu nem dizel-o já sei!

Por que chóro? Porque os trilhos
Que da honra na estrada fiz,
Não vão trilhados d'uns filhos,
Que Deus dar-me agora quiz;
Porque esta fronte abatida,
Porque esta barba carpida
Tenho da mão de villões;
Porque vou, pobre e humilhado,
De dia a dia arrastado
Ao sepulcro das nações!

Gemo co'as ondas, porque ellas,
Nos tempos do meu poder,
Viram-me as glorias mais bellas
E gemem de as já não ver.
No berço, viram-me infante,
Depois, erguer-me gigante,
Tomar-lhe o sceptro na mão,
Traçar ao mundo outras raias,
E ir de praias em praias
Cingil-o, como ellas vão!

Andámos juntos por annos,
E, pagos de igual amor,
Nem lhe eu temia os enganos,
Nem ellas ter-me senhor;
Eu, por estradas ignotas,
Andava nas minhas frotas
Sua grandeza a mostrar,
Ellas, despindo a braveza,
Andavam minha grandeza
Aos povos a apregoar.

Este manto? Já foi manto,
Já foi um manto real;
Havieis de vêl-o em quanto
Sem rasgões brilhava igual;
Ninguem sequer lhe tocava,

Tudo o que á sombra lhe estava
Era seguro, de vez;
Se lhe tocassem veriam
Que em lanças logo se erguiam
As proprias pedras talvez!

Viessem co'a confiança
Com que hoje cuspil-o vem!
Viessem as naus da França
Que era então que vinham bem.
Mas hoje?... Depois de roto?...
Quem já deu palmas e voto
Ás mesmas naus, que fará?
É só tragar-lhe a violencia,
Ver talião na Providencia,
E bravejar-lhe... de cá!

O livro? É o meu livro amado,
O meu registro immortal,
Do meu genio o alto brado,
Do meu brado o som final;
O livro é a historia d'um povo
Cantada n'um canto novo,
Qual ninguem cantou assim;
O livro é o meu monumento,
Camões, é o meu testamento,
É quanto agora ha de mim!

A c'rôa? Sim, era minha,
E que eu fiz c'as proprias mãos;
Mais nobre ninguem a tinha,
Era um emblema de irmãos!
Por penhor d'alta victoria,
Fil-a do ouro da gloria,
Da liberdade ao calor,
E depois, na pedraria,
A joia que mais luzia
Era dos povos o amor.

Esta Cruz? É a que eu trazia
Da espada christã ao pé,
Quando a terra e o mar corria
C'o amor da gloria e da Fe;
Esta Cruz é a que eu plantava,
Arvore que libertava,
Nas terras que conquistei;
Esta é a Cruz dos meus valentes,
Que ao meu Deus dava mais crentes,
Mais vassallos ao meu rei!

A espada? A espada partida,
Era essa espada de então,
Mal da bainha saida
Ramo de louro na mão!
Era a do filho de Henrique,

Era a do Campo d'Ourique,
Era a dos mouros terror;
Era a espada formidavel
Do Mestre, do Condestavel,
Do direito e do valor!

Esta bandeira enrolada?
Era a minha, a côr o diz;
Branca, branca, immaculada
Como a honra do paiz;
No meio, por mãos divinas,
Tinha estampadas as quinas
Como Camões o cantou;
D'essa crença se illustrava,
D'essa crença mais ousava,
N'essa crença triumphou!

Era a bandeira, era aquella
Que assim que vinha a surgir,
Logo o leão de Castella
Ia atterrado a fugir.
Era aquella que, n'um dia,
A captiva monarchia
Fez livre, n'um dia só;
Foi só mostral-a aos tyrannos
Ao cabo de sessenta annos,
E vel-os cair no pó!

Era aquella que inda em gralhas
Soube as aguias transformar
Quando o genio das batalhas
A quiz co'a espada rasgar;
Era aquella que offendida
D'essa ousadia sabida
Do leopardo bretão,
Ahi, corrido de pejo,
Inda o soube, ahi, ao Tejo,
Trazer a dar-lhe razão.

Agora, tenho-a enrolada,
E outra... outra... e por quem?!...
De estrangeiros escoltada
Veiu essa que ondêa além:
Veiu pôr sombra nas quinas,
Veiu, pendão de ruinas,
Um povo em dois dividir;
E das ruinas na poeira,
Mortalha em vez de bandeira,
Nem chega para as cobrir!

Agora, o leão de novo
Tenta as garras estender,
E acha cá quem o povo
Nas garras lhe ande a metter!
Não traz a vencida lança,

Traz nos tempos posta a esp'rança,
Tral-a no triste labéu
D'um patriotismo já morto,
Que «Montes Claros» e «Porto»
Grava no mesmo tropheu!!

Agora, as aguias passando
Vem-me esta face açoitar,
Vejo-as depois ir voando
E apenas posso... córar!
Só córar!... E duas vezes!
Que em vez d'uns sons portuguezes
Pela bocca do canhão,
Ouço um som contra a verdade
A dizer que a liberdade
Veiu de França!... A mim, não!

A minha, nasceu comigo!
Nem o pendão tricolor .
Podia trazer comsigo
Da liberdade o amor.
Conheço-lhe a historia, vi-o,
D'um povo no desvario,
Envolto em sangue nascer,
Tendo por hastea ferina
O ferro da guilhotina
De dia e noite a ranger!

Vi-o alli salpicado
Do martyrio d'um bom rei;
Vi-o, c'o mundo assombrado,
Sem c'roa, sem Deus, sem lei;
Vi-o c'um despota alçar-se,
Vi-o co'as aguias c'roar-se,
Vi-o em Vincennes tambem;
Vi-o emfim frente a frente:
Louros? Tinha os de valente;
Mas de livre?... Os que hoje tem!

Ah! E o leopardo altivo,
Que eu fiz grande e d'ouro enchi;
Que eu achei inda captivo
Quando já livre nasci;
O leopardo insolente
A quem mostrei o oriente,
A quem fui mostrando o mar,
Agora, fera crescida,
No seio abre-me a ferida,
Em castigo de o criar!

Agora, depois de atar-me
Pouco a pouco ao carro seu,
Depois de vir mutilar-me,
E por mão d'um filho meu,
Poz-me ahi nos mares bravos

Só sentinella d'escravos
Seu int'resse a defender,
E se vê no ar alçada
Do negreiro a bofetada,
Deixa-m'a a mim receber!

O meu pranto é, pois, agora
O que inda nobre ficou,
Saudade do que já fôra,
Vergonha do que hoje sou!
Morrer, morrer saberia,
Tivera, por Deus teria,
O valor que vem da fé,
Mas fosse morte d'honrado,
Fosse a morte d'um soldado,
Arcabuzado... de pé!

III

Tens razão, triste velho; mas podem
Alguns prantos os teus consolar;
Inda ha olhos onde elles acodem,
Tão fieis como vês esse mar.

Tens razão, triste velho; mas peitos
Inda em muitos teus filhos verás
Na vergonha e na dòr mal sujeitos,
Que bastardos a força os não faz.

São protesto inda vivo; os impulsos
Vem-lhes livres por livres brazões,
Sempre audazes sacodem os pulsos,
São escravos mordendo os grilhões.

Oh! se um dia, tu mesmo liberto,
Lhes podesses emfim dar signal,
Inda os viras co'a gloria, de certo,
Vir c'roar-te essas cans, Portugal!

Inda, sim, se as feridas rasgadas
Nas discordias civis, tu então
Nem ao menos as visses lembradas,
Sendo a gloria do irmão a do irmão.

Inda, sim, inda, athleta cahido,
Te podéras do chão levantar,
Porque o mundo inda é grande, e rendido
Inda tens a teus pés esse mar.

Mas se deves escravo humilhado
Para sempre em teus ferros jazer,
Não, não queiras viver deshonrado,
Vale mais para sempre morrer.

Ergue então do occidente no extremo,
Sansão novo, o teu braço a final,
E não deixes no esforço supremo
Nem ruinas sequer, Portugal!

III

ORAÇÃO DA MANHÃ

Curvem-se aqui os joelhos,
Ergam-se os olhos aos céus,
Rebente a prece dos labios,
Eleve-se a alma a Deus.

Nasce agora o astro d'ouro,
Descantam aves na selva,
Agora o rebanho folga
Sobre a curta e fôfa relva.

Eu Te adoro, ignoto Ser,
Que accendeste esse pharol,
No sol que o mundo alumia
Vejo a luz do Eterno Sol.

Eu Te adoro n'esses hymnos
Das aves a gorgear,
São como vozes celestes,
Que andam Teu nome a louvar.

Eu Te adoro no rebanho,
Que é teu symbolo d'amor,
Seus cordeirinhos me fallam
Do Cordeiro do Senhor.

Eu Te adoro em quanto existe,
Seja do céu ou da terra,
Seja a estrella da alvorada,
Seja o abrolho da serra.

Curvem-se aqui os joelhos,
Ergam-se os olhos aos céus,
Rebente a prece dos labios.
Eleve-se a alma a Deus.

∞

O bronze acordando agora
Disse-me — o dia é já nado;
E n'alma outra voz me disse
—Adora o Crucificado!

E eu a adoral-O me prostro,
E do meu nada profundo
Off'reço o dia a quem trouxe
O dia, na Cruz, ao mundo.

E ao ver as tremulas gottas
Da aurora n'este momento,
Do Horto as gottas sanguineas
Acodem-me ao pensamento.

E ao ver as sombras fugindo
Pouco a pouco pelo val,
Recordo o Verbo, e ante Elle
Fugindo as trevas do mal.

E ao ver as flores que c'roam
Aqui e alem os caminhos,
Lembram-me as flores eternas
Pagas em c'roa de espinhos.

E ao ver no mar, lá ao longe,
Das vagas a immensidade,
Vem-me á mente temerosas
As vagas da Eternidade.

E c'os suspiros que a terra
Agora levanta aos céus
Tambem n'esta prece humilde
Agora levanto os meus.

E quando o bronze, acordando,
Me diz — o dia é já nado,
Outra voz me acorda n'alma,
E adoro o Crucificado.

∞

Da manhã a hora primeira
É hora de devoção,
Que o dia bem começado
Começa pela oração.

Mas a Deus peço outro dia,
Um dia todo sem véu,
Um dia todo sem noite,
Um dia todo do céu.

Peço uma aurora mais bella,
D'outra luz e d'outras flores,
Onde as fontes são de bençãos,
Onde os anjos são cantores.

E como agora murmura
Doce a briza na floresta,
Lá dentre moita de estrellas
Outra escute melhor que esta.

E como agora essas ondas
Se vestem d'azul mais lindo,
Minha alma em ondas celestes
Se vista do lume infindo.

E como agora almos risos
Traz aos labios rôxa aurora,
E como agora a belleza
Mais gentil as faces córa;

Peço a côr que não desbota,
Peço o perpetuo sorriso,
Que venha ás faces e aos labios
Nas manhãs do paraiso.

E como agora da terra
As harpas todas tangidas
Modulam canções d'amor
Por mil eccos repetidas;

Outras canções, outras harpas,
Outros eccos mais formosos
Ouvidos d'alma que os ouçam
N'esses campos luminosos.

Ó manhã! Se eu te começo
Por minha humilde oração,
Do Eterno aos pés vai leval-a,
E vem manhã de perdão.

IV

O NOVO ANNO

Á meia noite outro anno
Sae hoje das mãos de Deus;
Começa, nasce entre véus
Da noite, no escuro panno
D'uma hora de desengano,
Hora d'esp'rança e d'amor;
Á meia noite! elle nasce,
Outro morre, outro desfaz-se,
Qual ceifada e murcha flor.

Á meia noite! Hora triste,
Hora alegre ao coração,
Hora de sonhos em vão,
Hora que tu nunca viste,
Rôxa aurora, nem sorriste
Ao bronze que a annunciou;
Hora de pallidos sustos,
De desejos, de mil bustos,
Que a sombra ao longe estampou.

Novo anno á meia noite
D'outro anno surgirá!
Começa em trevas... será
Presagio de negro açoite?
E póde haver quem se afoite
Ou a temer, ou a esp'rar?
Ha quem lhe sonde as entranhas,
Veja risos, veja sanhas...?
Quem pode o porvir sondar?

Mas pode pedir na lyra
Quem tem voz de trovador,
Podem todos ao Senhor
Pedir-lhe tregoas á ira;
Podem pedir que não fira
Mais este povo!... Por mim,
Na lyra, n'uns sons carpidos,

Hei-de pedir tres pedidos,
Hei-de pedil-os assim.

São pedidos de mancebo,
De portuguez, de christão,
São todos do coração,
Todos que n'alma concebo
Da inspiração, que recebo
Da minha terra natal,
Porque um peito de tal casta
Só deseja, e só lhe basta
Deus, amor e Portugal.

Mancebo, peço uns amores,
Um peito que intenda o meu,
Um anjo, como os do céu,
Mais lindo que as lindas flores:
Peço uma alma, onde os ardores
De minha alma vão beber
Um goso, que a sede mate,
Uma alegria, um remate
Aos sonhos do meu viver.

Portuguez, peço uma terra
Que me seja patria e mãe,
Patria qual foi, qual ninguem
Nunca teve, antes que a guerra

Fosse á cabana da serra,
Á cidade, ao prado, ao val
Perseguir o rei e os povos,
Com leis novas, usos novos,
Pôr em lucto Portugal.

Como christão peço um templo,
Onde se adore com fé,
Templo qual foi, qual não é,
Esse que ora ahi contemplo;
Um que aos homens seja exemplo
De piedade, e d'amor;
Peço essa crença d'outr'ora,
E sobre o descrer d'agora
Alçada a Cruz do Senhor.

São tres pedidos, são poucos,
Não tenho mais que pedir;
Mais não quero; oh! se os ouvir,
Se ouvir Deus estes sons roucos,
Sons que a turba chama loucos,
Porque não ama, nem crê!
Se o novo anno me désse
O sonho da minha prece,
Em que esta alma se revê!

Sonho formoso, sonhado
Ha tantos annos em vão,
De portuguez, de christão,
Sonho d'amor não logrado!
Se o novo anno fadado
Não fosse em hora fatal,
Eu nas cordas da alegria,
Na lyra cantara um dia
Deus, amor, e Portugal.

V

ORAÇÃO DE LEONOR

Lua e sol são duas rodas,
Uma d'oiro outra de prata,
Que o pae do céu, que nos mata,
Ás creancinhas deu todas:

O cristal que se desata
Sobre alcatifas do prado
Vem lá d'um rio sagrado,
Que tem as nuvens do céu,
Á noite mais estrellado,
Do que a varzea tem papoulas,
Inda tem mais lentejoulas
Do que o meu candido véu.

E o Deus Senhor, que me deu
Nas faces lindeza tanta,
Ouve os hymnos que descanta
O celeste Cherubim,
E tambem me escuta a mim
Se minha madre levanta
Mãos da sua Leonor
Ao pod'roso Creador,
E comigo diz assim:
«Dai á filha da minha alma
«Vida eterna e salvação,
«Dai-lhe paz no coração,
«Dai-lhe verde e casta palma!
Ao cabo me estampa um beijo
Sobre os labios de rubim,
E farta novo desejo
Em meu collo de marfim.

E o Deus Senhor que me deu
Nas faces lindeza tanta,
Ouve os hymnos que lhe canta
Todo o vivente da terra,
Ou seja mouro ou judeu,
A pastorinha da serra,
O cançado lavrador,
Ouve melhor o christão
E a innocente canção
Da formosa Leonor!

VI

A CRUZ

Pelas nuvens c'roada, lá no alto,
Quem, doce e triste e grave e rude e santa,
Assim, singela Cruz, longe das turbas
Te alevantou no monte?

Das aldêas o filho, inda na crença,
Na crença d'outros tempos que passaram,
Ao monarcha do val te deu diadema,
Ás preces convidando?

Ou foi monge piedoso, que ora vaga
Perseguido e sem pão, ahi cravar-te
Na terra e na memoria ao viandante,
Como esperança unica?

Salve singela Cruz!—Que não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Senão traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

Ó symbolo da fé, padrão sublime
De gloria e d'amor, veste mais musgos,
Esconde-te nas silvas e nas heras
Aos olhos da impiedade!

Não podem ver-te, ó Cruz, embora tenhas
Esses braços abertos carinhosa,
E os homens todos como filhos chames
Do Senhor á herança!

Mas eu, d'ousado, tangerei na lyra
Aqui, em teu louvor, sem que me importe
O riso da cidade, se algum dia
Lá lhe chegar meu canto!

Quantos suspiros na soidão da tarde
Ha mandado a teus pés o velho errante,
E quantas vezes lhe restauraste alentos
Para as dores da vida!

Que triste peso de intranhavel magoa
Á donzella infeliz aligeiraste,
Vindo aqui assentar-se, e d'aqui vendo
Já dourado o futuro!

Quantos labios da morte sequiosos
Em beijar esta pedra acharam vida!
Que de prantos vertidos n'estas heras
Em perolas mudaste!

Aqui cingida dos abraços do homem,
Das flores da mulher e dos sorrisos
Da infancia innocente, és como a ave
C'os filhos sob as azas!

O proprio crime, aqui, ao pôr-te a vista,
Quantas vezes terá nas mãos quebrado
O punhal homicida! Quanta esmolla
Arrancada ao avaro!

Salve, singela Cruz!—Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Senão traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

Eu, porém, de joelhos n'estas pedras
Quero adorar-te, ó Cruz, porque te vejo
Como aguia a pairar, só meditando
Rapinas ao inferno!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque te creio
Da grande victima o altar erguido,
D'onde ao mundo desceu a luz e a vida
N'um baptismo de sangue!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque á saudade,
Á saudade dos mortos, que é na terra
Das dores a peior, tu me apontaste
Onde eu esp'rasse ir vêl-os!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque, enterrada
D'aqui no chão e d'acolá nas nuvens,
És entre a terra e o céu ponte segura
Por onde a Deus vai o homem!

Aqui te adoro, ó Cruz!—Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso,
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

VII

Á LIBERDADE

I

Imperios nascentes, vetustos imperios,
Os thronos e os povos, quem faz agitar?
Quem pode c'os braços os dois hemispherios
Cingir, como os cingem as aguas do mar?

És tu, liberdade! És tu, que revolves
Os reinos, e os fazes do somno acordar;
És tu, que raivosa seus ferros dissolves,
Quaes ferros batidos das aguas do mar.

És tu, liberdade, rainha do mundo!
Mau grado aos tyrannos, és tu a reinar!
Mas olha... que rio, tão negro e profundo,
De sangue se casa co'as aguas do mar!

Que sangue em teu nome, rainha, que sangue!
E os povos oppressos de novo a chorar!
E de um despotismo, que abates exangue,
Mil despotas surgem, quaes aguas do mar.

Quaes aguas, que passam do leito a barreira,
Cidades e campos, e tudo a talar!
E tudo em teu nome, cuspindo a bandeira,
Qual vela cuspida das aguas do mar!

Sem sangue, bem vejo, formosa, innocente,
Tu sabes, tu podes sem sangue medrar;
Mas quanto em teu nome não vai, inda quente,
Juntar-se, perder-se nas aguas do mar!

És bella, e és forte, co'a força e belleza,
Que aos mares na face quiz Deus estampar;
Altiva como elles, de tanta braveza,
Com perlas, com monstros, quaes aguas do mar.

Serena, em teu seio mil rosas vecejam,
Revôlta, derribas um throno, um altar;
Serenos os mares, mil barcos velejam,
Revôltos, descoze-os a furia do mar!

II

Não vês? .. Em teu nome, se a Grecia lucrava
Nas leis de Lycurgo ser livre e crescer,
Depois, á tua sombra, rojar-se de escrava,
Rojar-se, rojar-se, sumir-se, morrer?!

Se Roma elevaste ás grimpas erguidas
Do seu Capitolio por livre se crer,
Não viste essas grimpas depois abatidas,
E Roma, em teu nome, captiva morrer?!

Não foste invocada por labios hispanos,
D'America o sangue e o oiro a beber?
Não viste esse povo curvar-se aos tyrannos
E á voz—liberdade—nos ferros morrer?!

Da Irlanda não ouves o longo gemido,
Gemendo em teu nome, gemendo a tremer?
No imperio «dos livres» um povo sumido,
Um povo de escravos, de escravo a morrer?!

Nas Galias que viste? Que vês inda agora?
Do bando d'abutres podeste esquecer
Um Robespierre, que diz que te adora,
Danton sanguinario, por ti a morrer?!

Esqueces a negra tenaz guilhotina,
De dia, de noite, constante a ranger?
Esqueces o brado da voz girondina,
Esqueces a França d'outr'ora a morrer?!

E a d'hoje? Repara... não vês esse fumo
Que o bronze vomita? Não ouves gemer?
Lá diz—liberdade!—E um povo sem rumo
Ás ondas nas ruas matar-se morrer?!

Aqui, olha agora, do Téjo as areias
Em sangue ensopadas, e o povo a dizer:
«Que és tu, liberdade, se ao som de cadeias,
«Se em rios de sangue nos fazes morrer?!

III

E tu, liberdade, sem sangue e sem ferros,
Bem podes, bem sabes, no mundo surrir;
Mas casam-te o nome aos nomes e erros
D'apostolos falsos, não podes florir!

Não podes, que a turba, que os passos te segue,
C'o fel dos partidos sedenta a rugir,
Descrê da tua força, só crê se persegue,
Esmaga-te os louros, não podes florir.

Esmaga os altares, os thronos esmaga,
As leis, os costumes, quer tudo alluir,
Espinhos semeia, de pranto os alaga,
Com prantos te rega, não podes florir.

Aos odios incensa, proclama vinganças,
Suppoem-se reinando n'um povo a fugir,
Derriba o passado, sem fé, sem esp'ranças,
Invoca o teu nome, não podes florir.

Dos laços mais santos faz brinco essa turba
Paixões ou int'resses no peito a nutrir,
A paz das familias despreza, perturba,
Aos ais embalada não podes florir.

Bem vês que faminta, ardendo em cubiça,
Do povo a agonia vai lenta medir;
Bem vês como a raiva se accende, se atiça
Co'a vista do ouro; não podes florir.

E como! Se as aras por ti consagradas,
Aos idolos falsos as vês prostituir!
Se em mal da justiça vês frontes c'roadas
De c'roas alheias; não podes florir!

E como! Se aos gritos, á voz «liberdade!»
Te algemam, te insultam, teu rosto a cuspir!
Ter crimes por throno quem pode? Quem ha-de?
Não sabes, não queres, não podes florir.

IV

E não, que és um astro, por nuvens toldado,
Por nuvens de fumo, não vejo o fulgòr;
Não vejo, e quizera mirar-te ajoelhado,
Meus cantos quizera sagrar-te d'amor.

Meu peito que é livre, mais livres tem hymnos
Que altivo soubera cantar-te em louvor;
Mas como? Se, errante, teus olhos divinos
Apartas da terra, que foi teu amor.

Que foi, que não sabe ser hoje o que fôra,
Que esquece esses tempos d'heroico valôr,
Que esquece lá quando da Hespanha oppressora
Seu jugo trocava n'um throno d'amor.

N'um throno que os bravos alçavam co'a lança
Que o peito varava de extranho senhor,
N'um throno fundado nas leis, e na esp'rança
D'um jugo suave, d'um jugo d'amor.

Mas hoje! Bem sabes, lá andas fugida!
Teu nome cá anda casado ao pavôr!
Se um dia volveras nas azas trazida
De tanta saudade! Que cantos d'amor!

Que cantos te eu dera! Pois tal qual a deixas
Dos lusos a patria d'antigo explendôr,
É minha, inda a amo, é minha, estas queixas
Trocára contente por hymnos d'amor!

Oh! sim, que nos labios amarga-me a lettra;
A lettra, que eu canto, tem fel e tem dôr;
Dos labios caindo no seio penetra,
Desbota cá dentro, desbota este amor.

Amor que tão bello, tão grande seria,
Se em vez do teu templo não visse esse horror!
Se em vez d'esses males, da patria a alegria
Meus prantos trocasse por cantos d'amor.

VIII

CANTICO

Gloria a Deus entre os fumos do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor,
Gloria a Deus, porque é bom, porque é immenso,
Gloria a Deus entre cantos d'amor!

Amo a Deus, porque na selva
Das folhas o susurrar,
E as esmeraldas da relva,
E as ondas do bravo mar,
O canto das avesinhas,
A branda luz do luar,

Da montanha as ovelhinhas,
Das fontes o murmurar,
E do céu as lentejoulas,
E da campina as papoulas,
Tudo, tudo o ensina a amar.

Deus é grande ou no valle ou na serra,
Ou no sol ou da noite no véu,
Deus é grande ou no mar ou na terra,
Deus é grande ou no inferno ou no céu!

Amo a Deus, porque Elle é fonte
Das galas que o mundo tem,
Cria os penedos do monte
Cria-lhe as flores tambem;
Amo a Deus, porque a ventura
Só de Deus á terra vem,
Porque as horas da amargura
Se acabam no infindo bem;
Amo a Deus! porque minha alma
Quer ceifar a eterna palma
Da eterna Jerusalem.

Deus é forte, é dos fortes o forte,
Rei dos reis, mais formoso que o sol;
Nas procellas da vida e da morte
E aos tristes perpetuo pharol

Amo a Deus, porque as arêas,
Que espalha irado o tufão,
São provas de provas cheias
Do author da criação;
Amo a Deus porque o conheço
No estampido do trovão,
Porque o raio no cabeço
Seu nome escreve no chão;
Porque o repetem os mares,
E dos indicos palmares
O tigre sem coração.

Deus é justo, a virtude premêa,
Dá-lhe as glorias da gloria eternal,
E nos seios do abysmo incendêa
A maldade entre os anjos do mal.

Amo a Deus, porque da aurora
A ròxa, mimosa côr,
E os puros cristaes que chora,
Dizem-me aos olhos amor;
Diz-m'o a conchinha do rio,
Diz-m'o a estação do calor,
Os gelos do inverno frio,
Do outomno os fructos, e a flor
Da risonba primavera,

Diz-me o tronco, diz-me a fera:
Ama a Deus, ama ao Senhor!

Deus é bom, e seus cofres de graça
Abre á dôr, que do peito o chamou;
Deus é bom, e do pobre á desgraça
Nunca falta, se a fé não faltou.

Amo a Deus, porque Elle é vida
Da vida de todo o ser,
Porque a luz, nos céus nascida,
Me veiu pôr na alma a arder;
Amo a Deus por seus favores,
Porque é Deus, por n'Elle ver
Tanto amor aos peccadores,
Que quiz por elles morrer;
Amo a Deus, porque no peito
Diz-me intima voz que o effeito
Deve a causa amar e crer!

Gloria a Deus entre os fumos do incenso,
Entre os gratos perfumes da flor,
Gloria a Deus, porque é bom, porque é immenso,
Gloria a Deus entre cantos d'amor!

IX

O JUIZO DE SALOMÃO

No eburneo throno assentado
Era o sabio Salomão;
Em torno o povo apinhado,
Soldados d'armas na mão;
Alli patente exercita
As justas leis, que medita;

Alli póde o Israelita
Como a pae fallar ao rei;
Não tem véus a magestade,
Nem inda astuta maldade,
Mudando a côr á verdade,
Torce alli justiça e lei.

Duas mulheres, que a vida
Trazem solta contra Deus,
Vida d'amores perdida,
Perdidos talvez os céus,
Eil-as, a turba estremando,
Fronte curva, e abafando
Gemidos de quando em quando,
Aos pés do rei vão cahir:
Era um caso horrendo e novo!...
—De contal-o me commovo!—
Fez-se silencio no povo,
Tudo quer ver, quer ouvir.

«Senhor, ambas nós vivemos
«Vida egual no mesmo lar,
«Estes filhinhos tivemos
«Fructos do mesmo peccar;
«Quando de noite eu dormia,
«Esta mulher se erguia,
«E em vez da minha essa fria

«Morta criança deixou;
«O meu filho é este, é lindo,
«O d'ella aquelle; dormindo,
«Descuidosa, ou não sentindo,
«Ou n'algum sonho, o matou!

Assim fallou a mais bella,
Respondeu-lhe a outra — «não,
«Meu filho é vivo, foi ella
«Que m'o trocou por traição!
«— Não fui, Senhor! — exclamava
Com magoa a outra, e beijava
O filhinho, — «eu não trocava
«O meu filho por nenhum!
«— Por esse vivo o trocaste
«E este morto me deixaste!
«— O vivo é meu, tu mataste
«O teu, agora ha só um.

Eis que o rei disse — «uma espada
«Aqui me tragam... cortai
«A criança desejada
«Em duas partes, e dai
«Uma parte a cada uma,
«Não se queixa assim nenhuma,
«E assim ha-de á mãe alguma
«Caber do filho porção.

«—Oh! Senhor, Senhor, piedade!
Diz a mais bella,—quem ha-de
«Querer d'um filho metade
«Por tal preço? A morte! não!

«Senhor, Senhor, antes todo
«Vivo, inteiro a ella só!...
E a supplicar d'este modo
Chorava, que punha dó!
«—A minha metade quero,
Disse a outra: mas severo
Volve o rei—«Teu peito é fero,
«Materna entranha não tem;
«Aquella sim, é mais bella,
«N'alma e corpo, o filho é d'ella:
«Justiça, quero faze-la,
«Dê-se o filho a sua mãe.

X

A ALAMPADA DO SANTUARIO

A noite vai alta,
E o templo se esmalta,
E a mente se exalta
Co'a languida luz;
Mil sombras correndo,
As aras tremendo,
O mocho gemendo
Nos braços da Cruz!

Da alampada cego,
Em cru dessocego,
Á roda o morcego
Lá anda a voar;
Mais cega, amorosa,
Fugaz mariposa
Vai louca e teimosa
Na chamma acabar.

A chamma crepita,
Soluça, e excita
Na vista finita
Infindo pavor:
Agora brilhante
Na lousa distante
Desenha um gigante
De pallido alvor.

Depois moribunda,
De trevas inunda
A arcada profunda,
As naves e o chão;
Eis logo murmura,
Levanta-se pura,
E na sepultura
Verte aureo clarão.

Mas o oleo fenece,
E a chamma estremece,
Vacilla, e parece
Queixar-se e gemer;
Na lucta co'a morte
Seu brilho é mais forte,
Inda mais é a sorte
De em trevas morrer.

Morreu! Ah! como ella,
Ó moço, ó donzella,
A vida mais bella
Tambem perde a luz;
Ao menos inveja,
Procura, deseja,
Como ella que seja
Á sombra da Cruz!

XI

A VOZ DO SOLDADO

Patria! Patria! Que voz esta
Do soldado ao coração!
Se o facho da guerra cresta
As outras almas em vão,
A do soldado, creada
C'o ferro da sua espada,
A do soldado, essa não.

Não andou em vão na guerra,
Nem foi debalde o clamor,
Que, estrugindo valle e serra,
Soltava ao longe o tambor;
Quando viu o irmão exangue,
Quando lá viu tanto sangue,
Cresceu-lhe no peito o amor.

O amor á patria! Por ella
O pae, a mãe cá deixou,
Deixou mais, deixou a estrella,
O sonho que mais sonhou;
Mas da guerra ao brado—ávante!
Nem pae, nem mãe, nem amante,
A patria só lhe lembrou.

Lembrou-lhe só! E já quando,
Outra vez sentado ao lar,
Passada a guerra, chorando
Dos que amou nenhum achar;
Velho embora ou desgraçado,
Se querem ver o soldado
Vão-lhe na patria fallar!

Fallem, fällem-me na terra,
N'esta terra em que nasci,
Que eu fui soldado e na guerra
Já por ella combati;
Outro amor não tenho n'alma,
Cravado a ferro, é a palma,
A palma que tenho aqui!

Nem outra quero; nem valem
Sanhas de irmão contra irmão;
N'essas sanhas não me fallem
Que de soldado não são;
Patria! Patria! É este o brado,
É a crença do soldado,
A crença do coração.

Que importam vaivens da sorte?
Nossas discordias civis?
Que importa a fome ou a morte?
Quem é que a patria maldiz?
Á sua voz irei de novo,
Irei, que sou d'este povo,
Defender o meu paiz.

Dorme a espada na bainha,
Mas o seu somno é leal,
Que do braço que a sostinha
Não esquecerá o signal;
Basta um brado, e acorda a espada,
Ha-de acordar empunhada,
A esta voz—Portugal!

Esta voz! Ai! Que voz esta
Ao que já na guerra andou,
Ao que d'ella lhe não resta
Mais que a espada que levou!
Portugal! Que importa a sorte
Negra ou bella? Em vida ou morte,
Portugal, teu filho sou.

Sou teu filho; e ao só teu nome
Irá sempre á espada a mão,
Quer descarnada co'a fome,
Quer cançada a pedir pão!
Patria! Patria! É este o brado,
É a crença do soldado,
A crença do coração!

XII

NOSSA SENHORA DO PRANTO

I

Vai alta a noite! Um luzeiro
Não se vê no céu luzir,
E a nobre villa d'Aveiro
Tão socegada a dormir:
Não dorme toda, velava
O velho *Affonso*, e resava
Á Virgem mãe dos christãos;
E o velho jaz entrevado,
Como com pregos cravado,
Tolhido de pés e mãos!

Jaz entrevado, mas dôres
Não podem matar-lhe a fé,
A Virgem é seus amores,
N'outros amores não crê;
E já de longe a piedade
Traz estreita esta amizade,
Que dos verdes annos vem;
Tão sabida e tão fallada,
Por toda a villa espalhada,
Que não n'a ignora ninguem.

O velho *Affonso* resava,
Mas sem c'os labios bulir,
Olhos do corpo cerrava,
Mas sem com elles dormir,
Era n'alma a prece ardente,
N'alma sã, pura e contente,
Era lá todo o fervor...
Eis seu nome escuta... e logo
Abre os olhos, vê de fogo
Acceso um raro fulgor!

Não é mais clara e brilhante
Do sol a brilhante luz,
Nem derretido diamante
Em rios manando a flux,
Nem d'archanjo brilhou aza,

Como d'*Affonso* na casa
Aquelle fogo a brilhar!
No meio da chamma pura
Que celeste formosura,
Que nova luz a raiar!?

Dos anjos era a Rainha,
Era a filha de Jacob;
Em rosal ardente vinha
A rosa de Jerichó!
E o feliz velho tremia
Na torvação, na alegria,
Mas em seu goso a adorou;
Fallou-lhe a Virgem... não cabe
O pobre em si, mas quem sabe,
O que a Virgem lhe fallou?!

II

—Quem bate á porta do Infante,
Filho do Mestre d'Aviz?
—Um velho.—Que quer?—Não diz.
—Inda o sol anda distante,
Mais logo se te abrirá.
—Abride que sou *Affonso*...
O pagem resa um responso,
Como quem vê cousa má!

—O *entrevado!* mas d'onde,
Quem o remedio te deu?
Apontou-lhe para o céu,
E mais nada não responde,
Nem á turba que o seguiu,
Que em torno mirando pasma,
Como se visse fantasma,
Que do sepulcro fugiu!

—Do Infante quero audiencia,
Bom pagem, leva-me lá,
Que uma embaixada terá
Do reino da omnipotencia!
E o pagem logo o levou
Ao Infante, que o que via
D'admirado o não cria,
Quando o entrevado fallou:

—Com meus olhos peccadores
Vi, Senhor, a Mãe de Deus,
Oh! que a vi, desceu dos céus
Entre gloria e resplendores;
E disse-me,—*Affonso*, vem,
Toma uma enxada, e meus passos
Vem seguindo... e achei meus braços
Achei as pernas tambem!

Fui-me traz ella, e passada
Á Porta do Sol quedou,
Alli então se assentou,
Ao pé do muro, na escada;
Depois do seu servo quiz,
Que a enxada no descampado
Lá deixasse assignalado
Um bom pedaço, o que fiz.

Disse então — que o Infante tome
Para um mosteiro este chão,
De São Domingos serão
Os frades, e meu o nome;
Vai e dize-lh'o assim,
Dize, sou eu que te mando...
Mas eu volvi-lhe hesitando,
E a tal me mandais a mim?

Eu homemzinho, e coitado
Tamanha embaixada dar!
Oh! não me ha-de acreditar,
Nem ouvir o meu recado.
Vai, de novo me tornou,
Serás crido em te elle vendo
Posto em pé, e requerendo
Por quem te desentrevou!

III

Por villa d'Aveiro em fóra
Aonde vai o Infante agora
Com toda a gente melhor?
Tão galhardo e feiticeiro
Não viu a villa d'Aveiro
Nem Infante, nem Senhor!
A Porta do Sol passara....
Mas eil-o que logo pára,
E pára tudo ao redor.

Foi-se a cumprir o mandado
Da Virgem, la desenhado
Do entrevado pela mão;
E pelas suas o Infante
Lança a pedra que ao diante,
Sustenta o templo Christão;
Depois n'um altar que erguia,
A primeira missa ouvia
Com piedoso coração.

Faltava o nome; qual deve
Dos passos que a virgem teve
Ao mosteiro o nome dar?

Aquelle em que viu sentida
Sem vida a fonte da vida
Nos seus braços reclinar:
E do caso com espanto
Nossa Senhora do Pranto
Se começou a chamar.

XIII

DIA D'ANNO-BOM

D'aqui, d'esta porta do anno,
Saudemos o anno novo,
    Que lá vem;
Que venha do mal em damno,
Que o traga Deus a este povo
    Para bem.

Bem vindo, se ao rico e pobre
Der, em vez d'horas infestas,
Riso e pão;
Se ao plebeu der, como ao nobre,
N'estas festas boas festas,
Das que o são.

E são no mundo, são tantos,
N'este dia, d'olhos fitos,
A esp'rar!
Com tristes olhos em prantos,
Com desejos infinitos
Por lograr!

Lograr, lograrà bonança,
N'estas borrascas da vida,
Portugal?!
Se todos teem uma esp'rança,
Que esta não fique perdida
Por seu mal!

Mal haja quem no futuro
Da patria desconsolada
Não tem fé!
Inda este reino ha-de, puro
E de fronte engrinaldada,
Pôr-se em pé!

Em pé erguido, evocado
Ao nome, que o mundo inveja,
D'alto som!
Oh! Seja n'este anno esp'rado,
Por que este dia bem seja
D'anno-bom!

XIV

A MULHER

Gelada philosophia
Te insulta sem coração,
Mulher! Mas fallam em vão
As más linguas que ella cria!
E não tens de que corar,
Que de certo os maldizentes
São das hervas descendentes
Ou dos rochedos do mar.

Não são teus filhos, coitados,
Não são teus irmãos ou paes,
Nem gemeram brandos ais
A teus pés ajoelhados;
Na terra existem ahi,
Vêem a mulher, mas sem vêl-a,
Sem ver a luz d'essa estrella
Com que Deus os guia aqui!

Se os philosophos souberam
Ler na face da mulher,
Em seus olhos aprender
Melhor sciencia poderam!
Pois não vêem manar-lhe a flux
Dos labios celeste riso?
Pois não vêem do paraiso
Nos olhos accesa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,
Que, vencendo almo pudor,
Nos diz ternura e amor
Com tão mimosa harmonia?
Aquelle encanto só seu,
Graças e mimos só della,
Aquella rosa tão bella
Não vem do rosal do céu?

De quem é, homem, que bebes,
Com o leite, o mal e o bem?
Riso ou dôr que a vida tem,
Não é d'ella que os recebes?
E os bens e os risos são seus;
Os males não; aprendidos
De costumes corrompidos,
Esses, ó homem, são teus!

E a quem á terra só veiu
Por te servir, por te amar,
De irmã tua lhe chamar
Parece que tens receio!
Se o teu orgulho não quer
Chamar anjo á formosura,
Deixando ingrata loucura,
Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade,
Dizes tu, impio, e não vês
Do seio cahir-lhe aos pés
Humanada a Divindade?!
Se em ti a crença inda tem
Algum poder, pensa n'isto,
Pensa que Jesus-Christo
Foi homem por sua mãe!

E não me apontes o Oriente,
O paiz da escravidão;
Não te acolhas ao Crescente
Se és philosopho christão!
Que vale que o vicio a mude,
Se a mulher sem ter virtude
Já mulher não póde ser?
Faze-a livre, e crente, e pura,
Verás da alma a formosura,
Com que te sabe render.

Ao cioso mahometano
Que vale o fechado harem,
Se amor de escrava a tyranno
Do coração lhe não vem?
Que importam centos de bellas,
Se uma só em todas ellas
Livre em seu gosto não ha?
Que importa matar desejos,
Que importam, louco, esses beijos,
Se só vendidos t'os dá?

Co'a alma nua d'esp'ranças
Como ha-de a escrava saber,
Que, alem de jogos e danças,
Tem mais gosos a mulher?
D'esses gosos não sabidos

Como ha-de trazer-te enchidos,
Os dias que vão e vem?
Se, dos paes perdida a trilha,
Ella não sabe ser filha,
Como ha-de saber ser mãe?

Embora os astros lhe apontes,
Embora mostres os céus,
E uma a uma lhe contes
As maravilhas de Deus,
Ha-de dizer-te — que importa,
Se eu tenho fechada a porta,
Que leva ao reino da luz?
Que importa, se em vida e morte
Sou proscripta, e minha sorte
Nunca propicia reluz?

Lá, quando a dôr te accommetta,
Quando rir teu coração,
As filhas do teu propheta
Pranto e riso te darão?
Ouvirá c'os teus ouvidos,
Sentirá c'os teus sentidos,
Viverá do teu viver?
Oh! que não! — Solta-lhe os ferros,
Despe-lhe a alma dos teus erros,
E a escrava será mulher!

XV

OS MAGOS

I

Alva estrella refulgente,
    No Oriente,
Accendida de repente,
Derrama extranho clarão;
Os povos pasmam de vêl-a
    Por tão bella,
Os Magos conhecem n'ella
A estrella de Balaão

Mais de mil annos havia,
Prophecia
Scismada de noite e dia,
Cumpriu-se emfim; que fulgor!
N'elle, ó mundo, não penetras,
Não soletras
Nos raios ignotas lettras,
Nas lettras ignóto amor!

Os Magos sim, olham, vendo;
Viram, crendo,
N'essa estrella resplendendo
A boa nova, que teem;
Lá partem á luz da estrella,
Sem perdel-a,
Caminham guiados d'ella...
Eis entram... Jerusalem!

II

A estrella toldou-se,
Sumiu-se, apagou-se,
No céu!
Foi véu,
Do céu por imperio,
No véu do mysterio!

E os Magos entrando,
Seguindo, chegando,
Sem vêr!
Sem ter
D'Herodes receio!
Ai, Magos, temei-o!

Temei-o, que a estrella
Perdeu a luz d'ella
No céu!
E o véu
Da estrella toldada,
Diz senda trocada.

E os Magos seguindo,
Entrando, vão indo,
Sem vêr!
Sem ter
D'Herodes receio!
Ai, Magos, temei-o!

III

— D'onde vindes? — Do Oriente.
— Quem buscais? — O que a luzente
Estrella apontou dos céus.

—Vós a vistes?—Oh! bem vista,
E trás da lucida pista...
—Buscais?—O rei dos judeus!

—O rei!—Sim, mas tal que a terra,
Que tantos thronos encerra,
Degráu do seu mal será!
—Quem é pois?—Monarcha novo,
Nascido d'entre o teu povo,
D'entre o povo de Judá.

—Ides vêl-o?—Adoral-o.
—Ide, correi procural-o,
Do que achardes me direis;
Ides?—Vamos.—Fico esp'rando
Para ir tambem, adorando,
Vêr esse assombro dos reis.

E d'Herodes despedidos
Os Magos partem; perdidos
Partem debalde talvez...
Mas não, que a estrella toldada
Evóca a chamma apagada,
Nasce nos céus outra vez.

IV

Lá vão trás da estrella,
Eis chegam com ella,
Eis pára... a luzir.
Aqui! Na humildade
Maior da cidade?
E a estrella a fulgir!

Aqui na pobresa
Tamanha riquesa!
Aqui hemos de ir?!
Aqui será nado
Das gentes o esp'rado?
E a estrella a fulgir!

Presepio tão pobre
Palacio a tão nobre!
Tal rei aqui vir?!
Tal luz desejada
Aqui tão sem nada?
E a estrella a fulgir!

V

Os Magos entraram... viram...
E em joelhos cahiram,
    Cegos da luz;
Nos braços da mãe fulgia,
Mais que estrella e mais que o dia,
    O seu Jesus.

Adoram alli prostrados,
Co'os aureos sceptros curvados
    Na adoração,
As c'roas frageis do mundo,
Já com respeito profundo,
    Rojam no chão.

Cada qual dá seu thesouro;
Este aqui lhe offerta ouro,
    De rei signal,
Aquelle na mão tremente
A myrrha traz recendente,
    Como a mortal.

O terceiro, em sobresalto,
Ergueu a mente mais alto,
E viu os céus;
Viu Christo, o filho do Immenso,
E a seus pés deitou incenso,
Como a um Deus!

VI

Á patria voltando,
Não entram os Magos
Em Jerusalem;
Por sonhos presagos
Um anjo fallando,
D'entrar os detem.

Debalde has-de, Herodes,
Esp'ral-os, scismando
O Christo onde está;
Debalde é que podes
Andar degolando
A innocente Judá.

Não ouves? os anjos
Cantando victoria?
Teu odio que faz?
O côro d'archanjos
A Deus diz — gloria,
Aos homens diz — paz!

XVI

HOSANNA

Do astro dos astros a rubida chamma
Já brilha, já ferve nas ondas do mar;
Do estro esse fogo, que mundos derrama,
Nas ondas do peito já sinto brilhar.

Ao sol abraçado meu estro surgira,
Um raio outro raio na mente accendeu;
Enrosca-te, ó lume, no braço da lyra,
Revôa, minha alma, por terra, por céu!...

Descanta na selva seus hymnos a briza,
Descanta nas balsas plumoso cantor,
Descanta a fontinha, que além se desliza,
E o ecco da serra, louvando o Senhor.

As vagas, ao longe, lá vem uma e uma
Beijar negro saxo, cantar, e morrer;
A rôxa violeta, que as veigas perfuma,
Aos carmes da abelha sorri de prazer.

O armento mugindo, que moços dirigem,
O sino d'aldeia, nas vozes, que dá,
Montanha, que se ergue ao céu. sua origem,
O insecto zumbindo, que diz?—Jehová!

Senhor! Ao teu nome repitam Hosanna
Os campos, as nuvens, a terra, e os céus;
Celeste linguagem, linguagem humana,
Os turcos, os moiros, christãos, e judeus!...

Hosanna!... E lá dormes, cidade, inda quêda!
E a choça já vive, já disse—aqui estou;
Que a choça, mal veja luzir na alameda,
Sorri-se, ajoelha, medita, e rezou!

Que vista!... D'aljofar a relva se touca.
Argentea cortina desdobra-se ao sul,
Fugaz borboleta se esmalta, de louca,
Longinqua montanha se veste d'azul.

Nas mãos verdejantes seus fructos offerta
Cerrada phalange de escuro olival,
E um Deus lh'os recebe na dextra, que aberta
Em bençãos lh'os paga d'amor paternal.

Nas aguas do rio, qual cysne, a zagala
Se ri, se espaneja, se mira, e revê,
E a lympha contente nos braços a embala,
Que a perla dos mares mais linda não é.

Avulta na encosta pastor com a flauta,
D'amor entornando torrentes a flux,
Donosa alcatifa, co'as galas incauta,
Dos sons namorada, aos pés lhe reluz!...

Hosanna!... E lá dormes ainda, ó cidade!
Mal haja teu somno, teu vil resonar,
Engeitas o dia, no dia, quem ha-de,
Das iras do Eterno, fazer-te acordar?

Refrange mil raios o gêlo tão pulchro
Na fronte escalvada dos montes d'além,
Refrange mil raios a Cruz d'um sepulcro,
Que nauta perdido na praia alli tem!

E as azas d'um barco revelam-se, ao longe,
Phantastica pomba no lago a dormir,
Da Ermida nas portas acena-lhe o monge,
Que á beira das aras lhe fada um porvir!...

Hosanna! E lá dormes, cidade maldicta!
Que ás portas o inferno te bata, oxalá!
Desperta co'estrondo, tua voz lhe repita,
Baldada n'essa hora,—perdão, Jehová!

Ah! surge, não durmas, ó nova Sodoma,
No leito dos vicios sonhando co'a paz;
Teu sonho desfaz-se... das pedras de Roma
Sacode-lhe a cinza... só lês — aqui jaz!

Nem sceptro te val, por doce, ou por féro,
Nem genios teus filhos, nem marcios trophéus,
A mãe d'um Virgilio, d'Augusto, d'um Nero,
Tombou-a co'as azas a furia dos céus.

Debalde exclamáras — regeu-me Dom Pedro,
D'Ignez o amante, cantou-m'os Camões!
Na fonte amorosa, repara, ao grão cedro
Metteram-lhe os hombros sedentos tufões!

Arrojo das ondas a rocha lá vejo
Do regio proscripto, que immobil, em pé,
Das Gallias á c'roa dispara um desejo,
E a d'elle em escumas na praia não vê!

Alli fadigosa sua alma lhe estampa
Victorias passadas, o Cairo, Austrelitz,
Mas logo co'as garras aponta-lhe a campa
Uma aguia, que morre aos pés d'aurea lyz!

Tamisa orgulhoso, se agora te ufanas
Co'as parcas, que envergam teus mil coruchéus,
Não tarda o futuro, que ás margens tyrannas
Com funebres fados te erija escarcéus!

Que importa á cidade, que importa o futuro?!
Lá dorme inda quêda!... Não dorme, já não:
Hosanna! Lá brada no bronze, que escuro
Se curva e balança, dizendo — oração!

Das praças, das ruas, de marmor nos braços
Gentil se espriguiça dos astros a flôr,
Grinaldas de raios pendendo-lhe a espaços,
A pedra fulgura co'a limpida côr.

Eis nuvem de seda com fórmas de nympha
O astro recata com raro sendal;
Parece nadando por baixo da lympha
No banho da tarde formosa vestal.

O céu! Que oceano! Cerulea campina
Sem raias, sem fundo, das auras mansão,
Paiz do crepusc'lo, da aurora divina,
Dos carmes ignotos da ignota Sião!

E a luz, que da tarde nos labios soluça,
Arqueja, esmorece, dos labios lhe cahe!
O roble saudoso do val se debruça,
A rôla sentida modula-lhe um ai!

Nas ondas aereas, que agita a palavra,
Adejam perfumes, vapores sem fim;
As aves, os echos, e a lua, que lavra
Segredos e amores co'a mão de marmim!

Que livro de fogo por noites escripto!
Que esp'rança á minha alma, que o livro não dá!
Nas lettras que ajunto, descubro o infinito,
E lettra por lettra me diz — Jehová!

Senhor! Salve, salve! — Nos ocios da gloria
Do cahos ás trevas bradaste — sê luz!
E a luz descobriu-Te, na immensa victoria,
Os orbes, o espaço, a terra, e uma Cruz!

Hosanna! E recolhes os hymnos da terra
Desejos e vistas, que o homem te deu;
O vago murmurio do bosque, da serra,
Das ondas, do abysmo, dos anjos, do céu!

Do céu; que nas harpas de cordas infindas
Eterna harmonia te dão cherubins;
D'ethereos arbustos por sombras tão lindas,
Em claro tapete d'ethereos jasmins!

E o facho accendido d'um Phydias na alma
Brotando viventes ao som do cinzel,
Foi hymno, foi joia, foi lucida palma,
Eterna engastada no eterno laurel.

D'Apelles as tintas, canções do Meónio,
D'Amphião melodias, de Newton as leis,
A espada invencivel do grão Macedonio,
O sceptro dos genios, e o sceptro dos reis;

São lyras só tuas, são vozes sonoras,
No mundo o teu nome divino a cantar,
São perlas cahidas das frontes d'auroras
N'um riso sublime dos risos sem par!

Hosanna!... E teu nome retumba de immenso
Nas aguas, no inferno, na terra, nos céus;
E o canto do bardo, casado co'incenso
Por brizas soprado, se abraça ao seu Deus!

XVII

O SONHO DA ACTRIZ

Não sei se vos deva contar, em voz alta,
Um sonho que eu tive. Os sonhos que são?
Mentiras. Apenas com elles se exalta
Ás vezes um pobre, leal coração.

E a gente que sonha, que sonha baixinho,
Talvez c'o seu anjo n'essa hora a fallar,
Expor-se ao escarneo do mundo mesquinho?!
Que dizem? Que conte?... Lá vai, vou contar.

O sol era posto, por tarde formosa,
Por uma das tardes do meu Portugal,
D'aquellas que tingem o céu còr de rosa,
D'aquellas que eu amo, que são sem rival.

Á beira do Téjo, sósinha, sentada,
Tão triste, tão triste!... De triste dormi;
Que ha magoas tamanhas que uma alma cançada
Ao corpo se rende, como eu me rendi.

Dormia. Eis que vejo patente a meus passos
Da gloria o caminho, qual sol a fulgir!
Ergui-me d'um salto, convulsos os braços,
Atiro-me á estrada... tudo isto a dormir.

Das artes o genio, c'roado de louros
Com gesto risonho tomou-me esta mão,
Guiou-me onde guarda seus ricos thesouros,
Ao seu capitolio, e lá... disse então:

Longe d'hastea onde brotara,
Murcha, enrola, e sécca a flor;
Longe d'agoa que o criara,
Morre o peixe nadador;
E o que nos bosques cantara,
O rouxinol trovador,
Longe da verde guarida,
Perde o canto e perde a vida!

Sumiu-se. Eu fiquei-me pasmada, e cá dentro,
Então renascendo, senti-me viver,
Senti que encontrava de novo o meu centro,
Alampada morta, senti-me accender!

Senti que era arbusto d'alli oriundo,
Nem tinha outra patria... no mundo ideal...
A patria do artista; que cá n'este mundo
Bem sei que sou filha do meu Portugal.

Começo, qual pomba do vôo esquecida,
Começo co'as azas o vôo a tentar,
Mas eis que em seus vôos a briza atrevida
Sacode-me ás faces a espuma do mar.

Acordo!... Era sonho das artes o templo
Aberto de novo á gloria da actriz;
Um sonho sómente, e a actriz um exemplo
Do que é ser proscripto no proprio paiz!

Mas isto, são cousas que eu conte em voz alta?
Que valem os sonhos? Os sonhos que são?
Mentiras. — Que importa? Com elles se exalta
Ás vezes um pobre, leal coração.

XVIII

DIA DE FINADOS

Dobra o bronze na torre! Que dobre
Ribombando tão triste no val!
Dobra o bronze, e de lucto se cobre
Hoje a egreja ante a Cruz sepulcral!

Ai! O dia dos mortos é hoje,
E na crença d'um Deus Redemptor
Inda o pó já disperso, que foge,
Acha vozes d'esp'rança e d'amor.

Chora a mãe o filhinho, qual rosa
A pender c'o chorar da manhã,
Chora o esposo na lousa da esposa,
Chora o irmão no sepulcro da irmã.

Choram todos, de todos no dia,
Que não ha quem da vida no mar
Já não visse, co'a rôxa agonia,
Adorado baixel naufragar.

Mas com todos, por todos, a Egreja,
N'esse bronzeo luctuoso pregão,
Quer de todos, por todos, que seja
A saudosa carpida oração.

E de negro trajada co'a magoa,
E nas aras co'a fé pondo luz,
E resando, e aspergindo benta agoa,
Mostra abertos os braços da Cruz.

Oh! Resemos unidos com Ella,
Ajoelhemos no chão que benzeu,
Que na noite da morte uma estrella
De radiante perdão ha no céu!

XIX

O FESTIM DE BALTHAZAR

I

Brando o sol esmorecia,
E da tarde a viração,
Nas folhas seccas do chão,
Já cantava o fim do dia;
Louvores do Senhor Deus
Cantava, no captiveiro,
Um velho, em solo estrangeiro,
C'os olhos fitos nos céus.

Reluz-lhe a fronte já calva,
As faces rugosas tem,
Té á cintura lhe vem
A barba comprida e alva;
Que magestoso não é
Entre as ruinas da edade!
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

Puras aguas fugitivas
Ás plantas lhe vão passar,
Vão-se-lhe á volta assentar
Lindas donzellas captivas;
São quaes purpureos botões,
Que das roseiras do estio
Pendem á beira do rio,
Ouvindo aereas canções.

E o velho canções cantava,
Tão saudosas do Senhor!
E canções d'antigo amor
Da patria, por quem chorava.
Ah! que patria que elle tem!
Não lhe ouvis por entre o canto
Murmurar um nome santo?
Não lhe ouvis Jerusalem?!

Mas contra este nome lucta
Horrendo tumultuar!..
Era em seu impio folgar
Babylonia a prostituta.
Folga, cidade infiel!...
Folga, folga, o tempo expira...
Já sobre ti desce a ira
Do Senhor Deus de Israel!

Não te valem esses muros
De Nabucodonosor,
Nem o cinzel do esculptor,
Que fez teus Deuses impuros;
Já na raça de Judá
Poz Deus a vista clemente...
Já das partes do Oriente,
Surge uma voz... que será?...

E negra a noite crescia,
Quando ao velho vem buscar
Um servo de Balthazar,
Que da cidade corria:
E o captivo louva a Deus
Cantando no captiveiro,
Segue a trilha ao mensageiro
C'os olhos fitos nos ceus!

II

Que ricas formosas salas,
Que joias, sedas, e galas
Lá no palacio real!
E que palacio infinito,
Todo porfido e granito,
Onde se adora Baal,
Onde, em fórma de serpente,
N'aurea columna fulgente
S'enrosca o genio do mal!

De bronzeas cadeias rijas,
Presas nas altas cornijas,
Pendem lampadas sem fim;
Brilha a mesa dos banquetes,
E brilham finos tapetes
Sob os leitos de marfim;
Vem dar mate á formosura,
Não longe, a eterna verdura
Do marmoreo amplo jardim.

Alli, de eunuchos cercado,
No throno d'oiro assentado,
Folgava o rei Balthazar;

Com elle, torpes amores
De Babylonia os senhores
Iam nas taças libar;
E o fogo, acceso nas taças,
Mil concubinas devassas
Iam depois apagar.

E já tudo louco andava,
Tudo ria e descantava
Entre nefando prazer,
Ardiam frouxos os lumes,
E os recendentes perfumes
Mais e mais a recender:
Ligeira, a lubrica dança
Ás concubinas já cança,
Já lhes faz a côr perder.

Em seus desejos protervos
Mais impio o rei, aos seus servos
Mais impias ordens dictou:
Quiz alli ver profanados
Aquelles vasos sagrados,
Que seu pae outr'ora ousou,
Do Senhor na casa entrando,
Roubar, maldicto, lá quando
Jerusalem captivou!

De Baal ás frageis plantas
Leva o rei aquellas santas
Alfaias do Senhor Deus;
Depois de vinho as enchia,
Por ellas depois bebia,
Bebiam todos os seus...
Eis de repente apparece
Uma nuvem, que alli desce
Lá das alturas dos céus!...

Sae da nuvem um som grosso...
Nuta o marmoreo colosso,
Querem as salas cair,
E a mão, que occulta as movera,
Nas paredes escrevera
De Balthazar o porvir;
O porvir!... No homem não cabe
Ler taes lettras; — ninguem sabe
Lettras, que sabem fulgir.

Como o sol fulgiam ellas,
Fulgiam como as estrellas,
Mas com terrivel pallor;
E Balthazar já descora...
Ajoelha... brada... implora...
Côa-lhe n'alma o pavor...
Quer fugir... fugir não pode,

Porque os membros lhe sacode
Horrido e frio tremor!...

As concubinas correndo,
E lacrimosas gemendo,
As faces cobrem co'a mão;
Andam co'as vestes rasgadas,
Co'as madeixas desgrenhadas,
Palpitante o coração!
Os escravos, os senhores
Soltam sentidos clamores,
Rojam as frontes no chão!

Debalde quer seus futuros
Ler Balthazar sobre os muros,
Que Balthazar não os leu;
Debalde todos os sabios
Alli foram; mudos labios
Teem para as lettras do céu!
«Oh! venha, diz a rainha,
«O captivo, que adivinha,
«Que rasga aos sonhos o véu.

III

Que grave aspecto, que passo
Tão lento o velho tomou,

Quando ao portico devasso
C'o mensageiro chegou!
Sobe... sobe... a sala entrara...
Defronte do throno pára,
E crava os olhos no rei!...
O rei e todos tremeram,
Porque na vista lhe leram
Não sei que males, não sei!

Balthazar ante o captivo
O collo curvado tem,
Já não é monarcha altivo,
Novo monarcha alli vem;
Novo monarcha da festa,
Que poder maior lhe attesta
O antigo rei sobre o pó;
Reina o captivo d'outr'ora,
Que a fronte lhe c'rôa agora
O Senhor Deus de Jacob!

— «Velho! dou-te a liberdade,
«Os meus thesouros sem fim,
«Do meu imperio metade,
«E o maior depois de mim
«Tu serás...— não quero; escuta:
«Babylonia a prostituta,
«Teu prostituto folgar,

«Acordando iras do Eterno,
«As largas portas do inferno
«Abriram de par-em-par!

«Rei! Além tu tens com fôgo
«Escriptas lettras fataes!
«Não vale ante ellas teu rogo,
«Nem teus presentes reaes;
«São tres palavras sagradas,
«Porque alli foram gravadas
«Por mão sagrada do céu;
«Vêde, ó rei, vêde, ó rainha,
«Ao captivo, que adivinha,
«Rasgar-lhes agora o véu.

«*Balthazar! Foste julgado,*
«*E o teu reinado passou;*
«*Tu foste por Deus pesado,*
«*E nenhum peso te achou;*
«*D'Assyria as terras diversas*
«*Serão dos Medas, dos Persas*
«*Babylonia cairá!* ..
«Eis do Senhor a vingança,
«Porque já seus olhos lança
«Sobre a casa de Judá.

E todos cáem por terra,
E longo pranto se ouviu...
Mas do Oriente a voz que aterra,
Já mais perto retiniu...
Eram de Cyro os soldados
Sobre os muros conquistados
De Babylonia sem fé.
Olha o captivo a cidade...
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

N'essa noite o sangue corre
Dos ferros n'assyria mão,
Balthazar punido morre,
Surge a captiva Sião!
Oh! mas quem era o captivo
Junto ao rio fugitivo
C'os olhos fitos nos céus?
Quem taes verdades dissera?
Aquelle velho quem era?
Era um propheta de Deus!

XX

A QUEIXA SAUDOSA

Porque havia banhar minha fronte
Essa estrella que as artes conduz,
Se mal ía a dourar-me o horizonte
Surgem nuvens, e toldam-me a luz?!

Uma gloria, que eu tive, onde é hoje?
Umas palmas, que eu tive, onde estão?
Murcham palmas... a gloria já foge...
E só resta a lembrança d'então!.

A lembrança, que eterna se aninha
Aqui dentro... que eterna ha-de ser!
A lembrança da estrella que eu tinha,
A saudade de agora a não ter!

E que longa... que amarga saudade,
Me não tem lá guardada o porvir,
Se, da patria em cruel orphandade,
De estrangeiros o pão for pedir!

Negro pão!... Talvez possa encontral-o,
Engeitada da terra natal!
Mas o céu... onde hei-de ir procural-o?
Este céu só do meu Portugal?!

Se no exilio alva estrella das artes
Lá me póde inda bella brotar...
Que me importa?! Hei-de lá n'essas partes,
Hei-de a terra da patria avistar?!

Que me importam de estranhos os loiros?
Que me importa essa gloria d'além?
Teem acaso estrangeiros thesoiros,
Com que paguem a patria a ninguem?!

Não teem, não; que inda o pranto vertido
Cá nas praias do Téjo com dòr,
Ê mais bello que o riso fingido,
Que lá possa emprestar-me uma flôr!

Uma flôr...! Se tambem n'essas terras
Houver terra que as crie... talvez!
Mas que as haja, que cubram as serras,
Não as quer coração portuguez!

Oh! Que não! Que das rosas d'outr'ora,
Inda as folhas que o tempo seccou,
Inda as guardo comigo, inda agora
Por nenhumas... nenhumas as dou!

Mas ai! Foge-me a esp'rança! Ai, que foge!
E só resta a lembrança d'então!
Uma gloria, que eu tive, onde é hoje?
Umas palmas, que eu tive, onde estão?!

XXI

SÃO MIGUEL

Archanjo, rei dos archanjos!
O poder do braço teu
Contra o poder dos maus anjos
Surgiu, batalhou, venceu;
Arde a soberba no inferno,
E tu, ás plantas do Eterno,
Cantas teus hymnos no céu.

Essas cohortes armadas
Contra a phalange infiel,
Por Deus, por ti animadas,
Na pista do teu corcel,
Iam seguras da gloria
Quando bradavam — victoria
Por Jehová, por Miguel!

Abriu-se o abysmo, e no centro
Brame sedento vulcão,
Já os vencidos lá dentro
Mordem rubido carvão,
Já mil chammas serpejantes,
Com mil linguas sibilantes,
Seus membros lambendo vão.

Mas, archanjo, só quizeste
Os céus tranquillos deixar?
Porque o abysmo não fizeste
Eternamente fechar?
Os vencidos na tua guerra
Surgiram, andam na terra
E querem cá triumphar.

Eia, archanjo, empunha a lança,
Desce á terra a combater,
Que nem só nos céus se alcança

Eterna gloria em vencer;
Na terra tambem ha thronos
Que sem celestes patronos,
Que sem ti podem morrer.

D'essa luz a immortal c'roa,
Que te dão perpetuas leis,
Cinge a fronte, e á terra voa
Com teus cherubins fieis;
O throno de Deus outrora
Defendeste; archanjo, agora
Defende o throno dos reis.

Eia, archanjo, vem guiar-nos,
Cavalga no teu corcel,
Vence os maus, e a paz vem dar-nos
Que somos povo fiel;
Vem que nós te seguiremos,
E victoria bradaremos
Por Jehová, por Miguel.

XXII

NATUS EST JESUS

¡Mais um hymno christão, ó minha lyra,
Uma saudade mais, que desabroche,
Com mystico perfume, á raiz d'alma!
Quero-me ir ao Presepio á meia-noite,
Por off'renda levar ao Deus Menino
Os sons do coração em novos carmes.
Versos, versos do bardo estremecidos,
Afinai-vos melhor no tom da crença:
¡Estrella dos tres reis, sê minha musa!

I

Da noite co'as azas
Toldaram-se os céus,
E os montes, e as casas,
E os mil coruchéus
Do nosso hemispherio;
Da noite no imperio
Já tudo é mysterio,
Já tudo tem véus.

Mas ouve-se um sino,
E o som festival
Nos diz, que o Menino
Da Mãe virginal
No mundo é já nado;
E o mundo a tal brado
Acorda assombrado,
Festeja o Natal.

A noite é mais dia,
Que o dia melhor,
Á terra allumia
O seu Creador:

E brilham fogueiras,
Festeiros, festeiras,
Em danças ligeiras
Dançando ao redor.

Tambem patriarchas,
No throno do lar
Singellos monarchas,
Vereis a folgar,
Co'a prole ajuntada;
Melhor consoada,
Na benção sagrada,
Á prole hão-de dar.

¡Que santo regalo,
Que abraços de paz
A missa do gallo
Aos crentes não traz!
E ao pé da donzella,
Tão casta e tão bella,
É casto como ella,
Quem juras lhe faz.

Á viola tangida
A moça cantou,
E a moça garrida
Mais linda ficou;

Que a trova do canto,
Tão puro e tão santo,
É trova de encanto,
Que o céu lhe ensinou.

«Jesus de minh'alma,
«Do céu tenra flor,
«Dos justos a palma,
«Dos anjos amor,
«Da Virgem a gloria,
«Do Padre memoria,
«Da crença victoria,
«Salvai-me, Senhor!

Cidade ou aldeia,
O mundo christão,
Mil vozes alteia
Bradando oração!
Rainha ou zagala,
Na choça e na sala
Se vestem de gala
E ao templo se vão.

II

O templo!... todo em luz se afoga; e manda
Ao throno do Deus vivo ondas ferventes
D'orações e d'incenso!

A voz do sacerdote e a voz do orgão
Vão casadas voando n'um só vôo,
Em louvor do Eterno!
O verbo, que encarnou, é hoje nado,
E hoje os portões do famulento inferno,
O verbo ferrolhou-os!
¡Messias!... tu nasceste!... vencedora
A mulher da mulher chamou-te filho,
E riu-se da serpente!
Eu quero ir ler escripto no Presepio
Esse canto d'amor do grão poema
Da redempção dos homens!...

III

Linda a Virgem da Judeia
Se recreia,
Vendo a face ao filho seu,
Toda graça, toda riso,
Paraizo
Tão donoso como o céu.

D'ella em braços o menino,
Pequenino,
Embalado quer dormir,
Mas a Virgem tem desejos
De mil beijos,
Que em Seus labios vê florir.

Foge o somno entre os carinhos,
Quaes dos ninhos
Fogem aves co'a manhã;
Cora a Virgem de mimosa,
Como a rosa,
Como a rosa mais louçã.

Prende o filho n'um abraço,
Doce laço
Para o collo maternal;
É a abelha mais doirada,
Pendurada
D'entre o lyrio virginal.

São-lhe palhas o bercinho,
E nusinho
Deita-o n'ellas Sua mãe;
Quem lá vira esta riqueza
Na pobreza
Do Presepe de Belem!

Que mysterio! A Divindade
Na humildade!
Na miseria o Rei dos céus!
Animaes desentendidos
Escolhidos
Para côrte ao Senhor Deus!

¡O Presepe era um exemplo!
¡Era um templo,
Onde as palhas são altar!
Reis e povos, ricos, nobres,
Com os pobres
Vinde todos adorar.

Vem dos campos a zagala,
Toda gala,
Trazer mel, trazer amor;
Traz a infancia cestos novos,
Cheios d'ovos,
E cordeiros o pastor.

Toda a terra pressurosa,
Fervorosa,
Vem correndo a ver a luz;
Mal chegados moços, velhos,
Em joelhos,
Dizem — gloria ao Deus-Jesus!

Uma estrella do Oriente,
Vem luzente
Os tres reis a allumiar;
Vozes d'anjos logo ouviram,
Quando viram
Presa a estrella se quedar.

Entram, pasmam, estremecem,
Reconhecem,
Que já reis alli não são;
Dão-lhe myrrha, incenso, e oiro,
E o thesoiro,
Que é melhor — a adoração.

Chora a Virgem, de ventura,
E se apura
A lindeza em tal crisol;
Era aurora co'os diamantes
Rutilantes
Ao nascer do Eterno Sol.

Já dos anjos n'aurea pluma,
Uma e uma
Vão as lagrimas d'amor;
E já d'ellas lá na gloria,
Por memoria
Faz estrellas o Senhor!

Grave o Padre putativo,
Pensativo
Junto ao filho ajoelhou:
Alvo côro de mil anjos
E d'archanjos
Canto ignoto alli cantou:

«Ás penas d'homens deu mate
«O resgate,
«Que na terra já reluz;
«Gloria a Deus, á Virgem Madre,
«Gloria ao Padre,
«Gloria ao Padre, e ao Seu Jesus!

IV

A noite vai alta, e as vozes tão graves
Do orgam morriam do templo co'a luz;
Já tudo são trevas, sómente entre as naves,
Remate ao poema, ¡brilhava uma Cruz!...

O bardo adorou-a, partiu, e sómente
Invejas por carmes, da lyra arrancou:
Invejas, que ao longe na voz innocente
Em versos a briza, gemendo mudou...

Oh! não poder como as aves
Ter azas, voar aos céus!
Não poder ir sobre os astros
Cantar o natal de Deus!

Invejo a nuvem cerulea,
Que roçára os céus no monte,
Invejo o raio que morre,
Sobre as orlas do horizonte!

Invejo as grimpas do templo,
Invejo o erguido rochedo,
Invejo a fronte elevada
Do colossal arvoredo!

Invejo as altas cornijas,
Do volcão invejo o grito,
Invejo as vagas, que bramem
Nas fronteiras do infinito!

Invejo as auras velozes
Percorrendo a immensidade:
Invejo tudo o que bate
Ás portas da Eternidade!

Invejo! Porque eu quizera
Tambem remontar-me aos céus,
E, pairando sobre os astros,
Cantar o natal de Deus!

XXIII

AO SEU NOME

Longe!... Embora! Ha-de o meu canto
Ir lá ter; ha-de voar,
Que lhe põe azas d'encanto
A saudade d'além mar;
Hão-de os sons cortar as vagas
E do norte ás frias plagas
Levar-me d'alma esta flor;
Esta flor humilde e pobre,
Este cantar, mas que é nobre,
Porque é voz d'um nobre amor.

Da lyra na melhor corda
Hei-de alto nome prender,
Esse nome, que recorda
Da minha terra o prazer;
Hei-de cantal-o sem medo,
Embora guarde em segredo
As lettras no coração,
Que de lá... nem d'aço fino
O punhal d'um assassino
Poderá raspal-as, não.

Que nome! Que nome d'anjo!
Não te consentem rival
Nem nos céus o teu archanjo,
Nem na terra Portugal.
Se um astro por cada lettra,
A quem no céu te soletra,
Archanjo-rei, lhe fulgir,
Por cada lettra um suspiro
Irá do norte ao retiro
Rei-archanjo repetir.

Podem no céu as estrellas
Dar ao nome esse fulgôr,
Mas não são, não são mais bellas
Que estas estrellas da dôr,
Que estas perolas do pranto,

Estas que banham meu canto
Tão grato nome a cantar,
Estes feudos verdadeiros,
Que d'olhos não lisongeiros
Lá vão co'as ondas do mar.

Lisonja! Oh! Quem n'a teria
C'o infortunio! Ninguem!
Quando a fortuna se ria,
Ria-se ella tambem;
Hoje não, que se no exilio
Vão d'esse nome em auxilio
Milhões de nomes lá ter,
Vão só á voz da verdade,
Só á voz da lealdade
D'antes quebrar que torcer.

Vão, que é nome onde viceja
Tanta esp'rança do porvir;
Esp'rança do que deseja
Vêr a sua terra florir;
Vêl-a formosa, qual fôra,
Co'as galas ricas d'outr'òra,
Quebrada a loisa onde jaz;
Vão, que é nome onde se encerra,
Em vez de grilhões e guerra,
A liberdade e a paz.

É nome que symboliza,
Mil nomes que sanctos são;
Áquelle que as leis não pisa,
É este nome um pendão.
Diz justiça, amor, e gloria,
E dirá tambem victoria
Um dia em bocca leal,
Quando Deus quizer de novo
Fazer-lhe, co'as mãos do povo,
Um eterno pedestal.

Mas em quanto essa hora tarda,
Quero-a na lyra sagrar,
E da terra, que lh'a guarda,
Os desejos lá mandar;
Lá onde o canto do nome
Irá hoje... vai... que o tome,
Como está no coração,
Que d'aqui... nem d'aço fino
O punhal d'um assassino
Poderá raspal-o, não.

XXIV

A CONCEIÇÃO DE MARIA

Ave, Maria, tão bella,
Casta pomba de Israel,
Que da vida em mar de fel
Brilhas, propicia estrella ;
Que nas horas da procella,
Como porto salvador,
Estendes ceruleo manto,
Que vela os seios á dôr,
Que aos olhos enxuga o pranto.

Ave, Maria, formosa
Assucena de Jessé ;
Mais linda e pura não é
A mais pura e linda rosa ;
Ave, Maria, és mimosa,

Como alvorada sem véu;
És mais viva em teus fulgores,
Que o vivo facho do céu,
Que o rei da luz e das côres.

Tu és dos anjos Rainha,
Lyrio branco de Judá;
Em ti a sombra não ha,
Da culpa que a todos vinha:
Tu ficaste innocentinha
Sobre o peccado fatal,
Como n'agua amortecida
Fica a violeta do val,
D'incauta mão lá caída.

Sem mancha teu ser gerado
Foi no seio de tua mãe,
Veiu dos céus, como vem
Á terra um anjo mandado;
Calcando aos pés o peccado,
Tu dos labios do Senhor
Choveste na peccadora,
Como o orvalho em pobre flor
Chove dos olhos da aurora.

Maria, cheia de graça,
Deus em ti quebrou as leis,

D'onde até nascem os reis,
D'onde nasce a humana raça:
E roto o grilhão que enlaça
Entre si, sempre fiel,
Na origem a humanidade,
Em ti creou-se o annel,
Que a nós prende a divindade.

Trouxeste já parte d'ella
Em teu nascer singular,
Fulgura em ti, qual no mar
Á superficie uma estrella;
Oh! quem gosasse de vêl-a
Na tua face a luzir!
Quem visse tal formosura,
Fulgindo n'um só fulgir
Creador e creatura!

Maria! Deus é comtigo,
Comnosco tambem serás;
Filha e mãe, qual és, não vás
Deixar filhos sem abrigo;
Não deixas; teu seio amigo
É fonte aberta ao christão;
Inda mais ao lusitano,
Seguidor da Conceição,
Por ser crente puritano.

Aquelle rei, que estrangeira
Mão de Castella expelliu,
A Conceição erigiu
De Portugal padroeira;
Das devoções a primeira
Ficou no sangue real,
E o povo, que os reis seguia,
Fez escravo Portugal
Da Conceição de Maria.

Escravo por gosto é doce,
Por crença não custa crer;
Que, sem a Egreja o dizer,
Quiz Portugal que assim fosse;
N'esta crença tomou posse,
Maria, em teu coração,
Pois qual da luz vivem côres,
E d'ar vive a creação,
Vivem amores d'amores.

Portugal quiz adorar-te
Em toda a pompa do véu,
Que envolve occulto no céu
O mysterio de crear-te;
Fez a sciencia jurar-te,
O mysterio jurar fez,
Poz-lho no peito e no labio,

E do dogma portuguez
Fez defensor cada sabio.

Ave, Maria, que és nossa
Padroeira, e crença, e mãe!
Portugal outra não tem,
Mais bella, nem que mais possa;
Não quer outra a humilde choça,
Nem o palacio real;
És nossa, do rei, do povo,
És de todo o Portugal,
Do antigo, sel-o-has do novo?

Oh! que sim, e só comtigo
Ha-de o teu reino voltar
Outra vez a campear,
Livre do pó do jazigo;
Farás Portugal antigo
A um teu aceno surgir,
Que a um aceno teu, Senhora,
Ha-de n'uma hora florir
O triste reino d'agora.

XXV

O PROSCRIPTO

I

Triumphou a traição, a intriga, a força
De varios povos contra ti; agora,
Neto de D. Affonso, eis-te proscripto!
Eis-te proscripto, e pobre, mas tão pobre!
Tu desceste os degraus do throno d'oiro,
Sem mais joias levar que a da tua honra!
Armou-se meia-Europa a derribar-te,
Cedeste ao coração... e a Europa inteira
Viu com respeito um rei, largando a c'roa,
Com tal garbo cingir a do infortunio,
Que nas praias do exilio excita inveja!
Roubai-lhe, se podeis, esse diadema,
Amassado co'as lagrimas da fome,

Que elle ousou pôr na fronte, dando a espalda,
Ás torpes seducções que o deshonravam!
Aquelle, e as mãos vazias que vos mostra,
São-lhe eterno padrão, ninguem lh'o rouba!
Neto de D. Affonso, eis-te proscripto!
Não tens nada, Senhor, agora póde
Cantar-te afoito o trovador humilde!
Suspeitas de lisonja aqui não cabem:
É cortejo de reis, mas sobre o throno;
Ao exilio não vai! — Posso cantar-te!

II

Zumbiam pellouros, rufavam tambores,
Espadas retinem, ribomba o canhão,
Restrugem da guerra raivosos clamores,
Escarvam ginetes co'as unhas o chão.

Que estragos, que dôres, que sangue vertido!
Que esforços d'um povo! Que esforços não fez!
Que importa? Que importa? Já tudo é perdido,
Um povo, um monarcha, um pendão portuguez!

Já d'Evora os eccos, por vez derradeira,
O som repercutem do viva leal,
Deslaçam-se os prantos na barba guerreira,
C'o abraço saudoso na signa real.

E rasgam-se as bandas, e quebram-se espadas,
Desfaz-se a espingarda calcada c'o pé,
Arrancam-se á farda insignias ganhadas
Da patria por gloria, na patria com fé.

Além, n'outro campo, de lingoas extranhas,
Diversas, e muitas, victoria se ouviu;
Victoria alcançada por tramas tamanhas!
Na terra, que é nossa, que *extranho* invadiu!

Venceu porque vinham tres reinos com elle,
E um reino era pouco... não foi, não venceu,
Que as armas valentes á voz só d'aquelle,
Do chefe, é que o povo, de firme, as rendeu!

Mas já d'entre as agoas a Etág alça o ferro
De Sines no porto... lá vai! Oh! Lá vai!
C'o princepe a bordo, co'a prôa ao desterro...
Um povo aqui fica já orphão de pae!

E rasgam-se as bandas, e quebram-se espadas,
Desfaz-se a espingarda calcada c'o pé,
Arrancam-se á farda insignias ganhadas
Da patria por gloria, na patria com fé!

III

Em quanto no azul das agoas
Tens a vista, a meditar,
E que outro abysmo de magoas
Sentes n'alma susurrar;
Em quanto, encostado á espada,
Vais triste seguindo a estrada,
Que a patria te deixa atrás,
Mal cuidas tu, mal o crêras,
Que, depois da guerra, as féras
Eram mais féras na paz!

Estendeste a mão, vedaste
O sangue da patria, e teu;
O sceptro real trocaste,
Pelo povo que t'o deu;
Por cerrar-lhe as largas f'ridas,
Por desarmar parricidas
Do teu bello Portugal!
Mas ah!... Da guerra os horrores
Não valem, não, essas dôres,
Que fez depois o punhal!

Se o souberas!... E lá quando,
Do barco a esteira a medir,
Tres milhões d'homens chorando,

Choravam por te seguir,
Pensaste que isso bastava
A açaimar a sanha brava,
Talvez o pensasses lá!
Não! Dos odios cresce o grito,
E a cabeça do Proscripto
A preço te punham cá!

Mas silencio!... Não se acordem
Os eccos de tanta dôr;
Odios não, não os recordem
Os versos do trovador;
Embora os archive a historia,
Da minha lyra a memoria
Deve arrojal-os de si;
Nem êrgo canto de guerra
Aos filhos da mesma terra,
Ergo um canto para ti!

IV

Ao largo, por esses mares,
Cá da patria que saudade
Funda vai!
Que pesar de mil pesares,
Resumidos na anciedade
D'um só ai!

E mais que todos, proscripto,
Quantas penas n'essa pena
    Tens, Senhor!
Tu que levas n'alma escripto
D'esta nação tão pequena,
    Tal amor!

Tu que a viste ao só teu brado
Crescer, crescer de repente,
    Qual não vi!
Cada homem um soldado,
Cada soldado um valente,
    Só por ti!

Onde irás a extranho sólo
Calar as nobres invejas
    D'esse mal?!
Vai d'um pólo a outro pólo,
Mas não vês, por mais que vejas,
    Portugal!

Oh! não vês, e do proscripto
É das penas essa a pena,
    É, Senhor!
Porque levas n'alma escripto,
D'esta nação tão pequena
    Tal amor!

Mas dizem que a Italia é bella,
Que tambem entre arvoredo
Canta o sul,
Dizem, gabando o céu d'ella,
Que tambem tem o segredo
D'este azul!

E dizem que de verdores
Tambem se toucam os montes
Em Abril,
Que estrellado o chão de flores
As banham argenteas fontes
Mil a mil!

Da Sabinia as cumiadas
D'oiro e purpura tingidas,
Posto o sol,
Dizem-n'as lindas, falladas,
Porque parecem fingidas,
No arrebol!

Mas verás que nenhum sólo
Te cala as nobres invejas
D'esse mal;
Vai d'um pólo a outro pólo,
Mas não vês, por mais que vejas,
Portugal!

Oh! não vês, e do proscripto
É das penas essa a pena,
É, Senhor;
Porque levas n'alma escripto
D'esta nação tão pequena
Tal amor!

V

Chegaste a Roma! D'exilio
Nobre escolha! É de Vergilio
A terra que mais cantou;
A que Cicero amava,
E em desterro se julgava,
Quando longe a suspirou!

Roma! Roma! A ti os tristes,
A ti venham, tu existes
Para elles! No teu pó
Abre-se um livro diurno,
Como herdeira de Saturno,
Como herdeira de Jacob!

Em teu orgulho escondida,
És a rainha cahida,
És digno exilio d'um rei;
A cada passo ruinas,
Em cada uma lhe ensinas
Mysterios da eterna lei!

Quanta grandeza, e que nada
Em tanta pedra tombada,
Que a aza do tempo alluiu!
Gigante, marmorea historia
De gigantes, cuja gloria
Revolto pó encubriu!

Ao coração maguado
Tem retiro abençoado,
Tem, ó Roma, o seio teu!
Olha esse rei que medita
Na immensa lição escripta
Na face do Colisseu!

Se lhe diz que o monumento
Tem alli de mais momento
De toda a Roma pagã,
O fundador lhe recorda,
E no peito vibra a corda
Dos sons da crença christã!

Oh! Lembra d'antigos dias
Já cumpridas prophecias,
E lembra Jerusalem;
Mas não longe, altivo cedro,
O zimborio de São Pedro
Hoje a fronte erguida tem!

Como um arbusto entre relva,
Campea na basta selva
D'impinados coruchéus;
Sobre a verdade descança,
Vencedor, alenta a esp'rança
Ao vencido, aponta os céus!

De Belisario olha os muros,
E aquelles dias escuros,
Que lhe deu a ingratidão!
D'Alexandria, roubada,
Olha essa agulha elevada,
E d'Agrippa o Pantheão!

Mais distante o Capitolio,
De Roma viuvo solio;
Agora o Tibre... que dôr!
Esquecido, envergonhado,
Só seu nome tão cantado
Guardou do antigo esplendor!

Quantas licções! E que nada!
Quanta verdade gravada,
Que a aza do tempo gravou!
Mas tambem quanto confôrto!
Por isso, ó Roma, és o porto,
Ao barco que naufragou!

Se tiveram dois imperios,
Abraçando os hemispherios,
Aqui berço, e creação.
Do primeiro nas ruinas,
Do segundo nas doutrinas
Acalmas o coração.

Roma! Roma! A ti os tristes,
A ti venham, tu existes
Para elles! No teu pó
Abre-se um livro diurno,
Como herdeira de Saturno,
Como herdeira de Jacob!

VI

Mas Roma deixando, que voz te chamara?
Que voz? Onde, ousado, Proscripto, onde vás?
Ouviste o teu nome, que a patria bradara?
Ouviste-a, quebrando as algemas da paz?

Soldadas de novo por mão traiçoeira,
Não sentes rojal-as, repara, não vês?...
Já torna, oh! vergonha! por planta extrangeira,
A ver-se pisado o torrão portuguez!...

Na Roma d'agora, na altiva cidade
Que banha o Tamiza, talvez vás cumprir
Missão inesp'rada!... Um dia a verdade
No rosto á mentira lá deve cuspir.

Oh! Sim! De calumnias erguida montanha,
Foi lá que mais negra, mais negra se ergueu
Vai pois... eis a serra, tão alta, tamanha,
Eis dia por dia, no chão se abateu!

Por ti conquistado já tens esse povo,
Difficil conquista, mas facil a ti!
Que sabes, que podes, no encanto tão novo,
Prender-lhes as almas, prender-lh'as... eu vi!

Que importa a desgraça? Venceste, vencido!
Estende sem pejo, estende a tua mão;
É nobre, sem mancha, d'*aquelle fugido*
O luxo de infamia não vale o teu pão!

VII

E que thronos derrocados,
Depois que o teu desabou!
E que sceptros abalados,
Que a tempestade levou!
No eixo o mundo se agita...
E tu, Proscripto, medita
Da consciencia no poder;
Vês tanta fronte curvada,
Mas a tua, levantada,
Não tem remorsos que ter!

Com as c'roas a thiara
Tambem viste no baldão,
Choraste, quem não chorara,
Sendo principe, e christão!
O Papa-rei foragido,
O throno sancto partido,
Roma, viuva a gemer,
E da turba a vozeria
Ir do crime a dynastia
N'essas ruinas erguer!

Ah! quantos monarchas viste
Ao teu lado enfileirar!
E se por todos sentiste

Teu coração palpitar,
Guarda intacto o orgulho nobre,
Que nenhum desceu tão pobre
Do throno de seus avós,
Nenhum do povo a lembrança
O seguiu com mais esp'rança,
Como és seguido por nós!

E pois que o tufão raivoso
É contra os thronos de pé,
N'esse teu exilio honroso
Deve mais crescer-te a fé;
Mer'ceste a raiva primeiro,
E do injusto captiveiro
Te quiz o tempo vingar,
Primeiro á voz da verdade
Ha-de o sol da liberdade
Teus passos allumiar!

VIII

E em quanto do desterro os frios gelos
Tu não vens enxugar ao sol da patria,
E repoisar da dòr;
Em quanto lá, sentado, os olhos longos
Pelo vasto horizonte, ancêas fervido
Terra do teu amor;

Dá que os sons d'esta lyra *hoje* te offertem,
Rôxas flores saudosas que engrinaldem
Teu firme pedestal;
Se a lyra é minha, os sons vão d'esta terra,
Como cantar d'amor, cantar d'esp'rança
D'este teu Portugal!

IX

Dá tambem que *hoje* o pranto se enxugue,
Hoje dia de festa, por ti!
Hoje o velho soldado desrugue,
Essa fronte que nunca sorri.

Nunca, não; *hoje* sim, que de gala
Traja o pobre... no seu coração;
Que em segredo na choça e na sala,
Hoje traja de festa a nação.

É um só este dia, entre tantos,
E tão longos de lucto, e de mal!
Oh! Suspende nos olhos os prantos,
Hoje só, *hoje* só, Portugal!

Hoje um povo proscripto, ao Proscripto
Seu natal possa n'alma cantar,
E o viva do povo, n'um grito,
Lá te chegue co'as ondas do mar!

XXVI

SANTO ANTONIO

O meu padre Sant'Antonio
É Santo de Portugal;
Livra a gente do demonio,
É remedio contra o mal;
Elle acha as coisas perdidas,
Aplaca as ondas erguidas
Nas tempestades do mar;
E até mettido n'um poço,
Com agoa até ao pescoço,
Faz muitas moças casar.

Sant'Antonio é o grande Santo
Dos rapazes; oh! Se é!
Gosta de vêl-os a um canto
A brincar em santa fé;
Soffre-lhe os tratos devotos,
E aquelles travessos votos
D'um throno de papelão;
Ama as festas galhofeiras,
Os foguetes e as fogueiras
Da folgada devoção.

Sant'Antonio é de Lisboa,
É filho da capital,
Mas de Padua inveja boa
Quer furtal-o a Portugal;
Não lhe deixemos leval-o,
Antes leve São Gonçalo,
Que só velhas faz casar;
Sant'Antonio é todo nosso,
Seja-o sempre, e um padre-nosso
Vamos-lhe agora resar.

Padre-nosso... e se consagre
N'esta efficaz oração;
Que pedimos um milagre,
Que salve toda a nação;

Se milagres são precisos,
Mudem-se os prantos em risos,
Sant'Antonio os fará já;
Sant'Antonio, Sant'Antonio
Enxota o vivo demonio
Da tua patria... e longe vá!

XXVII

HYMNO

(NO ANNIVERSARIO DO CASAMENTO DO SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA.)

D'entre os gelos do norte uma estrella,
Accendida c'o sôpro de Deus,
Brilha pura, que todas mais bella,
No toldado horizonte dos céus.
　　Constancia e prudencia,
　　Fiel Portugal,
　　Que a Estrella do Norte
　　Traz luz festival.

Negras sombras vencidas, prostradas,
Ante o brilho do novo clarão,
Deixam ver-nos em lettras douradas
As palavras de illustre brasão.
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que o aviso é promessa
Tambem festival.

D'Adelaide na fronte de rosas
Entre o casto mimoso rubor,
A pender-lhe das tranças formosas
Lá verdeja d'esp'rança uma flor.
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que a Flor que verdeja
É flor festival.

Salve, filha do Meno, Princeza
Que *hoje* o filho do Téjo c'roou,
Rasga ao triste Proscripto a tristeza,
Que és o anjo que o céu lhe fadou.
Constancia e prudencia,
Fiel Portugal,
Que o Anjo dos tristes
Baixou festival.

Flor d'Heubach, es já nossa, adoptaste
Nova patria ante a face do altar,
E outra patria ao Proscripto emprestaste
Em tua alma, onde vai repousar.
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que um dia o Proscripto
    Viu já festival.

Teu brasão ao brasão d'um Bragança
Hoje unido, Senhora, nos deu
No futuro um futuro d'esp'rança,
Porque um berço real prometteu.
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que a voz do futuro
    É voz festival.

Gloria á esposa do augusto exulado,
Que ao tão nobre infortunio se uniu,
Que ao Proscripto, de espinhos c'roado,
Os espinhos em rosas abriu!
    Constancia e prudencia,
    Fiel Portugal,
    Que a c'roa florída
    Tem côr festival.

XVIII

A MELHOR COLHEITA

Por tarde amena de estio,
Vendo do campo o lidar,
Sentindo a briza do rio,
Ouvindo o melro a cantar,
Assentei-me em verde alfombra
D'um freixo copado á sombra
C'um amigo a conversar.

Qual era a melhor seara,
Qual melhor colheita dá,
Qual mais barata ou mais cara
Ao lavrador ficará,

Era o assumpto da conversa,
Mas de opinião diversa,
Ambos teimavamos já.

Eis que perto alli passava
Um camponez ancião,
Ao hombro a enxada levava,
Levava um cesto na mão,
E no rosto lhe luzia,
Por entre doce alegria,
Doce paz do coração.

Façamos do velho, digo,
Entre nós ambos juiz;
Que dizes tu, meu amigo?
Venha o teu velho, me diz.
Chamei-o logo, elle veiu,
E de nós ambos no meio
Assentar o velho fiz.

Qual era a melhor seara,
Qual melhor colheita dá,
Qual mais barata ou mais cara
Ao lavrador ficará,
Lhe disse eu que era a conversa,
Mas de opinião diversa,
Que ambos teimavamos já.

Dize, pois, honrado velho,
É trigo, é milho, é arroz?
Decide c'o teu conselho,
Dá o teu voto entre nós;
Que na falta de sciencia
A sabedora exp'riencia
Fallará na tua voz.

Olhou-nos então sorrindo,
E disse: — se Deus o quer,
Tudo é bom á terra indo,
Quando e como o tempo dér,
Quando e como nos ensina
Da propria terra a doutrina,
Aos que n'ella sabem ler.

Mas de todas as colheitas
É, mancebos, a melhor
A das acções por nós feitas,
Sem que suba ao rosto a côr,
Porque é d'essa que é medida,
No dia da despedida,
Nossa pensão ao Senhor!

XXIX

ALCACERKIBIR

I

Da lyra sobre as cordas mal temp'radas
Correi, lagrimas minhas, ensinai-lhe
Uns tristes sons de dòr, um triste canto,
Ao lucto, aos ais da patria consagrado!
Engrinaldem-me a lyra aquelles rôxos,
Melindrosos amores, desbotados
Pelo sol africano; essas saudades,
Que dos quentes areaes aqui vieram,
A nutrir-se de fél no seio roto

De Portugal vencido!... Ai vinde, vinde
Gemer na minha voz, altivos brios
Do valor portuguez, e que inda agora,
Nos não ouçam carpir de seu triumpho
Os filhos do Propheta! Não, segredo!
Seja em segredo a magua: ao menos fique
Meia vergonha occulta dentro d'alma!
Mais baixo, minha voz, mais baixo; e tristes
Correi, lagrimas minhas, deslaçai-vos
Da lyra sobre as cordas mal temp'radas.

II

Oh! Mal haja essa terra africana,
Tanto sangue sedenta a bèber!
Oh! Mal haja essa lei mahometana,
Sobre a lei do christão a vencer.

Oh! Mal haja do alfange a pancada,
O diadema d'um rei a esmagar!
Oh! Mal haja quem faz essa espada
N'essas mãos tão valentes quebrar.

Oh! Mal haja quem leva essa esp'rança
Lá tão longe, tão longe em botão;
Quem lá deixa que á ponta de lança
Moiros possam calcar-lhe o pendão.

Oh! Mal haja esse dia, mal haja,
Em que lá no torrado areal
Mão de moiros, que as quinas ultraja,
O teu sceptro enterrou, Portugal!

O teu sceptro, teus nobres, teu povo,
Qual não ha n'esse mundo, não sei,
Essa gloria d'exforço tão novo,
Esse exforço, e com elle o teu rei!

Oh! Mal haja a vil terra africana
Tanto sangue sedenta a beber,
Oh! Mal haja essa lei mahometana
Sobre a lei do christão a vencer.

III

Lá vai... lá solta ao vento as brancas vellas
A portugueza frota; o Téjo ahi fica
Viuvo para sempre! O rei mancebo
Surri-lhe n'esse adeus, porque lhe ferve
Lá dentro o ardor da guerra, e o mal guiado
De seu zelo christão! O teu surriso,
Mancebo, ha-de trocar-se em tantas lagrimas
Dos filhos que cá deixas, tantas, tantas,
Que um mar hão-de fazer mais vasto e fundo,
Que esse que vais sulcar, que esse de sangue,
Que lá verás correr de teus vassallos

Sobre terra infiel!... La vai... a frota
Já corta leve as aguas baloiçadas
Por fresca viração; nos barcos fulgem
As armas dos guerreiros, accendidas
Pelos raios do sol; era de cisnes,
D'argenteos cisnes voadôra turba.
Que d'esperanças ahi vão! Quantos receios!
Que saudades d'amante, ancias de esposa,
E cuidados de mãe! E mais que tudo
A honra portugueza ás mãos entregue
D'uma ousadia vã!... Cá fica apenas
Por herdeiro do throno... quem? Um velho,
Um velho já dos annos debruçado,
Qual pendido chorão, sobre o sepulcro,
E castrado no altar, c'o as leis severas
Do santo sacerdocio!... E após o jugo
D'extrangeiro senhor! Quem sabe! Ai, pobre,
Ai de ti, Portugal!... E ao longe a armada
C'o as aguas se confunde, no horizonte
Para sempre se perde!... Para sempre!
Tudo baldado foi, razões de nobres,
De sabios capitães; do povo as preces;
Instancias de monarchas; voz de principes;
E os avisos do céu, que foram tantos!
Oh! vêde, ouvi-os, que os descanta agora
Na praia essa mulher, c'os olhos longos
Ahi por esse mar... que já deserto!

IV

Malfadado, tão chorado,
Moço rei Sebastião,
Malfadado, desejado,
De cuidados tão cuidado,
Taes cuidados onde vão?
Onde levas, malfadado,
De Portugal o pendão?

Malfadado, não quizeste
Ouvir avisos do céu;
Ai que já, quando nasceste,
As galas despindo, veste
Por teu pae, o povo teu
Um triste dó!... Houve peste
No reino que Deus te deu!

Houve peste! E n'esse dia,
Em que ao throno ías subir,
Á rainha predizia
Voz de sabio, que a alegria
De tal dia ha-de fugir;
Que o mudasse lhe pedia,
Foi debalde o seu pedir.

Á India mandar intentas
Pões uma armada no mar,
Mas a furia das tormentas,
De nosso damno sedentas,
Antes de ferro largar,
Vem c'o as ondas turbulentas,
Vem toda a armada acabar.

D'uma vez ás escondidas,
Já foste a mourama ver;
Quantas esp'ranças floridas,
Já do viço despedidas,
Não fizeste estremecer!
Quantas lagrimas sentidas
Nos não fizeste verter!

Bem nos custou n'estas terras
Tornar-te a ver outra vez,
Que da patria te desterras
Por fartar por essas guerras
Do coração a altivez;
Esquecias estas serras...
Mais audaz, que portuguez!

Emfim voltaste, e agora
Tornas de novo a partir;
E nem sequer te demora,

Todo um povo que descora
C'o os receios do porvir;
Nem n'esse céu te apavora
Igneo cometa a fulgir!

Nem esse aviso á bandeira,
Que foste benzer á Sé;
Voltada n'hastea, agoireira
Talvez do mal, que não queira,
Que não possa erguer-se em pé,
Temendo ser prisioneira
Dos inimigos da fé!

Tudo embalde! Amor e sanha!
Desprezas o mal e os bens!
Té da voz que te acompanha,
Do remeiro, acaso ou manha,
Cantando á sorte os vaivens:
« Hontem foste rei de Hespanha,
« Hoje um castello não tens. »

E partes... levas a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De Dom Affonso immortal!
Se a deixas envergonhada,
Ai de ti! de Portugal!

Ai de ti, ai tão chorado,
Moço rei Sebastião,
Malfadado, desejado,
De cuidados tão cuidado,
Taes cuidados onde vão?
Onde levas, malfadado,
De Portugal o pendão?

V

Eis a costa africana... eis tudo salta
No queimado torrão; ao largo a frota
C'o a derradeira esp'rança já navega!...
Triumphar ou morrer, é tudo agora
Quanto vos resta já. Que importa? Sempre
Do valor portuguez foi esse o motto.
Ávante, o ferro empunho, a fronte erguida,
Devasse a planta ousada o seio virgem
Do africano sertão! Tudo era triste
Ao partir lá da patria; é tudo agora,
Como em dia de festa, que os soldados
Levam alli seu rei, levam de Christo
A Cruz sobre o estandarte. Ávante, á guerra!
Imprudencia! Será, d'um rei tão moço,
Mas emfim portuguez! Oh! Já que vindes
Portuguezes sereis; — á guerra, ávante!

VI

Já nos plainos ardentes, na serra,
Já resoa o mourisco anafil,
Já desperta a mourama c'o a guerra,
Já soldados lhe brotam a mil.

Já de sobre as mesquitas vozeia,
Com a lei do propheta na mão,
Sacerdote que a guerra semeia,
Dando o inferno ou céu no alkorão.

Tudo corre, se apresta, se espanta,
Nas cidades, no campo a bradar,
Tudo corre, e a mourama é já tanta,
Que não ha quem n'a possa contar.

Diz a mãe a seu filho: «Meu filho,
«Eia á guerra! Lá vem os christãos;
«Antes morto, que escravo, que o brilho
«Ver da patria apagado em taes mãos.

«Eia á guerra, por nós, por Mafoma,
«Eia á guerra, que a guerra seduz!
«Mouro colo o christão não n'o doma,
«O crescente não verga ante a Cruz.»

E nos plainos ardentes, na serra,
Já resoa o mourisco anafil,
Já desperta a mourama c'o a guerra,
Já soldados lhe brotam a mil.

VII

Oh! Vêde, vêde além esses dois campos!
Aqui, o portuguez, quasi sumido
Nas rubidas areias, chamejando
C'os reflexos do sol... além, o mouro,
Alagando a extensão! É tudo negro,
Tudo negro de gente! Apenas fulgem,
De quando em quando, as laminas polidas
Do curvo alfange á cinta adormecido!...
Adormecido agora!... Eil-o desperto
Da trombeta ao clangor!... Á guerra, á guerra,
Por Allah! Por Jesus! Os campos bradam!
Lá se move, d'aqui, sobre as areias
O pequeno arraial, como um ribeiro
Ao longe serpeando... embora, nunca
O brio portuguez contou fileiras;
São poucos, mas valentes! D'alli surge,
Como immenso gigante a immensa turba
D'infieis agarenos!... Vem ás ondas,
Ennovelados, tumidos, e tantos,
Como quando a procella o dorso bate,

Rasga, arripia aos iracundos mares!
Eil-os de face a face os campos ambos!
Eil-os, tigre e leão, que n'um lampejo
Se medem, se decidem, se retalham
Enfeixados depois! Somem-se quasi,
Entre o sanguineo pó que os pés levantam
De mil cavallos rapidos voando,
E o negro fumo que vomita o bronze!

VIII

A espada brilhava, no alfange batia,
Estalam mil raios do ferreo arcabuz,
Nas andas o mouro «Maluco» morria,
De negra peçonha, victoria da Cruz!

Victoria, começa já quasi a cantar-se,
Vão rotos os mouros, vão quasi a fugir;
De mortos o campo começa a alastrar-se,
Aqui moribundo se encontra um Emir.

Mais longe, mais perto, fervia a peleja,
Eis quasi repousa, eis ferve outra vez,
E o mouro aos milhares morrendo braveja,
Braveja, e não vence o pendão portuguez.

Não vence, mas teima!... São tantos! São tantos!
Quem ha que não venha por fim a cançar?
Já cançam os nossos... dos mouros os cantos,
Signal de victoria, já se ouvem cantar!

Victoria! Que digo? Victoria de mouros!
Victoria que esmaga tal sceptro real?!
Victoria que murcha na frente esses louros,
Na frente orgulhosa do meu Portugal?

Ai sim! Que o alfange na espada batia,
Estalam mil raios do ferreo arcabuz,
E o mouro nas andas, morrendo, vencia,
Cantava o crescente victoria da Cruz!

IX

Cantava; que lá fica n'esses campos,
N'esse Alcacerkibir aquella c'rôa,
Tão pejada de louros! Lá resvala
Da fronte do mancebo, que não sabe,
Que não póde sustel-a!... Era o diadema,
Por Affonso ganhado, em mal de mouros
Na campina de Ourique! Inda era o mesmo
Do primeiro João, em mal de Hespanha!
Era o mesmo de quem tremia o mundo,
E o fero Adamastôr vinha rojar-se
Deante d'elle, outr'ora, á voz do Gama!

Ficou lá enterrado! O rei!... Quem sabe?
Tudo morto ou captivo, poucos volvem
A dar novas do caso!... O rei!... Silencio!...
Viva na tradição, deixe-se ao povo
C'o a memoria vingar tão negra affronta!
Não póde crêl-o morto, sem que um dia
Inda vinha raspar c'o a forte espada
Da bandeira da patria a mancha... eterna!

X

Em quanto n'essas areias
Morre da patria o fulgor
De seus feitos o cantor,
A morte sente nas veias;
Sente Camões no hospital,
D'Hespanha ao som das cadeias,
A morte de Portugal!

Sente, e sente que lhe corre
De membro em membro tambem,
Mas só sente o fel que tem,
Por esse que lá se escorre
N'essa batalha fatal,
E ouvindo que a patria morre...
Morre elle com Portugal!

XXX

A F. G. D'AMORIM

(RESPOSTA.) *

Que nobre modestia, amigo!
Mas fazes, nos versos teus,
A inveja vir ter comigo,
E arrepender-me dos meus.
Porque me gabas o estro,
Se tu te mostras tão destro,
Na lyra que tens na mão?
Porque fallas só de prantos,
Quando a voz sáe nos teus cantos
Tão cheia de inspiração?

* Vid. no fim do vol.

E vindo assim generoso
O teu nome ao meu juntar,
Receaste que orgulhoso
Não me deixasse c'roar?!
Orgulhoso?! Esse receio,
Não sei se diga... não creio,
Mas qual dos dois fôra mais?
Eu se engeitasse thesouros,
Ou tu ceifando-me louros
Só na tua mão triumphaes?!

Orgulho, tenho-o, confesso,
Mas da c'roa que me dás,
Que a nobreza que eu professo,
D'essas, da gloria, é que as faz.
Nem nunca a boa nobreza
Creu que désse a natureza
Ao sangue mais que uma côr;
A diff'rença só a havia,
Se pela patria corria
Mais quente, com mais valor.

Esta sim, e esta é nobre,
Esta eleva os corações,
Pois, como tu, rica ou pobre,
Faz das virtudes brazões;
Por isso, d'ella aprendido

Tenho, ao menos, que é devido
O tributo ao teu brazão;
Sei, ao menos, respeital-o,
Sei, ao menos, invejal-o,
E honrar-me em ser teu irmão.

Oh! somos irmãos; e as almas
D'ambos, feitas para amar,
N'uma palma duas palmas
Podem á patria votar;
Podem, podem, que se agora
Já não é, como era outr'ora,
Em todos uma só fé,
Qual sou, na tua és sincero,
E queres, tambem qual quero,
Ver a patria erguida em pé.

Irmãos, pois; e n'essa crença
Com que eu sou e és portuguez,
Inda que haja diff'rença,
Não ha toda a que tu vês.
Tu amas a liberdade?
E quem amal-a não ha-de?
E quando é que eu não a amei?
A diff'rença que encontraste,
Vem d'onde tu a estudaste,
E vem d'onde eu a estudei.

Tu foste estudal-a ás vagas
Cuspindo escumas ao ceu,
Foste da America ás plagas,
Á terra que hontem nasceu;
Viste lá seus rios bravos,
E, sem aprender de escravos,
Aprendeste a livre ser;
Do que vias ou não vias,
Tomaste odio ás tyrannias,
Juraste odio ao seu poder.

Eu foi cá, eu estudei-a
Na historia do meu paiz,
Par'ceu-me bella e amei-a,
Par'ceu-me grande e feliz;
Grande sem ser sobranceira,
Modesta mas verdadeira,
A mão firme, a voz leal,
Piedosa, honrada, valente,
Ao rei e povo igualmente,
Dando o seu a cada qual.

Vi-a no Douro e Mondego,
Vi-a do Tejo abrir mar,
Vi-a em Coimbra e Lamego,
Vi-a o mundo rodear;
Vi-a andar lá onde andaras,

Nas florestas que passaras,
Levando por dentro a luz,
E n'essas vastas paragens
Fazer homens de selvagens,
Pondo-os em roda da Cruz.

E como lhe vira ao lado
Tanto o povo como o rei,
Cuidei que d'ambos soldado
Era soldado de lei;
D'aqui foi que sempre unidos,
Sempre n'alma confundidos,
Lhes dei affectos iguaes,
E se em tempos gloriosos
Os amaria ditosos,
Na desgraça ainda mais.

Com este amor e verdade
É que eu me criei por cá;
Amo esta liberdade,
Como tu essa de lá;
Ambos, pois, livres votamos
Livre patria, só não vamos
Buscar o mesmo padrão.
Tu, nos vôos mais ousado,
Vais a um clima apartado,
Eu vou á propria nação.

Tu, porque viste tão bella
A liberdade, como é,
Julgaste-a joven, e d'ella
Te namoras n'essa fé;
Eu não; tambem namorado,
Tambem d'ella enthusiasmado,
Julgo que ha muito nasceu;
E o que a ella mais me prende,
É ver que a edade a não rende
E que joven te par'ceu.

Do poder, tambem comtigo
Meus juizos são os teus,
Mas povo ou rei, meu amigo,
Em todos é só de Deus.
No Seu poder é que eu creio.
O do povo d'Elle veiu,
Como o do rei d'Elle vem;
Sempre, sempre, é todo d'Elle,
E se O vês tu só n'aquelle
Eu vejo-O n'este tambem.

Mas haja ou não monarchia,
Faz isso livres nações?
Pensas tu que a tyrannia
Vem só d'altas regiões?
Oh! Ás vezes de bem fundo

Tem-na visto erguer o mundo,
Quebrando os degraus que fez,
E depois, com seus mil braços,
Fazer um povo em pedaços,
Cuspil-o, calcal-o aos pés!

Não quero, nem tu, nenhuma,
Mas se entre ambas a final
Tivesse de escolher uma,
A de cima é menor mal.
No alto o ar é mais puro,
Se o não respiro seguro,
Respiro-o com menos pó;
Escolho só entre damnos,
Mas em vez de cem tyrannos
Prefiro então ter um só.

Não, mas não, não veja a terra,
Que a ambos nos deu o ser,
De tyrannias em guerra
Ter cá ninguem que escolher;
Se nem tu nem eu sabemos
Ler no futuro, podemos
Pedil-o de paz a Deus,
E se ambos já nos amamos,
Que inda irmãos *todos* sejamos
Debaixo dos mesmos céus.

Então, então, se eu o vira,
Ajoelhado ante o Senhor,
Das que dás á minha lyra
Tirara a mais bella flor,
E do feito por memoria,
E por pagina de historia,
N'essa flor immortal
Dera o mais que dar podia,
Dera a gloria, e gravaria:
«A ti, ó meu Portugal!»

XXXI

O DIA TRES D'ABRIL

(Anniversario natalicio da Senhora D Adelaide Sophia de Loewenstein-Wertheim-Rosemberg)

Não vês alem, no castello,
Argenteo berço fulgir?
Não vês, Senhor, como é bello?
Olha-o bem... é teu porvir!
Mal o crês talvez agora,
Mal pensas que n'essa aurora,
De tão incerto arrebol,
Vem dentro a luz, que ha-de um dia
Ser de tua alma a alegria,
De tua vida ser o sol!

Pois será; no céu escripto
É já no livro de Deus!
Quando fores um proscripto,
Longe, bem longe dos teus;
Quando a força e a injustiça,
Por mão de ingrata cubiça,
Te conseguirem vencer;
Quando sem throno e sem nada,
Tendo só tua vida honrada
D'antes quebrar que torcer;

Tendo só o amor de tantos
Ardendo annos em vão,
Chorando cançados prantos
Em negro esmolado pão;
Tendo só Deus e o direito,
Mas nú de insignias o peito,
Sem c'rôa a fronte real,
Sem sceptro na dextra erguida,
Do hombro a purpura cahida,
Perdido o teu Portugal;

Quando já triste, exulado,
Geada a fronte co'a dor,
Pobre, pobre, e mal cuidado
D'uma existencia int'rior...
Oh! Então, Senhor, n'essa hora,

D'aquelle berço uma aurora
Virá de extranho arrebol!
Oh! Sagremos-lhe uma palma,
Que traz a alma da tua alma,
Da tua vida traz o sol.

E raiou... cumpriu-se a sorte;
O Proscripto lá vagou;
E alva Estrella do Norte
Seus passos allumiou...!
D'argenteo berço tão bello
Ergueu-se além, no castello,
E foi-lhe n'alma brilhar,
Mais linda que as lindas rosas,
Mais que as perolas formosas
Das mais formosas do mar.

E pois que o berço da aurora
Foi este dia d'Abril,
Sagremos-lhe hymnos agora
Em honra ao berço gentil;
Sagremos votos por ella,
Que foi do Proscripto a estrella,
Promettida ao coração:
E em cada voto um desejo
Vá cá dos filhos do Téjo
Por-lhe aos pés a gratidão.

XXXII

CONSUMMATUM EST

Eil-o, o Gólgotha erguido, e em torno .. o mundo!
Homens, povos e reis, olhai... que vêdes
No viso do Calvario? A Cruz! O Christo!
Que lava, apaga alli a mancha eterna
Por preço do seu sangue! — Esse madeiro
É hoje a vossa herança! A Cruz da infamia
É symbolo d'amor e liberdade!

Tinham ricos e grandes mil insignias,
Teem uma agora pobres e pequenos,
E os proprios reis virão depor os sceptros
Á raiz d'esse tronco! — Hão-de abrigar-se
Á sombra d'elle as gerações futuras;
E despido de galas, nú, sósinho,
Descendo afoito á arena dos combates,
Conquistará o mundo! — Reis e povos,
Curvai-vos ante a Cruz, que ora começa
A reinar sobre a terra, porque o Verbo
Já cumpriu a missão! — O Christo sobe
Ao seio do Senhor... e a Cruz ás grimpas
Do Capitolio audaz!... Povos, curvai-vos,
A redempção do mundo consummou-se!

Mas o mundo, a terra que era,
Depois que esse cherubim
D'ignea espada, lá se erguera
Ante o defeso jardim?
Que era o homem do peccado
Quando do Eden desterrado,
Entregue á lei natural?
E a lei escripta, mais bella,
Não deixou inda após ella
Viva a culpa original?

O que era o mundo?... Abysmado
Na miseria e corrupção!
Continha o pomo vedado
Tamanha condemnação?
Que vista!... Os homens em guerra,
D'iras más cobrindo a terra
C'o vicio por lei ruim!
Os homens na vida novos,
E dando por norma aos povos
O crime vil de Caim!

Em vez da lei rege a espada;
A tyrannia é poder;
A familia escravizada,
Escravos filho e mulher:
Os affectos desmentidos;
Abafados os rugidos
D'esse tigre popular
Com pão, que arrojam tyrannos,
Por lhe comprarem mais annos,
A hora d'elle os tragar!

Da virtude existe o nome,
Um embuste ás multidões,
Que a podridão já consome
O cadaver das nações;
É mentira a sociedade;

Roja grilhões a verdade,
Fez-se a vida mat'rial;
O homem, n'alma corrupto,
Ergue em altar dissoluto
Por Deus o genio do mal!

Infame! Sanctificando
Frageis deuses que amassou,
Prostra-se, em culto nefando,
Á obra que elle creou!
Não tem fé, não tem esp'rança,
Nem sequer os olhos lança
Das nuvens á região;
Não soletra nas estrellas
O nome, que lá vem d'ellas
Gravar-se no coração!

Ah! Foi vendo-o assim perdido
Dos crimes no vasto mar,
Foi, Senhor, que arrependido
Te sentiste de o crear!
Empunha a vara de ferro,
Corta-lhe as carnes, e o erro,
Afoga... queima... Senhor,
Legou-lhe Adão a vertigem,
O crime é crime d'origem,
Cria outro mundo melhor!

Se a uma mulher permittiras
C'um fructo assim corromper,
Porque outro fructo não tiras
Do seio d'outra mulher?
D'um tronco viçoso e forte
Fizeste arvore da morte,
E culpa eterna sahir;
D'arvore sêcca e despida
Faze uma arvore da vida,
E a flôr do perdão abrir!

Mas tu accendes-te em ira,
Dos labios sae-te o trovão,
Já nas faces te luzira
Do relâmpago o clarão,
Rolam-te as nuvens ás plantas,
E nas mãos ambas levantas
Feixes de raios!... Meu Deus!
No livro das prophecias
Tu escreveste — Messias,
Depois da ira dos céus!

∞

Os céus de negro tingiram-se,
As cataratas abriram-se
Com fragor de par em par...

Encrespam-se as chuvas, correm...
E despenhadas percorrem
O espaço a sussurrar...

Chovia, chovia,
De noite, de dia,
E tudo a cobrir;
Os plainos, as pontes,
Cidades e montes;
A agua a subír.

Subindo, subindo,
O mundo afundindo,
E tudo a gemer;
Os velhos, os novos,
Os homens, os povos;
E tudo a morrer!

Na terra, nos ares,
Já tudo são mares,
Ha só céu e mar!
Apenas na crista
Das aguas se avista
Uma arca a boiar!

Puniste, Deus! Não remiste,
N'essa arca um mundo inda existe,

Novo mundo de Noé;
Os crimes n'agua afogados,
Punidos, não resgatados,
N'essa arca ficam de pé!

As chammas!... O raio corra!
De Sodoma e de Gomorra
Fique a cinza, a cinza só!
Oh! venha a licção que abraza!
Escrev'a, co'a ponta d'aza,
Teu anjo no quente pó!

As nuvens nos céus beberam
Lavaredas de que encheram,
Encheram o bojo seu;
Partem c'o a carga de fogo,
Eis chegam, rasgam-se logo,
E o rubro fogo choveu!...

Chovia, chovia,
E a chamma lambia
Do vicio a mansão;
As ruas, as casas,
Os homens, são brazas,
Vermelho carvão!

E o vento assoprava,
O fogo ateava,
O fogo a correr;
Parecem serpentes
As chammas ardentes
Em tudo a morder!

E tudo se abala,
Derroca-se, estala,
E o fogo a rugir!...
Leão do deserto,
De cinzas coberto,
C'o a vista a luzir!

Puniste, Deus! Não remiste,
N'essas cinzas não sumiste,
O peccado original!
O crime em fogo abrazado,
Punido, não, resgatado,
Vai com Loth. . e ao lado... é sal!

Voltou os olhos... e a terra,
Se a teus castigos se atterra,
Tem medo, não tem amor,
Se com tuas iras espantas,
Castigas, mas não levantas
O homem ao Creador!

Do diluvio a agoa mata,
Mas a agoa que resgata,
Não é d'essa, é do Jordão;
A chamma do raio fere,
Mas chamma que regenere,
Ha-de arder no coração!

Crimes de sangue, com sangue
Só de Deus o Filho exangue
Póde apagar e remir!
Se o peccado foi immenso,
O sacrificio, o incenso
Sò lá dos céus podem vir!

Seja um Deus, seja o thuribulo,
Recendendo no vestibulo
D'este templo universal;
Se eterno da culpa é o vicio,
Seja eterno o sacrificio,
Seja a victima immortal!

Immortal! Mas d'homem tome,
Tome o barro, a fórma, o nome,
Vista inteiro o humano pó;
Tenha berço e sepultura,
Beba o calix da amargura,
E por todos morra só!

∞

Que importa que em Roma, do martyr zombando,
Restruja de orgias um ébrio cantar?
Por baixo de Roma vão hymnos coando,
O martyr tem cultos, a Cruz tem altar!

Que exercito longo, de esp'rança em delirio,
Das fundas arcadas lá vem a sair!
Sorri-se nos tractos, votado ao martyrio,
Espanta os algozes, conquista o porvir!

E vejo esses crentes á luz já do dia,
Accesos da crença na íntima luz,
Do imperio assistindo á longa agonia,
Doirar-lh'a de esp'rança, mostrando-lhe a Cruz!

Que importa do norte, na f'reza nativa,
Se ajunctem selvagens do imperio ao redor,
Do velho já morto, de Roma captiva,
Calcando-lhe a c'rôa d'antigo esplendor?

Se os vejo de ferro nas mãos triturando
Palacios e templos, sciencias e leis,
Que importa? Que importa? Se tudo deixando,
A Cruz, o Evangelho, levar só vereis?

São rudes, mas sabem dos homens os crimes,
Ingenuos intendem ingenua licção,
E os dois monumentos, com serem sublimes,
Couberam-lhes n'alma, com elles lá vão!

Dois mundos arcando! Que importa? Qual vence?
Não vejo que o novo, robusto, de pé,
Sacode o cadaver, que á historia pertence,
E colhe por palmas as palmas da fe?!

Que importa? O madeiro não canta a victoria?
Não queima esse facho as trevas d'alem?
E quanto hoje os povos teem d'honra ou de gloria,
Não vem da palavra do Christo, não vem?

No transe da infamia juiz menos duro
O Homem chamou-lhe, mostrando-o aos judeus,
Não sabe, não póde, não lê no futuro;
Mas nós? Mas o mundo?—Chamamos-lhe Deus!

Chamamos: porque nos veiu
A hora emfim do perdão:
De puro, virgineo seio
Teve o mundo um novo Adão;
Povôa a terra de crentes:

Outros povos, outras gentes
São do Christo descendentes,
Das palavras que soltou;
Nascem da lei que deixara,
Dos prantos que elle chorara,
De cada passo que andara,
Do sangue que derramou!

Nova terra e homens novos,
Outros costumes e leis;
Sentem-se livres os povos,
Sentem-se livres os reis;
De escrava a mulher, chamou-se
Socia do homem, libertou-se
O filho, o servo, e amou-se
A humanidade entre si;
E porque tudo se mude,
Brotou d'homens a virtude,
Como em chão de monte rude
Roseo botão que sorri.

Passou o Christo na terra,
Foi a luz, alumiou;
Foi sol surgido da serra,
Alvo dia que raiou.
Que falta nas prophecias?
Que mais, Senhor, mandarias

No livro do teu Messias
Por mão d'homens escrever?
Eis o presepio, eis a vida,
Eis a senda percorrida,
Eis do Calvario a subida,
Eil-o na Cruz a pender!

D'espinhos punge-lhe a fronte
Novo diadema cruel;
De cada espinho uma fonte
De sangue!... Nos labios... fel!
Os olhos amortecidos;
Roto o peito; denegridos
Os membros; e seus vestidos
De rodá a turba a jogar!
Ao padrão do soffrimento
Que mais falta? Que tormento?
Não chegou, Deus, o momento
Do sacrificio acabar?

O homem cobra o destino
Immortal; de novo é teu!
Fez-se um caminho divino
Do sepulchro até ao céu:
Remiste, não castigaste;
Em vez das iras rasgaste
Do amor a fonte, e inspiraste

Aos homens ignoto amor;
Eis aberto o novo trilho!
Por irmão temos teu Filho?
Que brilho falta ao teu brilho?
Que mais te falta, Senhor?

Oh! Cumpriu-se a misssão; o mundo é salvo!
A victima no altar inda agoniza,
Mas nos lívidos labios já murmura
A derradeira phrase! O sacrificio
Completou-se; bebeu até ás fézes
O calix da amargura! Reis e povos,
Curvai-vos ante a Cruz! — O Christo sóbe
Ao seio do Senhor... e a Cruz ás grimpas
Do capitolio audaz!... Povos, curvai-vos;
A redempção do mundo consummou-se!

XXXIII

A PADEIRA D'ALJUBARROTA

Sus! Acorda, mulher forte,
Torna á vida outra vez, tu;
Levanta do chão da morte
Terra a cima o braço nú;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

No teu tempo até mulheres!...
Hoje nem homens! Vem vêr,
Mas do pejo que tiveres
Não tornes logo a morrer;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

C'um bastardo em rei alçado,
Por direito e por valor,
Até tu, como um soldado,
Davas sangue ao patrio amor!
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

Direito nem valentia
Não achas por nosso mal,
Achas núa a bastardia,
Bastardos de Portugal;
Vem, mnlher, traça a mortalha.
    Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
    Mais a pá.

E os bastardos a Castella
Querem a herança entregar,
Não teem hombros para ella,
São fracos, fal-os vergar;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

A gloria aos fortes é leve,
Mas essa raça acabou,
E se inda alguns filhos teve,
Pergunta quem nos prostrou;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Vem tu, pois, oh! Vem, que basta
O teu braço de mulher,
Já que esta terra madrasta
Hoje homens não sabe ter;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Ao Mestre não digas nada,
Nem a Dom Nuno, isso não;
Não ha já nenhuma espada,
Das que traziam na mão;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Não ha ala tão valente
Que elles possam commandar,
Nem ha reis que frente a frente
Batalha lhes venham dar;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Vem, vem, que sobra aos de fóra,
Como aos de casa tambem,
Essa pá, puxada agora
Por essas terras além;
Vem, mulher, traça a mortalha,
Que por cá,
Já se esqueceu a batalha,
Mais a pá.

Vem, que verás logo rota
A hoste dos vendilhões,
E da nova Aljubarrota
Deixarás novos brazões;
Vem, mulher, traça a mortalha,
    Que por cá,
Inda mais do que a batalha,
    Falta a pá.

XXXIV

NÃO VÁS

Amigo, suspende, espera,
Vê que da ira a paixão
Apaga a luz da razão,
E muda o homem em féra!
Armado o braço, pondera
Se és já escravo ou senhor;
Não vais vencer, vais vencido,
Vais instrumento rendido
D'outro inimigo peior.

Tens mais perto em quem vingar-te,
Tens mais perto a quem vencer,
Em ti é que é combater,
Se queres forte mostrar-te.
Pois cuidas que n'outra parte
Mais resistencia terás?
Ou cuidas que é mais gloria
Deixar difficil victoria
Por outra facil? — Não vás.

Mais offensas? Onde as queres
Escuta de dentro a voz,
Ouve-a bem, comtigo a sós,
Acharás quantas quizeres;
Pune ahi; se o não fizeres,
Fraco, injusto, dize então,
Dize, por vergonha, amigo,
Que és indulgente comtigo,
Severo com teu irmão.

Se de Seneca ao espelho
O pagão se ía mirar,
E, por mudado se achar,
Achava n'elle conselho;
Se d'aquelle exemplo velho,
Que Metastasio imitou,
Sae a fonte, onde a donzella,

Bella Choris, d'antes bella,
Irada, feia ficou;

Ha-de o pagão e a vaidade
Ter onde enfrear-se a si,
E não ha-de haver aqui,
Quem falle ao christão, não ha-de?
Oh! Por Deus! Amigo meu,
Nem o espelho nem a fonte,
Basta a consciencia defronte,
Basta erguer a vista ao céu!

XXXV

O FUNERAL E A POMBA *

I

Que vai alem nos arraiaes contrarios?
De espaço a espaço a artilharia trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

* Vid no fim do vol.

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um sahimento! Os crepes
Rojam por terra! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dôr é essa nos arraiaes contrarios?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-se-ha que a morte lhe arrancou sinistra
Da crença ao livro, n'um augusto nome,
Symbolo charo!

É certo... e certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre humanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-se aquellas magoas,
E do nosso pranto as agoas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado,
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funérea luz;
Soldados, olhai a Cruz!
Demos pranto a quem prantèa,
Demos dòr á dòr alheia.
Nos dois campos lucto egual!
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a soffrer;
Portuguez, que vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer

Que o tomem; e nós, soldados,
Ao vêl-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé;
Amigos, eia, de pé!
Era o seu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscripção;
Comprehendemos, pois, seu grito,
Nós, soldados do Proscripto,
Vinte annos gemendo em vão!

A cada um sua crença e dôres,
Cada qual estreme as côres
Do pendão que traz por si;
Todo branco, é o nosso aqui.
Mas, se d'elle voz sagrada

Nos manda, por gloria herdada,
Ou morrer ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro estandarte, um sudario,
Manda os tristes consolar.

Porque é de arraial opposto,
Não córa o tributo o rosto,
A quem o toma ou quem dá;
Soldados, lucto de cá!
É tributo á monarchia,
Por dois campos n'um só dia,
Cada qual por sua lei;
Um faz honras á Rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'aquelle que jurou Rei!

III

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Aos filhos não, não lhes basta
Do mundo fallaz ventura
N'este mal!
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial.

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
Se enviuvou n'um peito exhausto,
Toda a flôr d'essa êrma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Oremos todos por Ella!
Que na morte renascesse
Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vêl-a,
Da dôr escada fizesse
Para os céus!

Oremos todos; nós temos
D'Innocentes Desterrados
Uma Mãe;
Mãe e Pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
Lá tambem.

E eil-a que alli vai sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

IV

Silencio! Eis pára o sahimento ao arco,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, de redor dos coches,
Co'a chamma funebre, luctuoso véu.

Que ponto incerto se desenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave,
Que já das azas se sentiu cançar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos céus voou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou!

É sobre o carro que levava a c'rôa!
De susto isenta, como poisa assim?!
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo,
Decifra avisos, que lhe vem do céu...
E o sahimento se sumiu na Egreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, póde ser que esp'ranças
Manso ao ouvido traduzindo alli;
Da pomba o caso correrá mil boccas;
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lachrymoso canto
Ecchoou na Egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quéda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos...?—Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as agoas descendo, fallava de paz;
Findava o castigo, e um povo escolhido
Á terra um Messias comsigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o signal;
Se a c'roa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juizos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo; esp'remos que a pomba,
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quéda cá sinto o fragor!
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
Nest'hora solemne — Rogar ao Senhor!

XXXVI

A CONFISSÃO

Que crimes, que o mundo correm,
Que param na *confissão!*
E por ella,
Por temêl-a,
Quantos nascem, quantos morrem
Sem sair do coração!

Oh! Quantos não tem guarida
Nem lá mesmo, a se esconder!
Que nas almas,
Onde as palmas
Da penitencia tem vida,
Não chega o crime a nascer.

É poder da penitencia,
Poder só das leis christãs,
Que seja,
Pela Egreja,
A dôr tambem innocencia,
Que sejam duas irmãs!

Confissão! Sancto preceito,
Que evitas o desesp'rar!
Onde iria,
Da agonia,
Do peso que traz no peito,
O peccador descançar?

Fôra em seio d'um amigo?
Mas quem no homem póde pôr
Confiança,
Se a mudança
Traz sempre unida comsigo
Dos homens o fraco amor?

Irá tomar os desertos
Por confidentes? Não vá,
Se tem medo,
Que o segredo
De seus crimes encobertos
Não fique guardado lá.

Não fica; lá ruge fero
Sempre o crime a quem o tem;
Não se acoute,
Que ouve á noute,
As vozes que ouviu já Nero
Junto ao sepulchro da mãe.

Se os homens, se a natureza
Assim são c'os vicios meus,
Que ventura,
Tão segura,
Poder achar á fraqueza
Um perdão aos pés de Deus!

XXXVII

OS PATRIOTAS

—Quem vem lá?—A caridade.
—Não conheço; alto ahi!
Não passa, que á liberdade
Sentinella faço aqui:
D'onde vem c'o seu rosario?
—D'onde venho? Do Calvario,
Nasci, criei-me co'a Cruz.
—Arreda de taes bisarmas!
Ó patriotas, ás armas,
Que esta gente é de Jesus!

—Esp'rai, talvez enganada
Fosse em França por meu mal,
Cuidei que esta era a fallada
Terra fiel, Portugal.
—A terra é aqui, mas agora
Não se admittem de fóra
Senão soldados ou reis,
O mais é tudo de casa,
Por isso não fazeis vasa,
Co'as coisas que cá trazeis.

—Mas...—Não passa, tenho dicto;
Estrangeirice! Isso não!
Se fosse um livro bonito,
Alguma Constituição,
Ou cabelleireiro ou dentista,
Ou dançarina ou modista,
Isso podia passar;
Porém coisas que tem p'rigo,
Não passam aqui, comigo,
Sem eu ás armas chamar.

—Pois de p'rigo ou extrangeira
É a Cruz que trago aqui?
—De certo, que essa bandeira
Tem Jesuitas por si;
Nada! Cruzes só cá feitas,

Só nacionaes ás direitas...
E até d'aço as temos cá.
—Oh! Esta os povos fazia
Todos irmãos.—Quem diria,
O atrazo em que a França está!!

—E com a Cruz confortar-vos
Vinha no leito da dôr,
Vinha os filhos ensinar-vos
Só por amor do Senhor.
—Sendo mulher?! Que maldade!
Arriscada a castidade
D'um patriota talvez,
E aos filhos... ó patriotismo!...
Ensinar-lhe um christianismo,
Que falla a Deus em francez!!

—Então Deus?...—Olhe, se louca
Não está, fuja d'aqui,
Em lhe ahi vendo essa touca,
Verá o que vai por ahi!
—Viram-n'a já protestantes,
E por terras mais distantes
Viram-n'a os turcos tambem;
E nenhum...—Já nós lá vamos!
Muito bem! Quer que sejamos,
Como os turcos! Muito bem!

—Ai! Padres!—Que é? Quem são estes?
Sotainas! Temos peior!
Fostes vós que os cá trouxestes?
— São Ministros do Senhor.
—Ah! São frades! Cérca, cérca!
Ás armas! Fogo! Não perca
O patriotismo esta vez.
A eito, fogo...! pedrada!
Bravo! Assim, rapaziada,
Assim é que é portuguez!

Agora por este lado,
Patriotas. Quem vem lá?
—Um vosso fiel alliado,
Que vem prégar-vos por cá.
—Que prégas tu?—Reformada
A crença que andava errada
D'andar dos Papas na mão.
—Pois sim, préga; haja egualdade,
Tolerancia e liberdade
A qualquer religião.

XXXVIII

O BUSSACO

I

A que vens, caminhante, á erguida penha,
Solitaria, saudosa, melancholica,
Socia amiga de peitos lacerados,
D'antiga penitencia sacro asylo,
Onde, ainda, ao descair da tarde,
Cuidarás na floresta ouvir plangente
A voz do foragido cenobita
Em soluçada prece misturar-se
C'o murmurio da rapida torrente,
E c'o som compassado e gemebundo

Dos longes campanarios?!... Que procuras
No deserto mosteiro, entre estas sombras
De cedros seculares, fartas prégas
Do aveludado manto verde-negro,
Com que a serra se veste, a luz coando
Temp'rada e sismadora para tristes?!

II

A que vens, caminhante? Aqui não tragas
Do mundo os pensamentos. Deixa á porta,
Ao pé d'aquella Cruz e da caveira,
A terrena illusão, os vãos desejos
De mentidos prazeres, as memorias
Da existencia fallaz, das breves flores,
Que exornam, como escarneo, para o tumulo
A orgulhosa victima da morte.
Olha... bem vês o monte alçar os braços,
Co'as mãos de pedra separar a coma,
Por entre as nuvens estender o collo,
E ao céu voltar o rosto de granito!
É o austero Bussaco! Acostumou-se,
No trato penitente de seus monges,
Á saudade de Deus e ao desengano,
Do que vai pela terra. Não, não peças
Ao filho da soidão d'essas idéas,
Que se criam distantes, lá embaixo,
No enxamear dos homens. Vem, mas traze

Comtigo o coração, chagado embora,
Movido á paz suave, e o fogo d'alma
Encaminhado ao menos ás alturas,
D'onde baixára a accender-te a vida.
Vem, se vens já co'a mente apparelhada
Ao rispido voar das aguias do ermo;
Se na meditação repouso buscas
Ao cogitar confuso, ás luctas intimas
De candentes paixões; se já soubeste,
Por espinhos da dôr contando as horas,
Anciar no retiro um marco apenas,
D'onde em pé, como nauta apercebido
Que pairou a tormenta sobre a amarra,
Visses as vagas serenar, e a escuma,
Dispersa em rôlos tremulos, sumir-se
Pelas longinquas orlas do horizonte!

III

Não vens assim?... Suspende o passo ousado;
Deixa que, livres de importunas vindas,
As tortuosas sendas se emmaranhem,
Chorando, ao romper d'alva, em crystaes puros,
Gemendo, ao pôr do sol, em soltas folhas,
Pelos passados tempos, co'a saudade
Do roçar do burel e das sandalias
Do pobre Carmelita. — Não olhaste
D'além, de noroeste, inda esta serra?

Não viste que semelha immenso tumulo,
Como de industria posto, a dar aviso
Aos felizes, aos fortes, que não venham?
Elles que sabem, prodigos da vida,
Com mortos conversar? Que diz a pedra
D'apagada inscripção e a Cruz musgosa,
Que occiosos errantes comprehendam?
Elles que podem vêr, elles que podem
Ouvir na solidão?... Que dizem fontes
No susurro monotono das aguas,
Na poeira de prata, sacudida
Da aza da viração, que esmalta a relva?
Que diz a verde balsa em labyrinthos
De phantasticas grutas, e nas doces
Queixas de suas aves magoadas?
Que diz o cedro a prumo, topetando
Co'as estrellas do ceu, cingido d'hera,
Que em lustrosa espiral sobe constante,
A segredar-lhe amores com que esqueça
Aqui seu patrio Libano? Que dizem,
Á sombra d'elle, os echos memorando
O monge que o cá trouxe, e que passara,
Homem e talvez sancto, mais sem rasto,
Mais depressa, mais fragil, do que a prole
Da tenue sementinha transportada
Dentro da parda manga? Que diz nunca
A gelados ouvidos a harmonia

Dos indistinctos sons mysteriosos,
Que suspiram na selva e nos penhascos,
Na planicie e no monte, ás horas languidas
De indeciso crepusculo? Qual d'elles
Sabe a lingua que fallam as correntes
Na esmeralda do valle, argenteas cordas
Por invisivel mão tangidas na harpa
Sonorosa da terra? Qual sentira
Arrobar-se-lhe a alma nas tristezas
D'esse ermo azul dos afastados mares,
Quando vem sem temor a casta lua
Preguiçosa banhar-se, e, embalada,
Parece adormecer nas fôfas ondas?
Longe passem, vão longe, esses; não podem
Por aqui deleitar-se, que o Bussaco,
Filho rude de inculta natureza,
E cuidado de mãos que só sabiam
Vaidades açoutar, não tem, coitado,
Com que agrade aos do mundo ambicioso;
Como eu não tenho, trovador humilde,
Canções que lhes contentem. Fujam, fujam;
Não tem nenhum de nós com que regale
Curiosidades vans; ávante, passem!...

IV

Mas bem vindo, bem vindo se és d'aquelles,
Do sepulcro attrahidos; se em ti sentes

Fundas crenças, ou fundas amarguras.
Vem então, vem comigo, iremos juntos
Pascer o coração d'essas lembranças
De mais piedosos dias, e ao mosteiro
Pedir c'os olhos humidos as vozes
De seu povo proscripto, o sancto exemplo,
O conforto, o conselho, a luz perenne,
Que fulgurava aqui; pedir ao côro
Os seus filhos, em renques, cabisbaixos
A orar pelos homens; ás paredes,
De cortiça forradas, os segredos
Das sanguentas asp'rezas contra a carne;
Á cella, á dura lage, ao Crucifixo,
O longo pranto, d'olhos encovados
Pela assidua vigilia penitente;
Recordar no callado dormitorio
Do macerado monge os tardos passos,
Das chaves o tinir na mão, convulsa
Da abstinencia e dos annos; lá, na entrada,
Aprender no fervor do vulto grave,
Animado na tela, os pensamentos
Do velho frade á Cruz cozendo o peito;
E na pendente lettra, esteril hoje,
O preceito que dava ao recem-vindo,
Como lugar de *bus*, lugar de *saco*.
Vem, vem, iremos ambos ajoelhar-nos
No chão da muda Egreja, e, presa a vista

Na face linda, angelica, mas triste,
Da terna Magdalena, saberemos
Como nas chagas d'alma aqui devia
Cahir suave e animador o balsamo
Das lagrimas sinceras, quaes lhe manam,
A baga e baga, tumidas rolando
De seus formosos olhos em diamantes
Sobre as rosas purpureas, assombradas
De loura, solta trança; vem no Claustro;
No viuvo jardim, unico luxo,
Ao monge permittido, antes remedio
Ás poucas horas d'ocio; nos alfobres
D'abandonadas hortas, que recata
O gigante arvoredo; ao pé do tanque,
Onde a agua fervendo espadanava
Frescuras, pela tarde, ao solitario;
Lá na *Porta de Sula*, alegre termo,
Inesp'rado descanço á dura trilha
Da tortuosa ingreme vereda;
Na saudosa e amena *Rua do Horto*,
Por entre as aveleiras prateadas,
Com alamos e platanos toldando
A alcatifa de musgos, mais macia
Que um tapete oriental; na curva lapa,
D'onde em cachão a *Fonte Fria* rompe,
E vai de quéda em quéda despenhar-se
Alem no fundo val; junto ao *Pretorio*;

Em toda a *Sacra Via;* no *Calvario;*
E mais alto, mais ainda, na *Cruz Alta,*
D'horizontes sem fim, que descortina
Um immenso estendal d'outeiros, campos,
Vinhas, prados, arneiros, rios, valles,
Cidades, villas, povoações diversas
De sete episcopados; vem comigo
Piedoso gemer, chamar, em tudo,
O monge que aqui falta, os echos mortos,
A penitencia expulsa, aquellas horas
De virtuoso viver, o som do bronze
Na torre á meia noite, e o das sinetas,
Respondendo da mata, veladoras,
Por mão do eremita, inda abrigado
Em mais austeridade nas capellas,
Aqui, além sumidas pelo bosque,
Como violetas tímidas, brotadas
Da devoção sublime, como affectos,
Que inda se aninham mais no íntimo seio,
A recender perfumes dos que os anjos
Invejam para Deus talvez aos homens!

V

Ó loucura d'um seculo descrido!
Porque em paz não deixaste a crença ardente,
Que vivia de lagrimas e dôres,
Consagradas ao céu? Que crime havia

Em trazer pelas fragas os joelhos,
Nos espinhos do chão poisar a fronte,
E dia e noite, na oração gemida,
Applacar, contra ti incendiadas,
As iras do Senhor? Aos teus prazeres
Que fazia o cilicio ensanguentado
Debaixo do burel? Á tua sêde
De goso mat'rial que lhe faltava,
Lá fóra em tanta terra? Inda era estreita,
Sem esses poucos palmos onde abria,
Por suas mãos um frade, a sepultura?
Que mal fazia ao mundo quem do mundo
Tão pouco o contentava? O mundo!... Cego!
Que outro braço rasgou mais terras bravas,
Mais ondas devassou, domou mais gentes,
Fundou mais povoações, juntou assiduo
Maior thesouro de sciencia e lettras?
Que outro braço lidou mais victorioso,
Servindo a Fé, servindo a humanidade,
E das conquistas dando as ricas pareas
Todas a Deus e á patria? Cincinnatos
De novo e mais subido desint'resse,
Como os homens, ingratos, vos pagaram!
Talvez que mesmo aqui do frade a capa
Homisiasse, um dia, alguns, que, sofregos,
Depois sobre ella sortes lhe lançaram,
Ao tomarem a rol os vasos sanctos,

Que, do altar despojado, iam levados
De Balthazar á festa!... Loucos! Loucos!
A vossa obra foi má. Se sois sinceros,
Crede sincera a voz, que, nas ruinas,
Deplora o fatal erro, isenta d'odios.
Que importam arraiaes, bandeiras, pugnas
De encontradas paixões? Ao cabo, a todos
Um arraial sómente e uma bandeira,
O cemiterio e a Cruz!

VI

Como se extingue
Alli todo o zumbir do fraco verme,
Que se diz, e se crê, e em si se sente
O rei da criação! Como é de canna
O seu sceptro pod'roso! Qual lhe passa
Ante os olhos o insecto d'um só dia,
Assim elle ante Deus! E tanto affinco
Ao quebradiço barro, tantas luctas,
Tanto lidar insano! Ao menos, tenha
N'esse campo commum suave somno,
Que só dá travesseiro de virtude!
Quantos o dormem tal? Não sei; mas d'esses
Muitos iam do claustro. Atravessavam,
Ignorados heroes, a vida inteira
Em peleja cruel comsigo mesmos;
O homem contra o homem que ha cá dentro,

Dos inimigos seus o mais terrivel!
E triumphavam d'elle, sem que a gloria
Nem o nome sequer, de illustre exemplo,
Lhe soubesse ninguem, ninguem guardasse
Na memoria!... Soldados valorosos,
Que morrestes na brecha, não se falla
No exercito de vós! Embora! embora!
Hei-de em meu canto, ao menos, memorar-vos!

VII

Riam, se querem, levianos d'hoje,
Riam do bardo crente, que inda frades
Se atreve a recordar, que inda não soube
Aprender da calumnia, e vem ousado
Modular-lhes canções!... Alguns ouvidos
Haverá que me escutem; d'alguns olhos
Verei lagrimas puras; porque o vento
De torpe corrupção não queimou tudo!
D'aqui, d'estas alturas do Bussaco,
Chamo na voz saudosa os frades idos,
E pelo reino todo escuto, ao longe,
Tambem saudosos echos a chamal-os!
Hão-de vir, hão-de vir. A liberdade
Do Calvario é que traz sua corrente;
Aquelle que a lá deu na Cruz ao mundo,
Seu sangue derramou, não o dos outros;
Doutrinou, não fez força ás consciencias;

Expulsou vendilhões, não os levitas;
E ensinou a deixar, para seguil-o,
Tudo o que prende á terra! Oh! Não, não póde
Ficar assim proscripto agora o monge,
Porque o Mestre seguiu; porque só tinha
Por bens as preces, por familia os pobres,
Dando-lhes pão do corpo e pão da alma;
Porque andava comido dos cilicios,
Ou d'homens pescador, co'a Cruz ás costas,
A resgatar-se e resgatar os povos,
Sem mais sangue verter do que o seu proprio!
Oh! Não, não póde ser que o frade fique
Para sempre punido, errante, oppresso,
Em terra de christãos escarnecido,
Por este crime só — porque sabia
Fazer bem, e morrer sem epitaphio!
Os frades hão-de vir. Como que o dizem
Aqui as mesmas pedras! Possa eu vêl-os!
Mas os que os virem, vêr-lhes-hão alçadas
As mãos ambas ao céu, dando só bençãos,
E sincero perdão aos que lhes deram
Do seu longo desterro as fundas dôres!

XXXIX

A LORD BYRON

O genio não póde, por grande que seja,
Cobrir injustiças, não póde, isso não;
Em vez de elevar-se no vôo, rasteja
Se em vez da verdade só eleva a paixão.

Poeta, és injusto; nem era essa a furia
Que os vates pediam ás musas na voz;
A tua é de louco; a um povo essa injuria
Deshonra-te a lyra e a ti, não a nós.

Porque é que assim mentes? Porque é que assim lanças
Aos ventos da terra de nós fama tal?
Vingança?! E são estas d'um Lord as vinganças?!
Que culpa em teus vicios terá Portugal?!

A nossa ignorancia achaste tão rude
Por serios maridos achar inda aqui,
Que, quando buscavas manchar a virtude,
Nas costas as manchas te punham a ti?

Por isso é que somos um povo de escravos?!
Mas quaes a teu modo quizeras cá ver?
Seriam maridos talvez menos bravos?
Seria mais livre talvez a mulher?

Oh! Deixa a esta terra sua vida grosseira,
Não sabe, coitada, qual vós lá sabeis,
De corda ao pescoço, vender n'uma feira
As pobres mulheres, e á sombra das leis!

Não sabe, coitada, nas trevas em que anda,
Co'a tua de livre tomar as lições,
E mais bem patentes nos pulsos a Irlanda
Lh'as mostra gravadas em negros vergões!

Não sabe, não póde com tal liberdade;
A sua comsigo no berço a aprendeu,
E só e pequena e tenra na edade
A antigos escravos o exemplo lhes deu.

A antigos escravos, então pescadores,
Ahi n'umas ilhas sem nome inda ter;
Tão cegos ás plantas de duros senhores,
Que o mar, que os cercava, nem viam sequer!

E foi-lhes mostrando suas leis genorosas,
E foi-lhes mostrando que havia esse mar,
E foi-lhes mostrando, co'as mãos animosas,
Das leis e riquezas a trilha a trilhar.

Na estrada que viam de longe com susto,
Seus lenhos humildes entraram a pôr,
Ainda em suas ilhas não crendo sem custo,
Que o mundo podesse ser mundo maior.

Vieram submissos; e então inda nojo
Da nossa immundicia nenhum leva lá;
Se os visseis, fidalgo! se os visseis de rojo,
Aqui, n'esta lama que temos por cá!

Mal crêras que fossem teus paes, nobre bardo!
Porém não os culpes, vem já dos avós;
Não eram soberbos; a um nosso bastardo
Traziam princezas, honrados por nós.

Se prompta era a offensa e o braço remisso,
Qual em ti, só os fracos sabendo insultar,
Os fracos pediam, e o nosso Magriço
Lá ía ás suas damas a honra vingar.

Não sei se em tuas veias o sangue d'alguma
Ingrato girava, mas certo o que sei,
É que entre os carinhos não vira nenhuma,
Que a roupa dos doze não fosse de lei.

Tambem dos vencidos se a affronta inda arde
Nos versos do neto não sei, sei que vens,
Addindo-lhe a herança do exemplo covarde,
Ousar pôr nos outros as nodoas que tens.

Nem póde espantar-nos que esqueças, vaidoso,
Façanhas antigas dos nossos, então,
Se as d'hontem, sem pejo, talvez invejoso,
Transformas e roubas com voz de villão.

Pois fallas sómente na espada britanna,
Que pões sem int'resse brandida no ar,
C'roando-a dos louros que a mão lusitana
Lhe sabe, lhe ensina, lhe ajuda a ganhar?!

Pois tu este reino não viste, na guerra,
D'Albion ir ao lado suas armas medir
Co'as armas da França, deital-as por terra,
E os gemeos int'resses da Europa servir?!

Desminta-te o mundo, se a ti te não basta,
Nem mesmo o que attestam tous proprios irmãos,
Desminta-te a França, que, ao menos, não gasta
Em féros seu genio, em féros tão vãos.

Lá fomos, e sempre da guerra essa gloria,
Que os teus impostores tomavam a si,
Foi nossa ou de todos, que nunca a victoria
Sósinhos quizera c'roar-vos alli.

Um dia, sim, houve que Albion companheiro
Então não tivera, sósinha entre mil,
Foi quando ao vencido saiu carcereiro,
Foi quando á desgraça saiu algoz vil.

Mas Deus, que não dorme, deixou inda uns velhos
Que viram a infamia, por vêl-a vingar,
D'Albion a rainha lá foi, de joelhos,
Ás cinzas illustres a fronte curvar.

Que pena, orgulhoso, de veras, que pena,
Que já tu não visses Albion, tambem só,
Alli, onde a historia gravou = Santa Hellena =
= Perdão = ir gravar-lhe c'os labios no pó!

Porém sob a lousa socega em teu somno,
Que Albion como sempre seus usos guardou;
Temia, e bem sabes que quando do throno
Se prostra em baixezas, temeu ou lucrou.

Por isso os pod'rosos navios que dizes,
No Téjo só viras a dar protecção,
Tambem pouco antes, em dias felizes,
Se vens, os verias pedindo perdão.

São poucas, mas firmes, as linhas que escreve
Com mão inflexivel severo Pombal,
São poucas mas bastam: Albion inda teve
Então de curvar-se ao meu Portugal.

Talvez n'esse tempo tu mesmo acharias
Aceado e luzente tudo isto, talvez;
E até só com vascas á mente trarias
A sordida vida do povo albionez.

Talvez que ás cabanas da nossa indigencia,
Mas onde é bem raro de fome expirar,
Então comparando, ao pé da opulencia,
Por dentro as de Londres, soubesses córar.

Talvez que a batata, minguado resumo
De sangue suado, se o rico a deixou,
Então te dissesse que a terra do fumo
C'o fumo das galas mais negra ficou.

Nos bosques e valles as Cruzes que contas
Por cá aos milhares, sem ser devoção,
Só marcos sanguentos, quaes tu as apontas,
Das leis em opprobrio, do crime em padrão;

Talvez que as julgasses então monumentos
Piedosos, erguidos em honra do céu,
Talvez que a lisonja nos teus pensamentos
Pozesse a verdade que a raiva escondeu.

Talvez que os milhares não fossem já tantos
Bradando assassinio; só se inda tambem
As vistas das vinhas, que cantam teus cantos,
Tivessem a força que o seu vinho tem.

Oh! D'elle bem sabes, se és tu digno filho
D'Albion sequiosa, bem sabes que faz
Mil coisas só d'uma, e tira ou dá brilho
A tudo o que aos olhos pulando lhes traz.

Tambem já lembrado talvez então visses
O muro que a Hispanha separa de nós,
Os montes e os rios; e nobre sentisses
Um nobre respeito por nossos avós.

Talvez que soubesses que o muro, era a espada
Dos livres e fortes, de heroico valor,
Os montes, os mortos na patria ganhada,
Os rios, o sangue do patrio amor.

Agora... não sabes, da espada partida
Nem mesmo já lembra por lá entre os teus
A rica bainha, que inda anda, fundida,
Brilhando nas opas d'uns novos judeus.

Ah! D'essa se houvesse mais prata ou mais ouro,
Uns restos do punho, do cinto ou fiador,
Mordiam só n'isso, remindo o desdouro
Com que hoje se esquecem do seu bemfeitor!

Mas já que não temos mais ouro ou mais prata
Que a elles memoria lhes compre sequer,
A historia nos vingue; remorso ao pirata
Diante do mundo que a historia vá ser!

Só essa vingança!... Se é que as batalhas
Da India e Criméa já nuncios não são
De que essas soberbas um dia mortalhas
Nas velas que ostentam apenas terão!

E tu, ó poeta, não faças espanto
D'ouvir em tua campa taes vozes cair,
A paz para os mortos quebrou-a o teu canto,
Que veiu na campa d'um povo cuspir!

XL

A ESMOLA

Dai, minhas filhas, ao pobre
Esmola dai;
Dai, que vereis que esse cobre
Em ouro sae
Depois na morte e na vida;
E seja esta a mais querida
Lição de pai.

Vem d'Aquelle Pai Supremo,
Que está nos céus;
Que a todos no amor extremo
Fez filhos Seus,
E cem por um promettera
Do que aos pobres cá se dera,
Que é dado a Deus.

Dai, mas dai sem vaidade
No bem fazer;
Vê Deus mais a caridade
Que se esconder:
Na esmola melhor acceita,
Nem a esquerda da direita
Ha-de saber.

Dai, dai sempre, lembrai-vos
Que já não tem
Quem teve hontem; receai-vos
Por vos tambem;
Dai, que do rico as migalhas
São d'um pobre em pobres palhas
Todo o seu bem!

Lembrai-vos que em quanto á meza
O rico está,
E dos pratos, que a riqueza
Escolherá,
Escolhe ainda qual come,
Na rua o pobre com fome
Morrendo irá!

Que em quanto o rico, abafado
Ou ao fogão,
Ri do frio, que gelado
Traz ar e chão,
Vai descalço tiritando
Na rua o pobre e chorando
Sem lume e pão!

Que em quanto o rico em tal festa
Anda a dançar,
E que em fausto alli não resta
Que desejar,
Andam na rua em desgraça
Muitos pobres; e quem passa
A murmurar!

Que em quanto o rico, em seu brilho,
Esperdiçou
O ouro em dixes, que o filho
Logo quebrou,
O pobre aos tristes filhinhos
Só póde dar-lhes... carinhos
Se algum chorou!

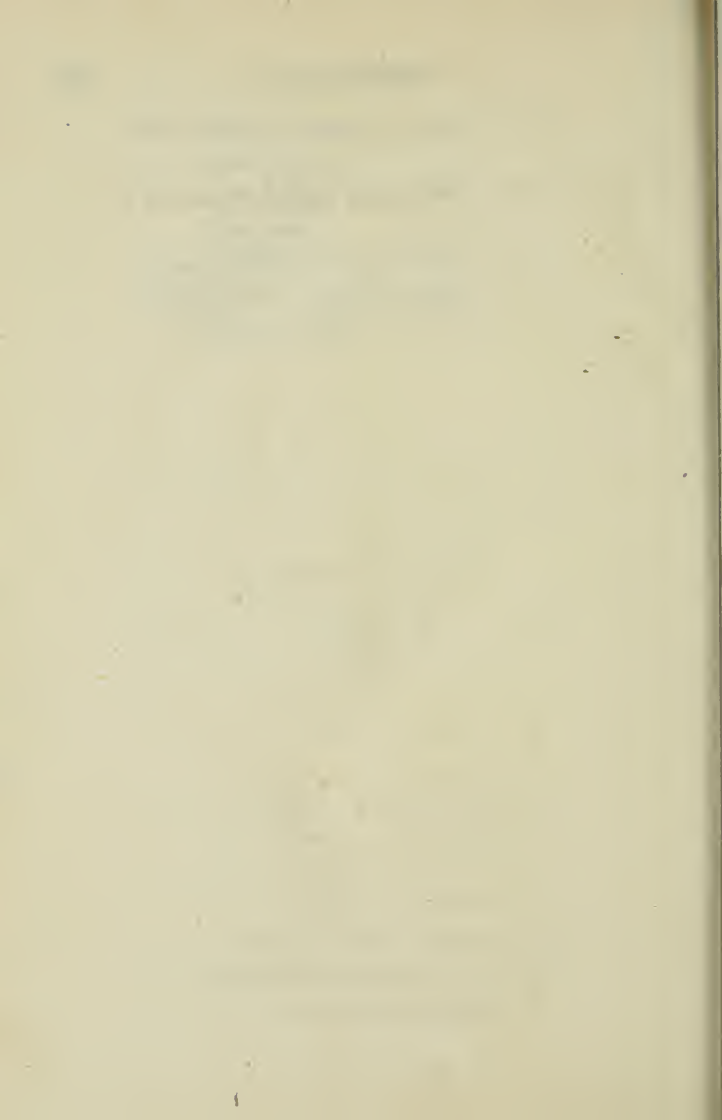
E do que ao rico sobrava,
Só d'isso, sim,
Quantos prantos que enxugava
Ao pobre assim!
E dos prantos enxugados
Que juros amontoados
No céu por fim!

O anjo da guarda vôa
Ao céu veloz,
Abre o livro e a acção boa
No livro a poz,
Por que Deus a conta veja
E descontada nos seja
No mais a nós.

Mas tambem, tambem na vida
A esmola é flor
Logo em fructo convertida
Pelo Senhor;
Basta a bençāo da indigencia
E por dentro a consciencia
Com seu louvor.

Pois quem da esmola não sente
Tão doce vir
Aquella voz, já contente
Ao despedir?
Quem não sente que na alma
Então a primeira palma
Começa a abrir?

Oh! Minhas filhas, a esmola,
Joia da fé,
Faz da mão, que a dôr consola
Quando a dôr vê,
Que por mão divina a tomem,
Pois como Deus n'isso o homem
Quasi então é!

Dai, minhas filhas, ao pobre
Esmola dai:
Por vosso brazão mais nobre
Esse tomai;
E em quanto fordes na vida
Esta vos seja a mais querida
Lição de pai.

COMPOSIÇÕES

DO SR. F. G. D'AMORIM

A QUE O AUTHOR SE REFERE NA ADVERTENCIA.

A JOÃO DE LEMOS

Tens um éstro fulgurante,
Meu inspirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thesoiros
Coroas de verdes loiros,
Doce voz para cantar;
E a mim, em vez de cantos,
So me deu acerbos prantos,
E o coração para amar.

Se não és dos orgulhosos
Que repélem com desdem
Os testemunhos saudosos
Que da grandeza não vem,
Os meus affectos acceita;
Nenhum coração rejeita
Affecto como este meu;
Divergem nossas ideias,
Porém eu tenho nas veias
Sangue egual ao sangue teu.

Sômos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões,
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu brasão.
Tu és um rei da harmonia,
E eu amando a poesia
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes;
Mas que importam differenças
Sendo nós ambos leaes?
Eu adoro a liberdade

Porque foi a Divindade
Que no berço me embalou,
Criei-me junto com ella,
E vendo-a joven e bella,
Minh'alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares
No meio dos vendavaes:
Da America nos palmares,
E em seus rios colossaes.
Toda a terra achei liberta;
A minh'alma sempre aberta
Captiva jamais se via,
E sempre o meu pensamento,
Sem nenhum constrangimento,
A minha voz traduzia.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver:
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao seu poder:
E sem susto da metralha
Já nos campos da batalha
Contra ella o braço ergui:
Já, nas fillas ignorado,
Da liberdade soldado,
Sua causa defendi.

E tu, vate harmonioso,
Tu segues diversa lei;
Eu só Deus julgo pod'roso,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não póde ser esquecida,
Nenhum de nós a perdeu;
Tu sonhas com monarchia,
E eu?... a esp'rança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim a liberdade,
Para ti a magestade,
Entre os dois eterno amor.
Para nós é morta a guerra;
Seremos sempre na terra
Tu poeta—eu trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho tambem sympathia
Brotando em meu coração;
E foi por ella animado

Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar;
Quiz minha lyra singela,
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flor enlaçar.

F. GOMES D'AMORIM.

O FUNERAL E A POMBA.

(PARAPHRASE DA COMPOSIÇÃO, QUE COM ESTE TITULO SE LÊ A PAG. 213.)

I

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
O canhão inimigo já não troa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de solta aos ventos, a bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arrayaes contrarios?
Tambem lugubremente dobram sinos,
E o tambor, despedindo acentos roucos,
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funereos crepes,
Acompanhamos com silencio fundo
Os despojos reaes, e em torno as tochas
Tremulos fulgem!

Quem ergue a voz nos arrayaes contrarios?
Vão cobertas de luto as nossas alas;
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas!

De cá perdemos Mãe, Rainha, e tudo;
Vassallos, filhos, com a dôr se prostram;
De lá, seus inimigos, porque gemem
Lagrimas tristes?

Que voz se ergueu nos arrayaes contrarios?
Acaso o tempo, com a mão sinistra,
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São os nossos irmãos; vêde-os agora,
Que a dôr mostrando nos calados vultos,
C'o a nossa perda, morre-lhe nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Sanctificam vossa fé;
Respeitamos-vos de pé!
Doeram-vos nossas maguas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração;
Chorae, chorae d'esse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra
Não nos guia a mesma luz;
Finde a guerra junto á Cruz!
Quem com seus irmãos pranteia
Não póde ter causa alheia:
Contrarios, perdão egual!
Nenhum lado se envilece,
E nós fazemos esta prece
N'um recinto sepulchral.

Aonde a melancholia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguem descortez;
Tudo aqui é portuguez!
A dôr que estala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar o soffrer;
Todos aqui vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras,
D'antes quebrar que torcer.

Todos nascemos soldados,
E pela dôr consternados
Oramos c'o a mesma fé;
Eia, pois, todos de pé!
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira
Nos esqueça a proscripção;
Dos odios se acabe o grito,
Vinde, amigos do proscripto,
Cessae de gemer em vão.

Não renegaes vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que tem vinte annos por si;
Mas podem unir-se aqui!
A união, por Deus sagrada.

É dever da crença herdada
E ha-de por fim triumphar.
Teve o throno o seu Calvario;
Repasse o pranto o sudario
E venha a dôr consolar.

Militando em campo opposto,
Banhastes o nobre rosto
Do pranto que a magua dá:
Em jorros brota de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos commum lei;
Choremos, pois, a Rainha,
Foi do vosso Rei Sobrinha,
E era Mãe do nosso Rei.

III

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr!

Aos inimigos não basta
Vêr os orphãos sem ventura
C'o este mal!
Mal que doera a madrasta,
Quanto mais á magua pura
Filial.

Vêde-o como vae sem fausto,
Esse corpo que da alma,
Enviuvou!
Enviuvou tambem exhausto
O rancor que viva palma
Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr!

Oh! se orando aqui por Ella
Nossa união renascesse,
Para Deus!
Deus nos faria inda vêl-a.
Pelo bem que nos fizesse,
Lá dos céus!

Todos culpas e erros temos,
Fomos todos desterrados
D'esta Mãe;
Mãe patria—Pois não seremos
N'este voto acompanhados
Cá tambem?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
E, flôr no tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa,
Deixa a dôr!

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilhou n'um dos coches,
N'esse em que a morte descerrara o veu!

Sóbe o vapôr da etherea chamma ao alto,
E condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave,
Que os olhos fitam sem poder cançar.

E logo ao carro da corôa vê-se
Que a meiga pomba sem temor voou;
Seria um Espirito que alli vinha agora
Vêr ainda a terra aonde já poisou?

Paz no futuro presagiando á c'rôa
Seria uma alma que alli vinha assim;
A abençoar do alto d'esse carro
Todo o seu povo reunido emfim?!

Certo, era um Anjo que descia ao povo,
E vinha unil-o por favor do Céu;
Porque apparecia nos portaes da Egreja
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste d'aquelle que do fundo da alma
Estes avisos do Senhor não vê!
Que não decifra no ethereo livro
Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma, ou pomba, como luz d'esperanças,
Fulgiu na c'rôa que passava alli,
Que do Céu veiu juram-no mil boccas,
Que ao Ceu voara dizem todos—vi.

E do passado arrependida e triste,
Como um só homem a nação gemeu;
E a voz da Egreja, no luctuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repousa na paz;
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era Sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Foi a alma da Mãe, que veiu tranquilla
Na c'rôa do Filho saudar Portugal.

Foi Anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado, as pazes fazer,
Que a pomba descia dos altos sacrarios
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'rôa e do reino, sabia-o a pomba;
Porém d'este reino é Filho tambem,
O Rei, que ajoelha na lousa que tomba,
De todos querido, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e unidos na prece,
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na lousa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

F. GOMES D'AMORIM.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE